

T
260
P.1

CARLOS EUGENIO LIBANO SOARES

"A NEGREGADA INSTITUIÇÃO":
OS CAPOEIRAS NO RIO DE JANEIRO
1850-1890

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.
Orientador Prof. SIDNEY CHALHOUE

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 14 / 12 / 93 /

Schalho

Novembro de 1993

T
260
P.1

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

SUMARIO

Agradecimentos.....	3
Introdução.....	6
Capítulo I: De Malungos e N'Golos: Origens.....	4
Capítulo II: Dos Nagôas e Guayamús:	
A Formação das Maltas.....	58
Capítulo III: De Cativos e Menores:	
A Composição das Maltas.....	136
Capítulo IV: De Fadistas e Galegos:	
Os Portugueses na capoeira.....	215
Capítulo V: Da Flôr da Gente à Guarda Negra:	
Os Capoeiras na Política Imperial.....	260
Capítulo VI: De Siqueira à Sampaio:	
As Ondas da Repressão.....	352
Conclusão.....	447
Fontes e Bibliografia.....	452

Capoeira é homem.

Um dos característicos do homem é viver com o seu tempo. Ora, o nosso tempo (nosso e do capoeira) padece de uma coisa que poderíamos chamar de erotismo da publicidade. Uns poderão achar que é achaque, outros que é uma recrudescencia de energia. Seja o que for o facto existe, e basta andar na aldeia sem ver as casas para reconhecer que nunca essa espécie de infecção chegou ao grau que vemos.

Machado de Assis, Crônicas, Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 4º volume, 1937 p.225 .

INTRODUÇÃO

A capoeira enquanto manifestação cultural é um tema debatido por uma infinidade de abordagens diferentes. Sociólogos, antropólogos, folcloristas, uma gama de especialidades diversas tem deixado sua marca e sua visão na conceituação dessa temática tão típica do Brasil.

Quanto ao bloco dos estudos historiográficos da escravidão moderna o tema da capoeira ainda permanece pouco enfocado. Nos últimos dez anos temáticas como família escrava, resistência, economia da escravidão, transição para o trabalho livre, papel político dos escravos, ideologias do escravismo, escravidão de senzala e escravidão urbana tem alcançado volume considerável de teses de pós-graduação e publicações.

A capoeira quando abordada pelos historiadores da escravidão vem sempre acoplada ao tema mais abrangente da escravidão urbana. Um horizonte vasto de enfoques já foi produzido nessa área. A mulher negra, escrava ou livre, e seu papel no mercado informal de rua(1), a visão dos viajantes estrangeiros sobre a mulher escrava(2) e seu papel na sociedade. A própria leitura que estes estrangeiros tinham da sociedade urbana do Brasil do século XIX, e seu impacto na historiografia,(3) são alguns dos temas fragmentariamente citados nas interpretações da escravidão nas cidades.

Os estudos clássicos sobre escravidão, desde a obra de Gilberto Freyre(4) até a estudiosa da Bahia Kátia Queiroz Matto-

so(5) tem pontilhado as singularidades do regime do cativo nas grandes cidades brasileiras do século XIX. Mas somente à vinte anos que o Rio de Janeiro tem sido presença corrente nestes estudos. Desde a obra pioneira de Mary Karsch(6) passando pela dissertação da professora Leila Mezan Algranti(7) e a tese de doutorado de Luis Carlos Soares(8) a história da escravidão no Rio de Janeiro passa por uma severa revisão.

Por mais que a capoeira continuasse abordada fragmentariamente(9) estava aberto caminho para novos problemas, incorporando também questões mais gerais.

O centenário da abolição foi um celeiro de novos trabalhos. A política dos escravos, não apenas no cotidiano mas também nos macro-embates da sociedade dominante(10), as leituras possíveis da população escrava no degradingolar da instituição do cativo(11), as formas surdas de sobrevivência escrava nas cidades médias, como São Paulo(12), a criminalidade escrava na Corte(13) e outros temas foram representantes de uma enchente de trabalhos que marcou aquela época.

Essa tese busca trazer a capoeira para esse campo, e incorporá-la enquanto questão tão importante quanto os outros macro-temas já referenciados acima. Buscamos principalmente incorporar o que de mais avançado e renovador tem sido produzido no campo da história da escravidão negra no Brasil, e trazer esse debate para o estudo da cultura e da resistência escrava no Rio de Janeiro dos tempos do cativo.

Certas verdades já sacralizadas pela historiografia tradicional, e que foram sacudidas pelos novos trabalhos da área, tem

questionamentos também nesse trabalho. A resistência escrava enquanto um mecanismo heterogêneo, matizado pela dinâmica cultural, e tendo variados significados, é o enfoque que acreditamos mais fértil do que certas posições "politicamente corretas", mas que não respondem às perguntas da documentação.

A cultura enquanto um processo em constante difusão, e que reflete as relações dentro da sociedade, se intercambiando entre livres e escravos em uma troca permanente, é o conceito que escolhemos como mais capaz de englobar uma realidade complexa e difusa.

A política enquanto um universo de valores marcada pelas peculiaridades de seu tempo, com significados próprios que não obedecem aos grandes esquemas moldados pelos estudiosos, é o aporte que utilizamos ao abordar as relações de poder.

Esses conceitos, mais do que frutos de leitura da revisão conceitual e historiográfica dos últimos tempos, são produtos da interpretação da vasta documentação ainda não compilada sobre a capoeira no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

A capoeira foi um fenômeno que marcou fortemente a vida social da cidade do Rio de Janeiro no século passado. Grupos de negros ou homens pobres de todas as origens, portando facas e navalhas, atravessando as ruas em "correrias", ou indivíduos isolados, igualmente temidos, conhecedores de hábeis golpes de corpo que passaram a tradição como "capoeira", os "capoeiras", como eram chamados, faziam parte integrante da cultura popular de rua de então.

Junto com rameiras, prostitutas, vagabundos, estivadores, malandros, boêmios, policiais, os capoeiras faziam parte da bulhosa fauna das ruas dos tempos da Corte, que assustava as camadas médias e também a elite dirigente. Perseguidos pelo aparato policial os capoeiras foram presença frequente nas páginas do crime do século XIX.

Nessa tese pretendíamos mergulhar no universo social e cultural da capoeira das últimas décadas do século passado. Acabamos encontrando um rico panorama cultural, mesclado de lendas, mitos, e rituais perdidos na metamorfose do século XX. Um panorama que ainda guarda muitos dos seus segredos no cofre do tempo.

Essa dissertação de mestrado se divide em seis capítulos, cujos resumos daremos a seguir:

CAPITULO I. DE MALUNGOS E N'GOLOS: ORIGENS. Entramos no tema pela bibliografia, enfocando desde a virada do século (cronistas e pioneiros) até as teses acadêmicas. Esse debate serve para reunirmos as diversas interpretações sobre a origem do termo "Capoeira", e sua etimologia. O núcleo central desse capítulo é a documentação sobre a capoeira escrava dos primeiros anos do século XIX e seu papel na resistência e na cultura escrava.

CAPITULO II. DOS NAGOAS E GUAYAMUS: A FORMAÇÃO DAS MALTAS. Como se formaram as duas maiores maltas de capoeiras da segunda metade do século a partir de conflitos gestados dentro da comunidade escrava. As diferenças políticas dois grandes conglomerados de maltas. A ritualização dos conflitos. O controle e o "loteamento" da área

e o envio dos capoeiras para o front. A volta como heróis. O confronto com a ordem policial na Corte no início dos anos 1870. A incorporação dos capoeiras como aliados políticos durante a chefia de Polícia de Ludgero Gonçalves da Silva. A repressão desencadeada pelo novo governo liberal. As formas de dissimulação. A simbiose com a polícia. Os capoeiras em processos-crimes. Sampaio Ferraz e a repressão de 1890.

urbana. A presença no mundo militar. As formas de aprendizado.

CAPITULO III. DE CATIVOS E MENORES: A COMPOSIÇÃO DAS MALTAS. Por meio das fichas dos capoeiras presos na Casa de Detenção da Corte descobrimos a composição social dos praticantes da capoeiragem durante cerca de 30 anos (1860-1890) Os padrões ocupacionais e de moradia. Os dados de raça e faixa etária. As variantes sociais durante as três décadas.

CAPITULO IV. DOS FADISTAS E GALEGOS: OS PORTUGUESES NA CAPOEIRA. A participação dos imigrantes lusitanos nas maltas de capoeiras desde o início dos anos 1850. As tradições da mouraria lisboeta se aproximando da capoeira. A presença da navalha como influência lusitana. A troca cultural intensa entre africanos e imigrantes portugueses.

CAPITULO V. DA FLOR DA GENTE A GUARDA NEGRA: OS CAPOEIRAS NA POLITICA IMPERIAL. A participação dos capoeiras na vida político-eleitoral das duas últimas décadas do Segundo Reinado. A importância da Guerra do Paraguai, a aliança com o Partido Conservador na Lei do Ventre Livre. O conflito com liberais e republicanos. O Partido Capoeira na década de 1880. A Guarda Negra como reedição da aliança com os conservadores. A chegada da República e o ocaso político.

CAPITULO VI. DE SIGUEIRA A SAMPAIO: AS ONDAS DA REPRESSÃO. A repressão policial dos tempos da Conciliação. A Guerra do Paraguai

NOTAS DA INTRODUÇÃO

- 1 - REIS, Liana Maria. "Mulheres de Ouro: As Negras de Tabuleiro nas Minas Gerais do Século XVIII" in *Revista do Departamento de História*, FAFICH/UFMG, nº8, 1989, pp.72-85
- 2 - QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Viajantes, Século XIX: Negras Escravas e Livres no Rio de Janeiro" in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, nº28, pp.53-76, 1988.
- 3 - COTTRILL, Robert J. "Comparative Slave Studies: Urban Slavery as a Model, Traveler's Accounts as a Source-Bibliographic Essay" in *Journal of Black Studies* Vol.8 Nº 1, September 1977, pp.3-12.
- 4 - FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1951.
- 5 - MATTOSO, Kátia de Queirós. "Os Escravos na Bahia no alvorecer do Século XIX" in *Revista de História*, ano XXV, Volume XLVIII, São Paulo, 1974, e *Ser Escravo no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1986.
- 6 - KARASCH, Mary. *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850*, Princeton, Princeton University Press, 1987, e "Anástacia And the Slave Women of Rio de Janeiro" in *Africans in Bondage*, Wisconsin, Wisconsin Press, s.d., pp.79-105.
- 7 - ALGRANTI, Leila Mezan. *O Feitor Ausente: Estudos sobre escravidão urbana no Rio de Janeiro - 1808-1822.*, Petrópolis, Vozes, 1988.
- 8 - SOARES, Luis Carlos. *Urban Slavery in Nineteenth Century. Rio de Janeiro*, University College London, University of London, 1988.
- 9 - ALGRANTI, Leila Mezan. "Slave Crimes: The Use of Police Power to Control the Slave Population of Rio de Janeiro" in *Luso-Brazilian Review* XXV, 25:1,1988, pp.28-48
- 10 - REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: A resistência negra no Brasil escravista*, São Paulo, Comp. das Letras, 1989.
- 11 - CHALHOUB, Sidney. *Visões de Liberdade*, São Paulo, Comp. das letras, 1990.
- 12 - WISSEMBACH, Maria Cistina Cortez. *Sonhos Africanos e Vivências Indígenas. Escravos e Forros no Município de São Paulo, 1850-1880*, tese de mestrado apresentada a Faculdade de História, USP, 1989.

13 - ALGRANTI, Leila Mezan. "Criminalidade Escrava e Controle Social no Rio de Janeiro (1810-1821)" in *Estudos Econômicos* São Paulo, 18 (no especial) pp.45-79, 1988.

CAPÍTULO I

DE MALUNGOS E N'GOLOS: ORIGENS

A capoeira tem sido uma das manifestações culturais brasileiras mais estudadas e debatidas. Forma de luta, dança acrobática, paradigma do folclore, ou quaisquer outros significados, ela tem merecido quilômetros de tinta em jornais, revistas, livros etc.

Poucas expressões do que se convencionou chamar no século XX de Cultura Popular tem ocupado um espaço tão dilatado, não somente nas preocupações da intelectualidade, mas no cotidiano e no imaginário daqueles que a ciência social denomina de "Camadas populares".

Nos últimos cem anos o interesse com o tema da capoeira tem crescido vertiginosamente. O leque de abordagens diferentes, produzidas em um século de indagações, dentro ou fora da academia, embora tornasse a bibliografia sobre o tema uma das mais privilegiadas no tocante aos estudos sociais(1), também contribuiu para criar uma "Babel" de significados e interpretações que dificulta certo consenso no campo dos estudos da cultura.

Mas, antes de ser riscada na pena dos literatos, a capoeira correu décadas no labor não tão distinto dos escrivães de polícia. Durante quase todo o século XIX a capoeira, anteriormente a receber o status de expressão cultural, sofreu o estigma de crime. Forma de luta corporal usada principalmente por escravos isoladamente ou em grupos, chamados "malhas", a capoeira...

alvo privilegiado da violência do Estado. Nos primeiros anos do século XIX, entre os marcos da chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, e a Abdicação do primeiro Imperador, em 1831, a capoeira era o "flagelo" das autoridades responsáveis pela ordem social do incipiente Império.

Nessa época crítica da formação do Estado Nacional, como expressão combativa da massa escrava negra-africana, que monopolizava o trabalho na cidade, a capoeira foi canal expressivo da resistência escrava, e por isso vítima permanente da violência senhorial e policial.

O tema desse capítulo é a capoeira como marco da cultura escrava do Rio de Janeiro das primeiras décadas do século XIX. Nossa fonte são os chamados Códices, documentação policial resumida, guardada em grandes livros, e depositada no Arquivo Nacional.

Mas antes pretendemos fazer uma viagem pelo tema da capoeira, em todos os campos dos estudos sociais neste século

Primeiramente vamos abrir um espaço para a bibliografia produzida sobre a capoeira desde a virada do século até os dias atuais. E a forma que encontramos de desenhar o espaço ocupado pela capoeira no pensamento social brasileiro.

Em seguida faremos uma ligeira passagem na etimologia do termo "capoeira" a partir dos mesmos estudiosos aqui lembrados. E só então vamos entrar no universo da 'capoeira escrava', como chamamos a capoeira desenvolvida nos primeiros decênios do século passado.

Em síntese, veremos como, pela ótica do saber letrado, a

capoeira sai do "Mundo do Crime", e entra no "Mundo da Cultura". Por mais que não pensemos estes dois "Mundos" como separados, o dualismo, que tem caracterizado o pensamento científico, e também o senso comum, possibilita arquitetarmos essa transição.

Assim, dividimos os diversos trabalhos sobre o tema desde o final do século XIX em três blocos, a saber: Em primeiro lugar, aqueles que chamaremos de Cronistas e Pioneiros. São os primeiros escritores da temática, geralmente ligados a academia literária, desde o final do século XIX aos inícios do XX. A tônica desse momento era a "recuperação" da capoeira, de um crime banido pelo Código Penal de 1890 em uma "Lucta Nacional", como aparece na pena dos literatos. Essa linha de análise vai desde o eclipse da monarquia até os anos vinte do nosso século.

Em seguida vem os Folcloristas. Nas décadas de 20 e 30 o ideário nacionalista e modernista de parte da elite intelectual produziu uma revisão profunda no olhar desses homens sobre a cultura popular. A capoeira teve lugar de destaque nesta revolução do pensamento e da arte. Manuel Querino, Edison Carneiro, e Luís da Câmara Cascudo são figuras de proa dessa vertente.

No final do século XX a história e a Ciência Social finalmente jogam seu olhar sobre a capoeira. Chamamos esse bloco de Nova Historiografia, na medida que se preocupa com temas e abordagens antes relegados a outros campos.

A nossa panorâmica, que já por si demandaria um estudo profundo, será na realidade levemente tocada, na medida que o tema desse capítulo é outro. Ou seja, a capoeira escrava do início do século XIX.

CRONISTAS E PIONEIROS

A recém inaugurada Avenida Central estava em polvorosa. O público lotava as galerias do Pavilhão Internacional Paschoal Se-greto. O espetáculo esperado era no mínimo *sui generis*. O campeão mundial de jiu-jitsu, o japonês Sado Miako, mais conhecido pela alcunha de Conde Koma, adentra a arena do combate. As apostas corriam solto entre os estudantes da Escola de Medicina, maioria absoluta do público.

O adversário do robusto nobre nipônico não demorou a entrar em cena. Era um mirrado mulato, de cerca de 30 anos, chamado Ciriaco, mais conhecido por 'Macaco'. Parecia uma aposta perdida. Os dois contendores entram em cena. Instruído pelos estudantes de medicina Ciriaco fazia tudo para não se deixar agarrar. A agilidade do capoeira deixava tonto o campeão japonês.

Num relâmpago, o estivador capoeira aplicou um "Rabo de Arraia" na cintura do conde. Este se abaixou para evitar o golpe. Não podia ser pior. O japonês foi atingido em cheio no rosto e jogado à metros do tablado, na fileira das cadeiras, totalmente desacordado.

A multidão das galerias entrou em delírio, jogando chapéus e moedas sobre o vencedor, que saiu carregado nos ombros dos estudantes, percorrendo a portentosa Avenida sobre os aplausos do povo. No dia seguinte, o povo cantava nas ruas da capital federal uma paródia de célebre canção alusiva ao famoso aeronauta brasileiro, que tinha à poucos anos feito sucesso em Paris:

- A Ásia curvou-se ante o Brasil...(2)

Esta história célebre permite entrarmos na primeira linha-
gem de escritores da capoeira, os chamados Cronistas. O primeiro
autor dessa classe era um personagem híbrido: Plácido de Abreu.
Sua maior obra, *Os Capoeiras*, escrita em 1886 é para nós um marco
da literatura sobre o tema.

Esse breve trabalho guarda recordações de uma capoeira te-
mida enquanto arma de rua do negro e do pobre urbano:

Quando iniciei este livro tive por fim descrever as
atrocidades cometidas pelos capoeiras desde épocas re-
motas.(3)

Nascido em Portugal, Plácido era contemporâneo da capoeira
enquanto uma vigorosa cultura de rua (para mais detalhes do autor
ver Capítulo IV "Dos Fadistas e Galegos: O Portuguêses na Capoei-
ra"). Seu trabalho era pioneiro no sentido de rastrear as origens
do fenômeno:

É um trabalho difícil estudar a capoeiragem desde a
primitiva porque não é bem conhecida a sua origem. Uns
atribuem-na aos pretos africanos, o que julgo um erro,
pelo simples fato que na África não é conhecida a nossa
capoeiragem e sim algumas sortes de cabeça
Aos nosso índios também não se pode atribuir porque
apesar de possuírem a ligeireza que caracteriza os ca-
poeiras, contudo, não conhecem os meios que estes em-
pregam para o ataque e a defesa.
O mais racional é que a capoeiragem creou-se, desenvol-
veu-se e aperfeiçoou-se entre nós.(4)

Plácido além de escritor, militante republicano, era ele
próprio um praticante da capoeira, o que explica seu profundo co-
nhecimento da "arte". Sua obra não tem o risco do resgate, e...

da denúncia. A capoeira ainda pertencia plenamente ao "Mundo do crime", e ninguém sonhava com sua "regeneração".

O primeiro escritor que podemos dizer plenamente integrado à corrente da "Belle Epoque" foi Alexandre Mello Moraes Filho. Sua obra trazia o tom da contemporaneidade mesclado com a idéia base de "luta nacional", que vai dar o ritmo da produção literária dos próximos quarenta anos:

Como a febre amarela, que não sabemos porque espanta tanta gente e quer-se a todo transe debelar, a capoeiragem, que é uma luta nacional [grifo nosso], degenerando em assassinatos, tem merecido perseguição sem descanso, guerra sem condições. Entretanto, na Europa o tifo, a difteria, o colera e mais epidemias produzem anualmente grandes destroços e a ciência não cogitou nunca do seu exterminio, mas de preveni-las; os jogos de destreza e força são regulados em seu exercicio, disciplinados pela arte, não havendo quem se oponha senão aos abusos. (5)

Alexandre Mello iniciou sua obra quando da repressão movida pelo Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, nos primórdios do regime republicano, e que passaria a história como a "morte" da capoeira no Rio de Janeiro. No auge da perseguição Mello Moraes anunciou que publicaria um artigo em defesa da "Flôr da Gente" (6), como era conhecida a famosa malta da freguesia da Glória, que atuava a serviço do Partido Conservador (ver Capítulo V "Da Flôr da Gente à Guarda Negra: Os Capoeiras na Política Imperial").

Mello Moraes forjaria um estilo a ser repetido. Apesar de ter sido mencionada por literatos tão ilustres como Machado de Assis (7), Silvio Romero (8) e outros, foi com Mello Moraes que a capoeira se tornou um tema digno da pena dos acadêmicos.

O ano de 1890 também viu a 1ª edição de *O Cortiço*, o renomado romance naturalista de Aluizio Azevedo.(9) A figura de Firmo, o mulato capoeira, em toda sua verve e malícia, comporia um esteriótipo do capoeira por muito tempo ainda. A briga dos "Carapicus" e "Caras de Gato" seria uma alegoria dos Guayamus e Nagôas, que por tanto tempo dominaram a Corte (ver Capítulo II).

Ma somente depois do banimento dos capoeiras mais perigosos, e do seu enquadramento no Código Penal de 1890, a capoeiragem mereceria um 'resgate'.

A revista *Kosmos*, reduto da vanguarda intelectual da virada do século no Rio, abriria o campo. O temor que a capoeira inspirava no século passado é substituído pelas virtudes da luta "defensiva", que não tem igual no globo:

Dois grandes capoeiras, igualmente exímios, igualmente ágeis com conhecimentos exactos, perfeitos e totaes do jogo, jamais se ferirão, a não ser insignificante e levemente, o que bem indica o grande valor defensivo que possui essa estratégia popular e que a coloca acima de todas as congêneres de qualquer outra nacionalidade.(10)

O anônimo autor do artigo, que assina L. C., ilustrado com belas gravuras de Calixto, tinha como objetivo realçar as qualidades combativas de luta, e fazer um breve histórico. As denúncias das "barbáries" cometidas pelos navalhistas ficavam para trás. Esse pequeno artigo retoma a linha iniciada por Mello Moraes, e prepara o caminho para o resgate definitivo da capoeira na mente dos intelectuais da época.

Pouco depois Cyriaco mandaria à lona o Conde japonês, en-

carreiros ao vivo e novo filho empolgado pela capoeira na alma da geração mais nova.

Dois anos depois da *Kosmos*, Pires de Almeida em seu álbum ilustrado teceria laços à capoeiragem como uma "gymnásia, análoga à savata, ou ao boxe, e mesmo ao pão e à navalha."(11)

A busca de um lugar ao sol entre as "gynásticas bélicas" das nações mais civilizadas seria o mote do resgate até o alvorecer dos anos 1930. Coelho Neto, representante da geração que viu a Abolição e a República, levaria ao auge essa vertente em seu *Bazar*.(12) Publicado em Portugal esse pequeno ensaio leva ao máximo a vertente nacionalista da intelectualidade da "Bella Epoque". Coelho Neto não apenas realça as qualidades "gynásticas" da capoeira. Ele a celebra como a verdadeira educação física do Brasil, que deve ser ensinada nas escolas, quartéis, lares, em quaisquer lugares onde a instrução seja importante. Coelho Neto chega a fazer a crítica do Futebol, como um esporte de origens alieígenas, e que não tinha as qualidades da capoeiragem.

Coelho Neto representou o ponto alto da versão que defendia a transformação da capoeira em "esporte nacional". Para isso era preciso apagar seu passado de crimes e violência, eliminar a navalha do seu meio, e prestigiar os ases em detrimento do "povo baixo".

Diversos precursores traçaram o caminho que desembocou em Coelho Neto. Luis Edmundo(13), Manuel Antonio de Almeida(14), Lima Barreto(15) entre outros representam nomes ilustres do mundo das letras que titiveram a capoeira como personagem de seus escritos.

Elisio de Araújo(16), Veira Fazenda(17) e Feijó Junior(18) representam outra corrente, que não se batia pelo resgate da capoeira, mas se esforçava para retirá-la do ostracismo em que foi envolvida pela perseguição republicana.

A vaga modernista das décadas de 20 e 30 e a difusão da capoeira da Bahia neste último decênio esvaziaram as propostas reabilitadoras do seu conteúdo mais ousado. Agora era a vez dos folcloristas deitarem raízes no estereótipo da capoeira.

II

OS FOLCLORISTAS

O primeiro autor que podemos mencionar nesse círculo era um estudioso de muitas maneiras sui generis. Não tinha se formado numa academia universitária, não possuía título de bacharel, nem vinha da classe média urbana.

Filho de escravos da Bahia, descendente de uma longa linhagem de sacerdotisas do candomblé e aristocratas africanos, Manuel Raymundo Querino se confundia muitas vezes com o tema de seus escritos. Participante da Guerra do Paraguai, funcionário público de longa carreira, se notabilizou como o intelectual da comunidade negra de Salvador, frequentador de terreiros, participante das festas religiosas afro-brasileiras.

Sua visão da capoeira se distinguia dos seus contemporâneos. Ao invés da degeneração, a origem escrava e africana. Em lugar da educação física e da "ginástica nacional", a cultura do negro marcando seus passos:

A capoeira era uma espécie de jogo atlético, que consistia em rápidos movimentos de mãos, pés e cabeça, em certas desarticulações do tronco, e particularmente na agilidade de saltos para frente, para trás para os lados, tudo em defesa e ataque, corpo a corpo.(19)

No momento em que o racismo científico chegava ao seu zénite, a figura de Manuel Querino representava um incômodo contraste com a produção reinante. Mesmo restrito ao ambiente de Salvador do final do século XIX Querino traça um quadro detalhado das festas, formas de luta, ação grupal, rituais, que talvez não se tenha visto desde Plácido de Abreu. Sua descrição das músicas cantadas pelos capoeiras representava uma abordagem de muitas formas inédita.

A visão cultural traçada por Querino, distante das óticas policialescas e "regeneradoras" da 1ª República representava o marco de um novo campo de estudo: O folclore, ou a ciência da cultura popular.

O mito da capoeira bahiana, que tomaria o país nos cinquenta anos após a morte de Querino, em 1924, tomou corpo em seus escritos. Muito do que foi por ele indicado, como a participação dos capoeiristas (como seriam chamados) na Guerra do Paraguai, não foi até hoje pesquisada.

O nordeste foi pioneiro nos estudos da capoeira pela ótica do folclore. Francisco Augusto Pereira da Costa, em dois rápidos artigos pinta retratos(20)vividos da capoeira de Pernambuco do século XIX.

O fato das cidades nordestinas como Recife e Salvador não terem sofrido um processo de perseguição policial como aconteceu,

no Rio, transformou esses centros urbanos em santuários da capoeiragem antiga. Sua hegemonia no século que se abria tem nisso uma das explicações.

Mas a vertente folclórica da capoeira encontraria seu ponto alto na obra de Edison Carneiro e Luis da Câmara Cascudo. O primeiro tem vasta obra sobre o tema(21) e o segundo uma forma revolucionária de tratar o tema do folclore, em especial da capoeira(22) pela primeira vez enfocada em suas origens.

Edison Carneiro não busca uma capoeira do passado, uma lembrança da escravidão, um eco dos tempos coloniais. Para ele a cultura se desenrola no presente, e longe de uma arma das "classes perigosas", como afirmava a geração que o precedeu, a capoeira era uma festa, um espaço de encontro, uma atividade lúdica:

Os capoeiras da Bahia denominam o seu jogo de *vadiagem* - e não passa disto a capoeira, tal como se realiza nas festas populares da Cidade. Os jogadores se divertem fingindo lutar...(23)

Esse preambulo, que ficaria uma marca registrada do seu trabalho, resume o novo enfoque sobre o tema que vai vigir a partir da década de 30. A capoeira no conjunto das manifestações populares, exemplar da expressão lúdica do povo.

O estudo dos cânticos seria mais uma continuidade com a obra de Querino. Toda uma vertente nova de temas e ângulos da capoeira se apresenta nos escritos dos folcloristas. A década de 1930 seria marcada também por uma enchente de novos trabalhos no campo da cultura do negro. A publicação de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, revolucionou os estudos de antropologia. O in

Congresso de Estudos da Cultura Negra, realizado em Recife em 1934, reúne a nata dos estudiosos do campo social. A descriminalização da capoeira e seu status de esporte, obras do Estado Novo de Vargas em 1937, são previamente anunciadas pela formação das escolas 'Regional' e 'angola'.

Nesse ambiente frenético desponta a obra de Luís da Câmara Cascudo. Seu trabalho intitulado *Folclore do Brasil (pesquisas e notas)*(24) pela primeira vez toca no ponto obscuro da origem africana da capoeira. A *bássula* de Luanda e o *n'golo*, que detalharemos mais tarde, revelam semelhanças importantes com a capoeira brasileira, e abrem um novo campo de pesquisa.

Com sua peculiar forma de escrever, Cascudo cria um estilo particular entre os estudiosos do folclore:

Jogo atlético de origem negra, ou introduzido no Brasil pelos escravos bantos de Angola, defensivo e ofensivo, espalhado pelo território e tradicional do Recife, cidade do Salvador e Rio de Janeiro, onde são recordados os mestres, famosos pela agilidade e sucessos.(25)

Cascudo esquece melindres regionais ou narrativas pitorescas para buscar uma amplitude nacional. Os diversos significados locais contem um fio condutor, na lógica de Câmara Cascudo, que conduz uma visão integrada. Cascudo é o primeiro a construir essa síntese.

Com Câmara Cascudo a visão do folclore atinge seu estágio mais elevado. A capoeira é vista no contexto das festas populares, e como expressão de uma cultura da festa, que deve ser preservado como parte das raízes sócio-culturais da nação. A partir

desses três autores, mas principalmente a partir da década de 1950, a capoeira toma de assalto as páginas da imprensa popular. A difusão das Academias de capoeira, começando com Mestre Bimba, fundador da luta regional bahiana ajuda a apagar a imagem de "jogo da vadiagem".

Uma enchente de artigos em revistas e periódicos de todos os tipos sobre a temática da capoeira e sua história surgem nos anos 50 e 60. Renato Almeida(25) Hermeto Lima(26) e Angenor Lopes de Oliveira(27) representam momentos diversos do enfoque folclorístico, mesclado como uma tentativa de criar uma história da capoeira.

A linha do folclore busca recuperar a capoeira enquanto festa, manifestação cultural genuinamente brasileira, expressão da nacionalidade, mas no plano de uma investigação histórica ela recupera o memorialismo, sem realizar estudos profundos na direção do passado. Uma tentativa de avançar nesse campo é a obra de Waldeloir Rego(28). Publicada em 1968, pode ser vista como a síntese de tudo que foi escrito sobre o tema no meio século anterior. Rego tem a peculiaridade de somar os estudos de escravidão da época com um corpo de hipóteses sobre a raiz da capoeira longamente reproduzido. Pode ser lido como a auge da linha do folclore, e ao mesmo tempo o seu declínio. Com Waldeloir Rego a análise folclorística chega ao seu limite.

III

A NOVA HISTORIOGRAFIA

A história demorou a se preocupar com o tema da capoeira.

Talves fosse devido a rígida divisão entre as disciplinas, que de certa forma até hoje vigora em muitas universidades. A busca de uma "História do povo", que se inicia nos anos 50, haveria de inevitavelmente criar um encontro com o tema.

Adolfo Morales de Los Rios Filho, em sua obra sobre o Rio de Janeiro da época imperial(29) faz importantes observações sobre as origens escravas da capoeira, e pela primeira vez aponta a escravidão urbana, e não uma remota origem africana, como berço da capoeira:

Adeptos da capoeiragem fizeram-se, desde logo, os prêtos ao ganho, os negros de carro e carinho, os mariscadores, peixeiros e pescadores de canoa e caniço, e toda classe de carregadores marítimos ou não.

Esta pista ia demorar a ser seguida. Somente nos anos 70 a antropologia e a história definitivamente centrariam seus olhos no tema. Gerhard Kubik, cientista social norte-americano, foi o primeiro a realizar um estudo sério das raízes africanas possíveis da capoeira a partir das tradições musicais de Angola.(30) Mas somente nos anos 1980 é que a capoeira definitivamente alcança um lugar na ciência social. A tese de Júlio Cesar Tavares(31) introduz novos problemas no estudo da temática capoeira.

Buscando um projeto educacional que esteja alinhado com as raízes negro-africanas da maioria da população, Tavares constrói um conceito de "Saber Corporal" que era parte da civilização africana trazida para América. Esse saber estaria introjetado no corpo pela cultura, e teria relação com um novo modelo de memória, a memória gestual, que seria um marco da resistência e da

busca da identidade primeva dos negros na escravidão, sendo a capoeira a variante mais difundida desse saber.

O trabalho de Tavares estava acompanhando a nova temática do corpo e dos saberes não materialistas, que toma o início dos anos 80. Do mesmo tipo é a abordagem da capoeira feita por Muniz Sodré(32), publicado um ano antes da tese de Tavares. Muniz, em busca de um conceito de cultura explicativo da diáspora afro-negra do Brasil, afirma a capoeira como simbólico da resistência à escravidão, com seus significados híbridos de luta-festa.

Os anos 1980 assistem uma infinidade de trabalhos sobre o tema da capoeira. O centenário da Abolição repõem o interesse histórico do tema. Os artigos de Marcos Bretas(33) e Thomas Holloway(34) mostram que existe um abundante material documental sobre a capoeira quase totalmente inédito.

No Rio um dos pioneiros dos estudos históricos foi Luis Sergio Dias(35). Em trabalho de 1987 em parceria com Paulo Knaus de Mendonça, Luis Sergio analisa a capoeira na trajetória do século XIX, e sua força enquanto arma de resistência do escravo no ambiente urbano.

As teses de Luis Renato Vieira(36), Maria Angela Borges Salvadori(37) e Leticia Vidor de Souza Reis(38) provam o vigoroso interesse que a capoeira desperta na universidade na entrada dos anos 1990. O primeiro estava preocupado com a gênese da escola de capoeira chamada Regional, na Bahia dos anos 1930, e como esta escola era sintoma de uma nova influência da elite intelectual no campo da cultura popular.

Maria Angela não tem a capoeira como tema central, mas sim

a malandragem do Rio de Janeiro dos meados do século XX, e como a música popular da época refletia a visão de mundo e o imaginário incorporado por esse tipo de rua. O capoeira, como ancestral do malandro, é citado previamente como personagem símbolo de uma determinada vida cultural que vai criar o ambiente social da malandragem.

Leticia Vidor já tem como preocupação a forma como se gestaram os dois estilos que vão balizar a capoeira no século XX, o Angola de Mestre Pastinha, e o Regional de mestre Bimba. É como essa formação bipartida vai ter seu impacto da difusão do modelo bahiano por todo o país após 1960, especialmente em São Paulo.

Os novos estudos de escravidão, em torno do centenário da Abolição, ajudam a dar novo impulso aos interessados (a bibliografia sobre escravidão urbana foi vista na introdução). Hoje a produção intelectual sobre a capoeira é vasta, e se difunde a figura do estudioso-jogador, aquele que pesquisa e ao mesmo tempo pratica a capoeira em sua versão moderna.

Essa rápida análise bibliográfica será prenunciadora de uma outra, onde enfocaremos um aspecto polêmico da vasta bibliografia da capoeira. A etimologia e as origens do termo capoeira.

IV

CAPOEIRAS E CAPOEIROS

Desde os primeiros escritos sobre o tema da capoeira, nos meados do século XIX, a questão da sua origem tem pontilhado episódicamente.

No ano de 1889, enquanto a fúria repressiva do regime

publicano ainda não se fazia sentir, dois renomados dicionaristas deram contribuições importantes. Antonio Joaquim Macedo Soares, em seu *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*(39) exhibe a vasta diversidade de significados possíveis do termo:

CAPOEIRA: Pequena perdiz de vôo rasteiro, de pés curtos, de corpo cheio, listado de vermelho escuro, cauda curta e que habita todas as matas. Tem um canto singular, que é antes um assobio trêmulo e contínuo do que canto modulado. E também caça muito procurada e que se domestica com facilidade. Esse canto só se ouve ao amanhecer e ao anoitecer; assobio cantado que se tira das mãos colocadas ao modo de tubo, e imita a da capoeira. "Tocar capoeira" é tirar som igual ao do canto da ave; e dele se usam no mato os caçadores como chamado, e no campo os moleques, pastores e vigiadores de gado para se chamarem uns aos outros, e também aos bois de manhã quando o levam para o pasto e de tarde à hora de recolher.(40)

Esta seria uma das origens rurais do termo. De qualquer maneira, nos inícios do século XIX uma das práticas mais comuns de escravos presos como capoeiras era o uso do assobio, uma possível forma de alertar a presença de inimigos. Mais tarde vamos esmiuçar essa questão. E ainda Soares que continua:

Moleque que toca capoeira; moleque do campo, que de passa vairado (sic), vadio que leva a vida a dormir e brincar, e se diverte em tocar capoeira [ver acima]; escravo da cidade [grifo nosso], vadio, malandro, que não sai da rua, dado a peraltagem, também o criado livre nas mesmas condições(41); a peraltagem dos capoeiras, que a principio consistia somente em exercicios de força e agilidade muscular, e depois passou ao pau e a faca, como bem define Beaurepierre...O vadio, o peralta, o livre ou o escravo, dado ao exercicio, fazendo officio de capoeira: "Leva todo o dia dar cabeçadas como um capoeira reles" (*Tribuna Liberal*) V cicerone explicou que a capoeira, na lingua da terra, queria dizer navalhista; capoeira negro é o capoeira de CALDAS, Aulete.

Temos assim, segundo Soares, duas etimologias possíveis. Uma de origem rural, ligada a vida das grandes fazendas, e outras mais propriamente urbana, que pensamos tem relação íntima com o fenômeno que estudamos. Mais a versão que seria vencedora ainda seria exibida por Macedo Soares:

Fode ser que capoeira gente venha de Capueira mato. Do negro que fugiu dizia-se e diz-se ainda "foi para a capueira, caiu na capueira, meteu-se na capueira. E não só do negro, também do recruta e do desertor do exército e da armada, e que procuravam fugir das autoridades policiais. E diz-se também do gado que foge para o campo. Um capoeira não seria sinônimo de "negro fugido" "canhambora", "quilombola"? Este para se defender precisava atacar, e as vezes inculcava apenas mais malvadez do que tinha. "Negro fugido, canhambora, quilombola" ainda hoje são sinônimos de antes faquistas, assassino, e ao mesmo tempo vivo, esperto, ligeiro, corredor, destro em evitar que outros o peguem. Capoeiras enfim.

Os folcloristas, interessados em tornar a capoeira um elemento generalizado na história do negro escravo, assumiram essa versão e a tornaram moeda corrente nos estudos sobre o tema. Macedo Soares ainda mencionaria os verbetes CAPOEIRADA: "Bando de capoeiras, malta de faquistas, ação de capoeiras", CAPOEIRAGEM: "exercício de capoeira"... "deslealdade, traição", e CAPOEIRAR: "jogar capoeira".

Por fim, uma última versão pouco mencionada: "Cesto onde se prendem capoões, galinhas e mais criação, como se escreve geralmente por diferença de mato capueira" [g.n.]

Os estudiosos do século XX embarcaram em cheio naquela versão de Macedo Soares, esquecendo as outras:

A capoeira, instituição genuinamente carioca, nasceu de uma forma original. Os escravos, impiedosa-

mente tratados por seus senhores, fugiam para as montanhas, em cujas freixas formavam núcleos poderosos que denominavam quilombos.(42)

Esta versão, de que a capoeira era fruto das lutas dos quilombolas, mais de meio século depois ainda vigorava, se amoldando aos autores do tema, e dando a tônica da "capoeira resistência negra":

Tendo como mestra a mãe natureza, notando nas brigas dos animais as marradas, coices saltos e botes, utilizando-se das estruturas das manifestações culturais trazidas da África (como, por exemplo, brincadeiras, competições, etc. que lá praticavam em momentos cerimoniais e ritualísticos dos vãos livres que aqui abriam no interior das matas e capoeiras, os negros criam e praticam uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo [...] As capoeiras, mato onde se intrincheiravam e exerciam seus treinos, emprestavam-lhe o primeiro nome: capoeira.(43)

Durante muitos anos a idéia de que a capoeira tivesse sua etimologia ligada às lutas dos escravos fugidos nos quilombos só se fortaleceu. Angenor Lopes de Oliveira em seu trabalho apresentado ao 1º Congresso Brasileiro de Folclore(44) informa que o caminho chamado pelos portugueses de Engenho Pequeno, que saía do centro velho em direção às grandes fazendas de açúcar da periferia da cidade do Rio de Janeiro no século XVIII era denominado de "caminho do Capueruçu".

Ele beirava o que seria depois o Campo de Santana, e nesse momento era a Lagoa da Sentinela, ou lagoa de Capueruçu. Os escravos, que usavam essa trilha como principal rota de fuga, ainda segundo Angenor, teriam sido apelidados de "capoeiras".

Mas desde o fim do século XIX uma outra versão já tinha

lugar. No mesmo ano em que foi lançado o dicionário de Macedo, o Visconde de Beaurepaire-Rohan publica seu *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*.(45). Em oposição a Plácido de Abreu, Beaurepaire-Rohan afirma a origem africana do "jogo":

Espécie de jogo atlético introduzido pelos africanos, e no qual se exercem por mero divertimento usando unicamente dos braços, das pernas e da cabeça para subjugar o adversário, e ora esgrimindo cacetes e facas de ponta, d'onde resultam sérios ferimentos e às vezes a morte de um ou ambos contendores; homem que se exercita no *jogo da capoeira*. Este nome se estende hoje a toda sorte de desordeiros pertencentes a ralé do povo. São entes perigosíssimos, por isso que, armados de instrumentos perfurantes, matam a qualquer pessoa inofensiva, só pelo prazer de matar.(46)

Mas seria na etimologia que o Visconde daria sua maior contribuição ao estudo do tema:

Como o exercício da capoeira entre dois indivíduos que se batem por mero divertimento se parece um tanto com a briga de galos, não duvido que o vocábulo tenha sua origem em *Capão*, do mesmo modo que damos em português o nome de capoeira a qualquer cesto em que se metem galinhas.(47)

A contradição entre Macedo Soares acabaria terminando em áspera polémica, travada nas páginas da *Revista Brasileira*, periódico predileto da intelectualidade do tempo.(48)

Para Beaurepaire-Rohan capoeira não podia se confundir com "Capueira", "nome que dão ao mato que nasce e se desenvolve em terreno outr'ora cultivado"(49) Para o Visconde se criou uma confusão entre um vocábulo e outro, e isto era devido à usos de linguagem.

No século seguinte um outro autor colocaria mais lenha na

não é espanhol

fogueira. Em artigos escritos para o jornal *Rio Esportivo* entre julho e outubro de 1926(50) o estudioso argentino radicado no Brasil, Adolfo Morales de Los Rios Filho, fez cuidadosas observações etimológicas para refutar a hipótese de "capoeira" ser um termo derivado dos quilombos. Discordando de etimologistas "facilmente contentados" que atribuem o termo aos usos e refúgios de escravos fugidos, Adolfo Morales pergunta se escravos em fuga escolheriam "misérrimas capoeiras" ao invés do alto das montanhas e as serras ingrimes, em risco de enfrentar Capitães-do-Mato bem armados e à cavalo.

A temeridade de usar golpes de capoeiras contra jagunços com armas de fogo em terreno aberto é visto com zombaria pelo intelectual argentino. Ele conclui que as "capoeiras", (mato ralo, extinto, roça abandonada) não foram campo de luta para os "capoeiras", pela sua própria conformação física. A correta etimologia do tupi para os significados de mato baixo, ou mata extinta, como detalhadamente ele mostra, não poderia gerar o termo "capoeira", e sim outros, algo semelhantes, mas diversos.

Afastada a hipótese anterior, ele procura outras. O "Cá" indígena, que se refere à qualquer material oriundo da mata, da floresta, com o "Pú" referente à cesto, indicam o termo nativo que significa cestos feitos com produtos da mata: "Cá-Pú".

Com efeito os grandes cestos carregados pelos escravos no período colonial para desembarcar e carregar mercadorias eram chamados "Cápu". Esses escravos, como carregadores quase exclusivos dos grandes cestos, muitos colocados ao ganho, se tornariam, segundo a lógica do autor, "capoeiros", ou aqueles encarregados

de carregar o "Capú", como açogueiros, leiteiros e aguadeiros formariam outros tantos ofícios da escravaria urbana.

Nas hipóteses do estudioso a capoeira enquanto luta teria nascido nas disputas da estiva, nas horas de lazer, nos "simulacros de combate" entre companheiros de trabalho, que pouco a pouco se tornaram hierarquias de habilidades, onde se duelava pela primazia no grupo. Dessas disputas de "perna" teria nascido o "jogo do capoeira" ou a dança do escravo carregador do "Capú".

Moralles de Los Rios chega a entrar em detalhes sobre onde essa gênese teria ocorrido: a praia da Piaçava, atual rua Dom Manuel, antigamente fronteira ao morro do Castelo, local predileto de embarque e desembarque do Rio pré-Joanino.

De qualquer maneira aquela região décadas depois seria marco da fronteira entre Guayamús e Nagôs, as maltas que dividiriam o Rio na segunda metade do século XIX.

As hipóteses de autor ~~argentino~~ tem várias vantagens sobre as que o precederam. Em primeiro lugar, coloca o berço da capoeira como próprio do ambiente urbano, onde ela teve seu espaço social de reprodução por todo o século XIX. Enquanto fenômeno restrito ao contexto social da cidade, seria lógico conceber suas origens como intrinsecamente ligadas ao mundo citadino.

Em segundo lugar, não deixa de ser notável a hipótese de Moralles de que capoeira e escravidão de ganho tinham uma raiz visceralmente unida. Essa tese reforça a visão da capoeira como um dado cultural derivado da condição escrava, mais particularmente da escravidão urbana, que tem suas raízes no Rio de Janeiro e nas Minas Geraes do século XVIII.

Décadas depois Adolfo Morales daria os contornos finais de sua idéia na sua obra sobre o Rio Imperial.(51)

Antes de concluirmos este preâmbulo quero mencionar outra tese sobre as origens possíveis da capoeira, desta vez além atlântico. Referidas por Câmara Cascudo, como já mencionamos, estes dados abrem um horizonte imenso de possibilidades

Refiro-me às origens africanas da capoeira. O viajante português Neves de Souza, no início dos anos 1960 registrou em Angola uma dança cerimonial de iniciação, praticada entre grupos da região de Mocupe e Mulondo, atual sul de Angola. Realizada durante as festas do *Mufico*, rito de puberdade das moças do grupo, é executada dentro de um grande círculo de pessoas da tribo, que batendo palmas fazem a cadência. Dentro da roda dois jovens realizam a Dança da Zebra, ou *N'Golo*, na qual, imitando movimentos de animais, tentam atingir o rosto do oponente com o pé.(52)

Para Câmara Cascudo, autor do prefácio do livro, esta seria uma das origens possíveis da capoeira. Além dela, a *Bassula* - luta de pescadores da região de Luanda - teria sido também um dos ancestrais da capoeira carioca. O viajante português do início do século, Augusto Bastos, menciona também o *Umudinho*, cultivada entre os quilengues.(53) Estudos recentes tem mostrado a persistências de danças marcias negras semelhantes a capoeira, como a *maní oubombosa* de Cuba e *alagya* de Martinica para povos de origem escrava do Caribe(54), o que pode atestar a disseminação das danças aqui descritas em um arco mais amplo que o Brasil. Já vamos longe em nossa viagem introdutória. É hora de encontrarmos os nossos personagens frente a frente.

V

A CAPOEIRA ESCRAVA

No dia 17 do corrente fugiu um escravo por nome Manoel de nação Cabinda, estatura ordinária, rosto meio redondo, beiços grossos, olhos pequenos, bastante asibichado de côr, com os tornozelos grossos, e com cicatrizes nas pernas de chagas. Costuma andar pela rua da Vala com outros capoeirando; quem o apanhar e levar à rua Direita 16, será bem recompensado.

Diário do Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1826

As primeiras décadas do século XIX foram marcadas na cidade do Rio de Janeiro pelo terror da capoeira. Geralmente identificados como escravos portadores, de facas, estoques, ou qualquer instrumento perfurante, ou então formando "maltsas", grupos armados que percorriam as ruas da cidade, os capoeiras mantiveram em permanente vigilância a capital da colônia e depois Império.

Na 1ª metade do século a capoeira estava irremediavelmente ligada à condição escrava e à origem africana.

Mesmo não sendo possível sugerir qualquer origem étnica específica na prática da capoeiragem do começo do século por meio dos registros policiais, não temos dúvida que a identidade africana era um forte componente. Como veremos na documentação que vamos apresentar, todas as Nações africanas tiveram representantes presos como capoeiras, nas mais diversas proporções, por todo período estudado. Esses dados reforçam a idéia da capoeira ser uma invenção escrava, isto é, ter sido criada no Brasil, nas condições peculiares da escravidão urbana, mesmo majoritariamente por

africanos.

De acordo com recente artigo do professor Robert Slenes(55) a escravidão africana nas Américas representou uma mescla de povos e culturas diferentes como nunca tinha ocorrido no Continente Negro. Em outras palavras, o mosaico de línguas, religiões e formas culturais díspares, que caracteriza a África ao sul do Equador até hoje, teve, sob a escravidão moderna, e principalmente no Brasil, a oportunidade singular de reordenar valores e símbolos em torno de um ponto comum: a condição escrava e a origem africana.

Assim, podemos dizer que Cultura Africana é um elemento que só teve existência articulada enquanto categoria específica no Brasil, no guante da experiência escrava. Angolas, Minas, Monjolos, Cabindas, só puderam se descobrir enquanto africanos, e partilhando uma herança comum na experiência do cativo e da diáspora.

E o que o professor Slenes chama de "Descoberta da África no Brasil". A identidade étnica criada pelo tráfico, silenciadora da identidade nativa,(56) seria substituída, por sua vez, pelo novo código construído no cativo, em conflito com as identidades "Crioulas" e brancas.

Essa "descoberta", fruto da intensa troca cultural inter-africana, teria criado uma "super" Nação: A 'Proto-Nação Bantu', reforçada pelas débeis variações da língua bantu, e cimentada pelos laços comuns generalizantes de religião e grandes esquentes culturais.

Pensamos a capoeira como um braço possível dessa 'Proto-

Nação Bantu'; síntese de uma disparidade de ritos, rituais e danças cerimoniais e guerreiras, ela representou a forma cultural possível que os jovens africanos encontraram de responder às violências e demandas de uma sociedade urbana hostil.

Essa resposta cultural teria sido tão bem sucedida que rapidamente crioulos e mesmo livres se acoitaram à sombra das malhas, e a capoeira não deixaria jamais de desafiar o Estado escravista e senhorial em nenhum momento do século que se abria.

Esse vigor se acha retratado nos Códices, grandes volumes que registravam os ofícios e correspondências entre as autoridades policiais da Corte na 1ª metade, principalmente no período joanino (1808-1821). Conservados no Arquivo Nacional, essa grande coleção guarda curtas mais significativas informações que, montados como um quebra-cabeças, traçam um panorama vívido da criminalidade escrava na maior cidade do Império.

Geralmente as informações recolhidas dos Códices dão conta de rápidos momentos de violência em que as agressões eram cometidas, não dando nenhuma pista das razões que levavam os conflitos à acontecer:

Pedro cabinda, escravo de Jorge Inglês foi preso por capoeira e dar um pedrada em Francisco José da Cunha, morador na rua do Lavradio, e na ocasião se lhe achou uma pedra na algibeira e hum porrete - 200 assoutes. (57)

A brutalidade dos castigos aplicados aos capoeiras tornamunham a preocupação e o temor que as autoridades mantinham sobre o fenómeno, mesmo com o prejuízo dos senhores, privados por largo tempo de suas propriedades.

Nem só de africanos vive a capoeira em seus primórdios. Os pardos Laureano e José, e o cabra Bernardino formaram uma malta e agrediram o aguadeiro da Fazenda Real Hipólito Pires junto com sua mulher. Possivelmente a causa foi ter Hipólito surpreendido os três em práticas de "capoeiragem", e depois os denunciado.(58)

A capoeira não era usada somente contra policiais, soldados ou senhores violentos. Ela servia para acertar diferenças e marcar hierarquias dentro da própria massa escrava, como no caso de Manoel, escravo de Antonio São Faio, que partiu a cabeça do preto João(59).

O fugido muitas vezes se misturava com o capoeira, pronto para enfrentar qualquer estranho que quisesse suprimir sua liberdade, como Francisco Cassange, escravo de João Narciso de Brito.(60) A intensidade de escravos evadidos presos como capoeiras na cidade mostra a existência de canais de fuga dentro do próprio centro urbano, em que o fugido recebe auxílio de outros negros e se socializa novamente longe de seu senhor. Eram os primórdios da "Cidade Esconderijo".(61)

Mesmo estranhas parcerias são encontradas na trajetória dos fugidos. Lourenço Benguela, preso como capoeira e fugido no início de 1815, compartilha um destino com o seu senhor, ao mesmo tempo procurado como desertor.(62) É difícil caracterizar a arma específica que caracteriza o escravo capoeira dos inícios do século XIX. Pedras, porretes, solevão, garrafas, qualquer objeto contundente serve como instrumento de luta para o capoeira. A navalha ainda não é o símbolo da capoeiragem que vai se generalizar

na 2ª metade do século.

O escravo capoeira não age como um desesperado, dando facadas à torto e à direita, como a documentação da época sugere, mas demonstra muitas vezes conhecimento das formas de repressão usadas pela lei dos brancos para comprometer cativos nesse tipo de ação. Assim João Rebollo, quando sentiu a investida dos permanentes, jogou sua navalha por cima do telhado de uma casa(63), como pouco depois faria João Congo. As formas de se evadir da punição policial, sempre severa, são repartidas no plano comum da troca, e se tornam estratégias sociais de burlar a ordem escravista.

Algumas vezes não era possível escapar do Calabouço, destino comum dos africanos presos como capoeiras, como no caso de Lourenço Congo, seguido por uma multidão que o acusava de ser capoeira.(64)

Mas talvez o aspecto mais sedutor dos registros de prisão de escravos por capoeira nas primeiras décadas do século XIX foi a percepção de uma identidade cultural própria, com certeza construída com base em códigos africanos de identidade tribal combinados com rivalidades locais produzidas pela experiência da escravidão urbana. Assim o uso de fitas amarelas e encarnadas, e de partes da roupagem como símbolo, sugere a existência de emblemas grupais muito particulares, indicando uma rivalidade que estrapo-
la o inimigo comum escravista. O capoeira Domingos Angola, desta forma, fez questão de exhibir sua longa fita amarela, que "largava para sinal" quando foi preso.(65)

Mesmo sendo resquício de códigos grupais africanos o uso

de fitas amarelas e vermelhas era partilhado por africanos e crioulos como marcos de uma rivalidade da capoeira escrava:

Jose Cabinda, escravo de Joaquim Portella e Antonio Pardo escravo de Frei Manuel da Natividade foram presos por serem encontrados jogando capoeira com fita de cores [grifo nosso] atirando pedradas, e o primeiro feriu o segundo com hum canivete.(66)

Esse código de cores por certo não tinha sentido somente como uma marca "africana", ou um símbolo da malta, mas indicava uma leitura específica da cidade, construída pela experiência do cativo e moldada pelo controle de partes do perímetro urbano:

Em 14 de maio de 1815 foi preso Bernardo Moçambique, escravo de tal, por capoeira e achado de uma navalha, e atar uma fita encarnada em hum mastro do Largo de Santa Rita.[g.n.] 300 açoites e 3 meses de prisão.(67)

Na 2ª metade do século seria marca registrada da capoeiragem na cidade os Nagôas e Guayamús, os primeiros dominando o Campo de Santana e sob o braço da cor branca, e os últimos controlando a área central e defendendo a cor vermelha. Seria Bernardo um prenúncio da dominação Guayamú no Largo de Santa Rita, que meio século depois ainda obedecia ao braço encarnado?

O loteamento urbano das maltas do final do século decerto deita raízes na política escrava de dominação da urbs em seus primórdios. Essa obscura passagem da história da escravidão urbana ainda não foi tocada pelos pesquisadores.

A indumentária seria o símbolo da geografia escrava do Rio, e decerto um aviso para maltas rivais que os "Donos da Rua" estavam vigilantes contra qualquer invasão pretendida por outros

grupos de cativos, em permanente luta pela hegemonia nos estreitos limites da cidade colonial:

Foram presos Francisco Rebollo, escravo de José Pereira Guimarães e João Benguela, escravo de Manuel de Souza Bastos, por serem encontrados em ajuntamento de capoeiras e se achou hum bonet encarnado [g.n.], distintivo de capoeira, e hum pau que deitou fora na ocasião da prisão.(67)

A rivalidade estrapolava os segredos internos das maltas, e muitas vezes era difundida para um público maior, possivelmente fazendo parte de uma politica deliberada de prestigio social:

Foi preso Joaquim Rebollo, escravo de Antonio da Veiga Guerra, por ir adiante da Proscissão do Enterro desafiando outros negros para jogarem capoeira [g.n.].(68)

Algumas vezes o código demarcador das maltas era mesclado de elementos mágicos, ou portadores de poderes simbólicos, misteriosos ritos que permanecem obscuros para os estudiosos. Como no caso de Cristovão Cassange, preso jogando capoeira e que portava estranho chapéu ornado de alfinetes com as pontas voltadas para fora.(68)

O uso de fitas vermelhas e amarelas era certamente uma simbologia ancestral daquela usada pelas maltas de capoeiras das últimas décadas da monarquia. E revela o vigor das disposições rituais e dos códigos de identificação, construídos pela interpenetração de memórias africanas e imposições escravas no plano arido da violência urbana. Nem mesmo a punição severa de 300 açoites, em alguns casos mortal, era capaz de ocultar a colorida rivalidade das maltas, ou a disposição de jovens africanos e

crioulos de exibirem suas habilidades pelas estreitas e sujas ruas da cidade colonial, tal como José Rebollo, preso como capoeira usando um "chapéu de palha branca com huã grande fita amarela e encarnada atada na copa".(69)

A partir de 1824 a punição de escravos presos como capoeiras se tornou ainda mais brutal. Além das chibatadas, o escravo era enviado ao Dique da Ilha das Cobras, onde podia ficar três meses(70). Ali o cativo era submetido a extenuantes trabalhos forçados, e era isolado da vida da cidade. Outra punição para escravos capoeiras reincidentes era trabalho forçado na estrada da Tijuca (71) na periferia da cidade.

Um dispositivo cultural característico dos capoeiras daquela época era o assobio. Recurso para avisar companheiros da proximidade do perigo, ou código identificador do portador da habilidade do capoeira, o certo é que em pouco tempo era notório para os agentes da repressão a sua serventia:

Foi preso João Angola, escravo de José Joaquim de Gouveia por estar junto de outros e armado de pau assoviando como capoeira [g.n.] tendo na mão huã pedra.(72)

Setenta anos depois desse caso o dicionarista Joaquim de Macedo Soares, já tão citado antes, no verbete CAPOEIRA de seu dicionário(73) define o que poderia ser o assobio tão usado pelos capoeiras do princípio do século:

Ainda hoje o toque da capoeira nas mãos em forma de fubô é usado como e por quem se diz capoeira, e por gente do vulgo quando querem chamar uns aos outros sem que sua voz seja conhecida. E esta estratagemã é tida em conta da capoeiragem, isto é, do sujeito dito.

O folclorista Angenor Lopes encontra outra raiz para explicar o fenômeno. Partindo do grito de desafio que as maltas lançavam contra os grupos adversários - "Quem qué ve a cotia assoviá"? - Angenor explica-o como um aviso, um anúncio para que a malta inimiga se afaste do terreno para não ser atacada. No caso, a cotia tinha como principal recurso de combate o espirro, ou "líquido fétido", jogado sobre seus agressores:

Esta exclamação popular, ainda hoje muito usada na gíria carioca "Você vai ver a cutia assoviar"...significa que o indivíduo vai encontrar uma situação desagradável, complicada, difícil, perigosa nociva, etc. - julgamos que é uma confusão popular entre o animal CUTIA (alteração de A-CUTI, o que come em pé, ereto)...e o canganbá, animal também chamado de Jarcariticaca (alteração de YARD TICAGA, o indivíduo que arrota fétido)...pequeno mamífero que possui a interessante particularidade de projetar por meio de defesa, pelo orifício que tem próximo ao ânus um líquido extremamente fétido, cáustico, irritante...Pensamos assim que esse é o tal assovio da cutia.(74)

O canto era parte integrante da cultura da capoeira escrava. A famosa gravura de Rugendas representando um duelo de capoeiras(75) revela detalhes importantes: A roda, onde escravos de todo tipo observavam o combate; a presença da negra vendedora de Angú, denunciando que o local era um ponto de passagem e circulação de escravos na área; a cadência das palmas, fazendo o ritmo; e a presença do tambor, executando os toques que marcam o compasso:

Em 16 de dezembro foi preso João Angola, escravo de José Pedro de Souza, por ser encontrado em ajuntamento de capoeiras, achando-lhe um tambor pequeno.(76)

O tambor era um elemento comum da cultura africana com

truída pelos escravos no Brasil. Apropriado pelas maltas, se tornou mais um dado característico da capoeiragem.

Os capoeiras possivelmente representavam a vanguarda da violência escrava na reação às truculências do Estado escravagista. Mais do que quaisquer outros, os escravos capoeiras constantemente desafiavam a vigilância permanente à que era submetida a massa escrava, e enfrentamentos com policiais e autoridades eram uma constante no Rio de Janeiro joanino.

Foi preso Joaquim Benguela, escravo de Antonio Romão, preso pela sentinela do Real Paço por se dizer que estava jogando capoeira e se atracar com a mesma sentinela. (77)

Manuel Mojumbe, escravo de Manoel Gomes de Oliveira Couto foi preso por capoeira, e por pretender lutar com sentinela, ultrajando-o de palavra. (78)

Mas a violência capoeira se voltava também contra escravos e negros, expressando seu potencial de afirmação individual na turbulenta vivência das ruas:

Foi preso Francisco Benguela, escravo de Joaquim José de Siqueira, por capoeira, entrando na casa da preta Francisca, deitando-lhe fora a quitanda que a mesma vendia e puxou de uma navalha, que deitou fora quando viu a patrulha. (79)

A capoeira nos primórdios do século passado era bem mais que uma forma de resistência escrava. Era uma leitura do espaço urbano, uma forma de identidade grupal, um recurso de afirmação pessoal na luta pela vida, um instrumento decisivo do conflito dentro da própria população cativa.

Mesmo negros de outras nações escravistas, em suas passas-

gens pelo Brasil, poderiam ter aprendido e utilizado os golpes da capoeiragem nativa, atraídos pela gestualidade pitoresca e pela eficiência combativa criada pelos seus distantes irmãos da diáspora?

João Thompson e Pedro Cabrete, preto forros americanos foram presos pelas 10 horas da noite na rua do sabão jogando capoeira, digo pancada.(80)

É digno de nota que a palavra capoeira foi riscada, e em seu lugar colocada a palavra "pancada". Segundo Moraes e Silva em sua edição de 1813 "pancada" é "golpe que se dá com a mão, com um pau, com espada de prancha; o que se leva caindo ou de encontro.. (81) Não podemos ter certeza se os dois forros americanos eram capoeiras, mas podemos sugerir que a capoeira era um importante espaço de sociabilidade para pretos e pardos recém-chegados no interior da população negra, fossem jovens "malungos" desembarcados à pouca dos tumbeiros, ou marinheiros e escravos de viajantes, que permaneciam longo tempo na cidade. Esta característica foi bastante acentuada na 2ª metade do século.

Outro significado possível que a capoeira poderia ter para escravos e libertos era simplesmente ser uma válvula de escape da sufocante rotina da escravidão. Assim o cativo devolvia a truculência e a brutalidade que sob ele era jogada cotidianamente, muitas vezes sobre quaisquer passantes, como no caso do Angola Jacinto, que com uma navalha de moia se postou no meio da rua, ameaçando todos que se aproximavam dizendo que "para alguém havia de servir"(82) ou o preto forro Caetano José Salgado, que para mostrar suas habilidades de capoeira jogava ao chão aqueles que

lhe cruzavam o caminho, chegando a buscar uma tesoura para ferir a "quem lhe aprouvesse".(83)

Atacando soldados(84), agredindo outros escravos(85), utilizando chapéus com fitas amarelas e encarnadas(86), fazendo "carrerias" pelas ruas da cidade.(87) ou simplesmente treinando golpes em locais ermos(88), os escravos praticantes de capoeira dos inícios do século XIX colocavam em polvorosa as autoridades incumbidas de zelar pela ordem na capital, o que significava a submissão total dos escravos urbanos aos ditames do Estado colonial.

A escravidão urbana, como já vários historiadores tiveram oportunidade de realçar(89), se diferenciava da escravidão das fazendas e engenhos principalmente pela necessidade de mobilidade dos cativos, fator imprescindível para a reprodução econômica do escravo e da própria economia a urbana. A circulação escrava facilitava e até impunha a troca social e cultural entre escravos e libertos, e mesmo africanos de todas as nações.

O constante movimento das maltas pela cidade, sua dinâmica atuação, mesmo na defesa de pontos fixos do tabuleiro urbano, o que um historidor do tema chamou de "estratégia sinuosa"(90), era resultante dessa circulação escrava, e foi uma dor de cabeça permanente para os donos do poder na cidade por mais de cem anos.

As características da capoeira escrava da 1ª metade do século, assim definida por sua quase exclusiva abrangência negra e africana, serão introjetadas entre homens livres e estrangeiros nos próximos cinquenta anos. É essa circularidade cultural e simbólica que marca o âmago da tese aqui apresentada.

GRAVURA 1

obs: Escravos jogando "a capoeira", segundo Rugendas, cerca de 1830.

fonte: *In Voyage Pittoresque dans Le Brésil* desenho litografado po Deroy, Litografia de Thierry Frhres, Paris, Biblioteca Nacional.

Reproduzido de CRULS, Gastão. *A Aparência do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1965, p.406



GRAVURA 2

obs: Dança do N'Golo, ou Dança da Zebra, ritual que segundo Luís da Câmara Cascudo poderia ter sido um dos ancestrais africanos da capoeira.

fonte: SOUZA, Albano Neves de *Da Minha África e do Brasil que eu Vi*, Ed. Luanda, Angola, s.d.



GRAVURA 3

Obs: Dança do N'Golo. Sul de Angola.

fonte: idem



NOTAS DO CAPITULO I

- 1 - SALLES, Vicente de. "Bibliografia Critica do Folclore Brasileiro" in *Revista do Folclore*, janeiro 1969. Contem 144 referências sobre capoeira, entre jornais, revistas, livros etc.
- 2 - Sobre a luta de Ciriaco com o japonês existem várias descrições. OLIVEIRA, Angenor Lopes de. "Os Capoeiras" in *Brasil Policial*, 05/10/1951. *O Malho* 13 a 20/08/1910. *Jornal do Brazil*, 09/05/1912 e *Correio do Povo* 21/05/1912. LIMA, Hermeto. *Revista da Semana*, 10/10/1925 e MOURA, Jair. "Evolução. Apogeu e Declínio da Capoeiragem no Rio de Janeiro. *Cadernos Rioarte* no 3, 1985. Existem também fotos de Ciriaco com os estudantes CARETA 29/05/1909. Agradeço à Olympio da Biblioteca nacional pela descoberta dessa raridade.
- 3 - ABREU, Plácido de. *Os Capoeiras*, Rio de Janeiro Tip. Seraphim Alves de Brito, 1886.
- 4 - idem.
- 5 - MORAES FILHO, Alexandre Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, s.d.
- 6 - *Revista Ilustrada* 14/10/1889.
- 7 - MACHADO DE ASSIS. Joaquim Maria. *Crônicas. 1878-1888*. Rio de Janeiro, Ed. W.M.Jackson Inc., 1944. pp.227-230
- 8 - ROMERO, Silvio. "A Poesia popular no Brasil" in *Revista Brasileira* 1, 273, Rio de Janeiro, 1879.
- 9 - AZEVEDO, Aluizio. *O Cortiço* Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, s.d.
- 10 - *Kosmos* ano III, nº3, março 1906.
- 11 - ALMEIDA, Pires de. *Brazil-Album* Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1908. pp.15-22
- 12 - NETO, Coelho. "O Nosso Jogo" *Bazar*, Porto, Livraria Chardron, 1928, p.137
- 13 - EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vicer-Reis 1763-1808* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932, pp.38-40 e *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*, Rio de Janeiro, Ed. Xenon, 1987, pp. 137-139.
- 14 - ALMEIDA. Manuel Antonio. *Memórias de um Sargento de Milícias*, Rio de Janeiro, ed. de ouro s.d.
- 15 - SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *O Rio de Janeiro de Lima Barreto* v.2, 1983 pp.91-92

- 16 - ARAUJO, Elísio de. *Estudos Históricos sobre a Polícia da capital Federal 1808-1831* Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1898, p.55,59 e 62
- 17 - FAZENDA, José Vieira. "Antiquinhas e Memórias do Rio de Janeiro" in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (doravante RIHGB) [93 (147)5-615, 1923] pp.75-76 e 87-90.
- 18 - FEIJO JUNIOR. "O Vidigal" *Vida Policial*, Rio de Janeiro, 28/03/1925 pp.44-46. Além desse há o artigo anônimo "A Capoeira e seus principais cultores" 21/03/1925 e "O primeiro chefe de polícia do regime republicano", 14/03/1925.
- 19 - QUERINO, Manuel. *A Bahia de Outrora Col. Estudos Brasileiros*, Salvador, Ed. progresso, 1946, p.66
- 20 - COSTA, Francisco Augusto Pereira da. RIHGB, Rio de Janeiro, [69 (70):3-641, pp.240-242] e *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco* separata do Vol.XXXIV (publicação póstuma), Recife, 1935.
- 21 - CARNEIRO, Edison. "Berimbau", *Correio da Manhã* 10/10/1968; *Dinâmica do Folclore* Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1985, p.49-57; "Folclore do Negro" in *Folclore*, São Paulo, 1953, pp.28-37; "O Jogo da capoeira" in *Jornal do Comércio* 11/07/1965; *A Linguagem Popular da Bahia*, Rio de Janeiro, s.d. 1951; *Negros Bantus: Notas de ethnographia religiosa e folclore*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937. pp.147-165; "A pernada carioca" in *Quilombo*, Rio de Janeiro, 08/05/1950; *A Sabedoria Popular*. Rio de Janeiro, INL, 1957, pp.198-206
- 22 - CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil* Rio de Janeiro. Ed. fundo de cultura, 1967, pp.179-189.
- 23 - CARNEIRO, Edison. *A Sabedoria Popular*, p.198.
- 24 - CASCUDO, Luís da Câmara. op. cit. e *Dicionário do Folclore*, Belo Horizonte.], Ed. Itatiaia, 1984.
- 25 - ALMEIDA, Renato. "O Brinquedo da Capoeira", *Revista do Arquivo Municipal*, Vol.LXXXIV, julho-agosto, 1942, São Paulo, pp.155-162
- 26 - LIMA, Hermeto. *Op. cit.*
- 27 - OLIVEIRA, Angenor Lopes de. *op. cit.*
- 28 - REGO, Waldeloir. *Capoeira de Angola: Ensaio sócio-etnográfico*, Salvador, Ed. Itapua, 1968.
- 29 - RIOS FILHO, Adolfo Moralles de Los. *O Rio de Janeiro Imperial*, Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1946, pp.51-54.

- 30 - KUBICK, Gerhard. "Capoeira Angola" in *Angolan traits in Black Music. Games and Dances of Brazil*, Estudos de Antropologia cultural nº 10, Lisboa, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1979.
- 31 - TAVAREZ, Julio Cesar. *Dança da Guerra: Arquivo-Arma*, Dissertação de mestrado, Faculdade de Sociologia, UNB, 1984.
- 33 - SODRE, Muniz. *A Verdade Seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Codecri, 1983. pp.203-215.
- 34 - HOLLOWAY, Thomas H. "A Healthy Terror: Police repression of capoeiras in nineteenth century. Rio de Janeiro" in *Hispanic American Historical Review* 69:4, 1989, Duke University Press.
- 35 - DIAS, Luis Sergio e MENDONÇA. *Paulo Knaus de Capoeira Vida e Morte no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, Projeto Gonzaga de Sá. 1986.
- 36 - VIEIRA, Luis Renato. *Da Vadiagem à Capoeira Regional: uma interpretação da modernização cultural no Brasil*, Diss. de mestrado, Fac. de Sociologia, UNB, 1990.
- 37 - SALVADORI, Maria Angela Borges. *Capoeiras e Malandros: pedaços de uma sonora tradição popular. 1890-1950*, Diss. de mestrado, Fac. de História, UNICAMP, 1990.
- 38 - REIS, Leticia Vidor de Souza. *Negros e Brancos no jogo da capoeira: a Reinvenção da tradição*, Diss. de mestrado, Fac. de antropologia, FFLCH-USP, 1993.
- 39 - SOARES, Antonio Joaquim Macedo. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, INL, 1954, p.51, (1ª edição 1889)
- 40 - Ibidem, p.106.
- 41 - Quanto a referência de capoeira como "criado" é curioso que o padrão ocupacional mais disseminado entre escravos presos como capoeira, segundo os registros da Casa de Detenção, é de escravo doméstico, entre cozinheiros e criados. Ver 3º Capítulo De *Escravos e Menores: A composição das malhas*.
- 42 - "A Capoeira e seus principais cultores" *op. cit.*. ver nota 18.
- 43 - AREIAS, Almir das. *O que é capoeira* Col. Primeiros Passos, nº 96, São Paulo, Brasiliense, 1983, 3ª ed.
- 44 - OLIVEIRA, Angenor Lopes. "Os Capoeiras" *op. cit.* Ver também do mesmo autor *Toponímia carioca*, Col. cidade do Rio de Janeiro, prefeitura do Distrito Federal, 1935.

- 45 - BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Dicionário de vocábulos Brasileiros* Salvador, Ed. Progresso, 1956, p.72 (1ª edição 1889). Curiosamente um dos escravos pertencentes ao Visconde, de nome Firmino, foi preso como capoeira na Casa de Detenção. ver Livro de Matrícula da casa de Detenção nº 4671, ficha 1192, 07/09/1879. AP.
- 46 - BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *op. cit.*, p.72
- 47 - *idem.*
- 48 - Sobre a polémica entre Macedo Soares e Beaurepaire-Rohan ver REGO, Waldeloir. *op. cit.* p.18-19.
- 49 - BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *op. cit.*, p.73
- 50 - RIOS FILHO, Adolfo Moralles de. "Capoeiras e Capoeiragem" in *Rio Esportivo*, 19/07, 27/07, 03/08, 31/08, 16/09, 18/10/1926.
- 51 - "Primitivamente capoeiro era o nome dos grandes cestos, destinados ao transporte de aves, fechados na parte superior por uma espécie de cúpula feita de cipó entrelachado. Por extensão, *homens dos capoeiros* eram os respectivos carregadores; os escravos que transportavam à cabeça esses cestos, inclusive aos trabalhadores na estiva das embarcações, porquanto esses também transportavam a granel, com o auxílio de cestos, um sem número de produtos. Nos momentos de folga, os negros estivadores - agilísimos, gesticuladores e barulhentos - procuravam demonstrar, uns aos outros, habilidades superiores às já exibidas nas horas de serviço, e assim, eram instintivamente criados outros passos, trejeitos, brincadeiras e rudes cumprimentos. Os visados por tais golpes tomavam atitudes e guardavam posições que os punham a salvo de quedas e situações cómicas. E daí, o simulacro de uma luta, de uma disputa brincalhona ao desafio real foi um passo: criou-se, sem querer, uma escola de luta, de destreza e de defesa pessoal, genuinamente nacional. Nascida na antiga *Peçaçaba* - sopé do morro do Castelo - no descanso das embarcações veleiras que ali existia, a brincadeira chamada dos capoeiros degenerou em *Capoeira*, e portanto em *capoeiragem* - exercício, luta de defesa dos capoeiras - e se desenvolveu pelas praias, varadouros, embarcadouros, mercados e trapiches. Desses lugares ela se estendeu pelos becos, travessas e largos próximos ao mar. Os corredores das casa de sobrado constituíam, por vezes, recintos muito apreciados para os ensaios e aprendizagem dos neófitos." RIOS FILHO, Adolfo Moralles de. Ver nota 29, p.51-52.
- 52 - SOUZA, Albano Neves de. *...Da minha Africa e do Brasil que eu vi...*, Luanda, s.d. 19..? gravuras 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 68
- 53 - REDINHA, José. *Etnias e culturas de Angola*, Luanda, banco de Angola, 1975. LOPES, Nei. "Sobrevivências e recriações bantas no

Rio de Janeiro" in *Estudos Afro-Asiáticos*, no 15, 1988, pp.69-75, *Grande Enciclopédia Delta-Larousse*, Rio de Janeiro, 1970, p.4.791.

54 - THOMPSON, Robert Farris. "Black martial of the Caribbean" in *Review latin literature and arts*, no 37, 1987, pp.44-47.

55 - SLENES, Robert. W. "Malungo N'Goma vem: Africa Encoberta e Descoberta no Brasil" in *Revista USP*, 12 (1991-92) pp.48-67.

56 - As "Nações" do tráfico atlântico eram nomeadas tendo por base somente os portos de origem do negreiro, geralmente ocultando ou omitindo origens tribais e locais. Assim os africanos carregados no bojo dos "Tumbeiros" teriam duas "Nações", uma genuinamente africana, e outra funcional, para uso do comércio atlântico de escravos.

57 - Códice 403 (Todas referências são desse Códice. Qualquer outra fonte será explicitada). Volume I (doravante V.) no72101, 05/04/1815

58 - V.I, no71532, 22/03/1815.

59 - V.I, no71663, 15/06/1814

60 - V.I, no71781, 20/09/1814

61 - CHALHOUB, Sidney. "A cidade-esconderijo" in *Visões de Liberdade*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pp.212-232.

62 - V.I, no71981, 10/02/1815

63 - V.I, no73303, 16/10/1818

64 - O Calabouço se localizou na ponta da Fortaleza de Santiago até 1831, e o Dique era uma obra na Ilha das Cobras que durou décadas, destino comum para galés e trabalhos forçados.

65 - V.I, no71822, 25/01/1814.

66 - V.I, no71892 e 71893, 13/12/1814.

67 - V.II, no73962 e 73960, 28/02/1820.

68 - V.II, no73352, 19/11/1818.

69 - V.I, no73092, 15/04/1818.

70 - Códice 324, V.I, folha 19, 22/10/1829.

71 - ALGRANTI, Leila Mezan. *O Feitor Ausente: Estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. 1808-1822*, Petrópolis, Vozes, 1988. p.194.

- 72 - V.II, nº73692, 25/08/1819.
- 73 - SOARES, Joaquim Macedo. *op. cit.* p.106.
- 74 - OLIVEIRA, Angenor Lopes de. "Os capoeiras" in *op. cit.*
- 75 - CRULS, Gastão. *A aparência do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1965, p.406,407
- 76 - V.II, nº73411, 16/12/1818.
- 77 - V.II, nº73992, 20/03/1820.
- 78 - V.I, nº722011, 07/05/1815.
- 79 - V.I, nº73921, 05/02/1820.
- 80 - V.I, folha 71, 21/10/1812.
- 81 - MORAES E SILVA, Antonio. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Tipographia fluminense, 1922 (1ª ed. de 1813). No verbete "pancada" há o seguinte: "juntamente: ex. vierão á pancada; De pancada: de repente; Inconsideradamente, sem modo: ex. sangrar de pancada; ...golpe que prejudica, ou o dano que se faz a alguma cidade ou pessoa.
- 82 - V.II, nº7413, 21/03/1821.
- 83 - V.II, nº74263, s.d.
- 84 - V.I, nº72121 e 72122, 17/04/1815. João Cabundá, Paulo Mofunde e Caetano Calabar presos por ferirem o Capitão José Antonio da Silva peixoto.
- 85 - V.II, nºs72991 e 72992, 21/01/1818. José Mina e Manuel Congo feriram um dos companheiros com faca.
- 86 - V.I, nº72201, 17/05/1815. João Congo preso jogando capoeira com uma faca e um bone de fita.
- 87 - V.I, nº70762, 12/11/1812. Roberto Moçambique preso por estar correndo pelo beco dos Cachorros com uma faca na mão e uma "fita de capoeira".
- 88 - V.II, nº73422, 22/12/1818. Joaquim Cabinda e João Cabinda encontrados no Largo do Capim "ensaiando para capoeiragem"
- 89 - REIS, João José. "A greve negra de 1857" in *Revista USP*, julho 1993.
- 90 - Luis Sergio Dias usou o termo para definir a movimentação das maltas de capoeiras na cidade em um encontro de pesquisadores no final de 1992 na UFRJ, IFCS.

CAPÍTULO II

DOS NAGÓAS E GUAYAMÚS:

A FORMAÇÃO DAS MALTAS

Os Guayamús cantavam:

*Therezinha de Jesus
Abre a porta apaga a luz,
Quero ver morrer Nagôa
A porta do Bom Jesus!*

Os Nagôas respondiam:

*O Castelo içou bandeira
São Francisco repicou,
Guayamú está reclamando
Manoel preto já chegou!(1)*

A tradição literária do final do século XIX sempre que se referia as maltas de capoeiras dos tempos da Corte, mencionava os Nagôas e Guayamús. Maltas adversárias que por décadas se digladiaram pelas ruas da cidade, ou conglomerados de grupos que controlavam regives inteiras da capital, os Nagôas e Guayamús sempre aparentavam estar imersos num universo imaginário, fronteira entre a ficção acadêmica e uma nebulosa tradição popular.

Algumas vezes parecia que as duas denominações estavam ligadas a um processo de sedimentação da geografia das maltas de capoeiras que datava da segunda metade do século:

Durante o segundo Império, a capoeira chegou ao auge, foi verdadeiramente aquela época a do seu pleno domínio e máximo desenvolvimento (...)Foram formados os

partidos aguerridos, as maltas como eram chamadas: Conceição da Marinha, Moura, Lapa, Carpinteiros de São José, Glória, etc. (...)

Depois, todas essas maltas decahiram, ou antes se fundiram em duas grandes legiões: Nagôas e Guayamús, ou simplesmente Guayas, como, por euphonicamente mais belo, se chamavam, as vezes, os próprios representantes desta phalange. (2)

A malta de capoeiras é a unidade fundamental da atuação dos praticantes da capoeiragem. Formada por três, vinte e até mesmo cem indivíduos, a malta era a forma associativa de resistência mais comum entre escravos e homens livres no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Por volta da década de 1850 a geografia das maltas já estava bastante sofisticada para comportar uma elaborada denominação pitoresca, ligada geralmente aos mais importantes marcos de referência da cidade colonial: as igrejas que pontilhavam o ambiente urbano.:

O capoeira antigo tinha igualmente seus bairros, o ponto de reunião das maltas; suas escolas eram as praças, as ruas, os corredores. A malta de Santa Luzia chamava-se de "luzianos"; a do Castelo de "Santo Inácio"; a de São Jorge da "lança"; dos "ossos" a do Senhor Bom Jesus do Calvário; "Flór da Uva" a de Santa Rita, etc. (3)

Por volta da Abolição os codinomes das maltas tinham se alterado, e seu campo de atuação tinha se estendido, abrangendo áreas periféricas do Cidade Velha, centro histórico que durante muitos decênios concentrou a vida urbana da cidade. Como veremos, no interregno entre as duas épocas ocorreria a gênese dos Nagôas e Guayamús:

Cada malta tem sua denominação: "Cadeira da Senhora" é da freguesia de Santana; "Três Cachos" da freguesia de Santa Rita; "Franciscanos" a de São Francisco de Paula; "Flór da Gente" da freguesia da Glória; "Es-

pada" a do Largo da Lapa; "Guaiamú" a da Cidade Nova; "Monturo" a da praia de Santa Luzia, etc.(4)

Por volta da Proclamação da República, segundo a pena dos próprios memorialistas, esse processo de divisão da cidade em dois grandes grupos rivais estava completo, definindo uma linha divisória que mantinha Nagôas e Guayamús em lados opostos, e em permanente conflito pelo controle de cada área :

Dividiam-se em dois partidos - o dos Guayamús e dos Nogos, ou Nagôas, cada qual mais ou menos localizada numa parte da cidade. Aludia-se frequentemente à zona dos Guaiamús e à zona dos Nagôas, como se fossem territórios intransponíveis para uma ou outra facção.(5)

Outra hipótese, defendida por autores diversos, era que o conflito político-partidário entre liberais e conservadores acabou se cristalizando como a clivagem mais importante entre as maltas de capoeiras, que assim se ligaram indelévelmente com o destino dos dois partidos principais do sistema político do Império:

Aos poucos os capoeiras foram se agrupando, ao ponto de constituírem duas "nações"; a dos "guayamús" e a dos "nagôs", que mantinham entre si rivalidade intransigente, fazendo guerra uma à outra.(...) Uma das "nações" se ligara aos conservadores, outra aos liberais. Assim, quando eram perseguidos os "guaiamús", folgavam as costas dos "nagôs", e vice versa.(6)

Para os cronistas da Primeira República essa divisão das duas principais maltas entre os maiores partidos do Império definiu uma estratégia específica, que garantia a perene permanência das maltas contra as investidas frequentes da ação policial. Transformados em braços armados dos dois pólos do poder do regime

Nagôas e Guayamús garantiam sua própria sobrevivência frente às intempéries políticas do Segundo Reinado.

Estava no domínio público a razão principal da impunidade que eles gozavam. Era que chefetes políticos de algumas paróquias não se vexavam de protegê-los, em compensação de serviços que prestavam por ocasião das eleições (...). E isso parecia encontrar tal ou qual confirmação nesta circunstância: Quando subiam os liberais eram mais freqüentemente presos os Nagôas, acontecendo o inverso se iam para o poder os conservadores... (7)

Os cronistas reiteravam a rivalidade simbólica das duas maltas, com seus emblemas, cores, signos, como expressão dessa luta pelo espaço urbano e desse embate político das ruas, inclusive utilizando expressão marcadamente política: partidos.

Dividiam-se em dois partidos principais - nagôas e guayamús, os quais se hostilizavam e possuíam sinais particulares para serem conhecidos.(8)

Por volta dos anos 30 do século XX já os grandes cronistas da virada do século tinham desaparecido, e com eles muitos dos mistérios dos Nagôas e Guayamús. Somente esparsas e vagas citações ainda se referiam aos dois grupos, e geralmente como uma cultura perdida:

ainda hoje são lembradas as duas (maltas) mais conhecidas e famosas: a dos GUAYAMÚS (nome tupi) e a dos NAGÔAS (nome africano) imortalizadas na pena de Aluizio Azevedo em seu interessante livro O Cortiço.(9)

O objetivo deste capítulo é buscar as raízes da formação das maltas, especialmente dos chamados Nagôas e Guayamús, os dois principais grupos em que se dividiam. Procuraremos também interpretar os símbolos e as formas de identificação dessas dois grup-

des conjuntos de maltas, em busca da rivalidade fundamental que fosse a base do conflito recíproco. A análise conclusiva da questão vamos deixar para o próximo capítulo, quando estudaremos a documentação da Casa de Detenção, com os dados pessoais dos presos como capoeiras.

Por fim, nossa preocupação ser interpretar a atuação coletiva dos capoeiras, de que forma esta ação grupal tinha um sentido específico, quais os fatores de coesão da malta, os diferentes mecanismos de ação coletiva, isto tudo a partir de três momentos: a questão da festa pública e da reunião popular como fator agregativo; as relações tecidas entre as maltas e os membros das forças armadas, principalmente o exército; e por último, os rituais e preceitos que ordenavam a entrada nos grupos dos mais jovens.

O depoimento mais envolvente sobre os Nagôas e Guayamús se encontra na obra de Plácido de Abreu, *Os Capoeiras*. Nascido em Portugal, Plácido veio muito jovem para o Brasil. Se tornou, como tantos outros portugueses, um hábil praticante da "capoeiragem", mas pretendia realmente ingressar na carreira literária. Publicou vários poemas, versos, folhetins. Ativo militante republicano, foi companheiro de Sampaio Ferraz no *Correio do Povo*. Paradoxalmente, morreu emboscado na Revolta da Armada, combatendo a ditadura republicana de Floriano Peixoto. (10)

Dele afirmou Coelho Netto:

E sobre todos os capoeiras, o mais valente, Plácido de Abreu. Comediógrafo e jornalista, amigo de Lopes Trovão e Bilac no *O Combate*. (11)

O testemunho de Plácido tem o recorte não apenas de um literato ou um intelectual do mundo das letras, mas de um participante ativo, alguém que conhece por dentro os mistérios da capoeiragem na Corte:

Geralmente fala-se de NAGÔAS e GUAYAMÚS sem conhecer-se o que isto quer dizer. Para não fugir completamente a idéia que tive quando comecei este livro, vou dar algumas informações sobre estes bandos, reservando todos os segredos da capoeiragem para outro livro que brevemente será publicado sob o título Guayamús e Nagôas(12)

Guayamú é o capoeira que pertence aos seguintes partidos - São Francisco (grande centro do qual o chefe Leandro Bonaparte) Santa Rita, Marinha, Ouro Preto, São Domingos de Gusmão, além de muitos outros bandos pequenos agregados à este.

A denominação que tem estes grupos é a casa ou a provincia, e a cor porque são conhecidos é a vermelha.

Nagôa é o capoeira que pertence aos seguintes partidos: - Santa Luzia (centro do qual foi chefe Manduca da Praia), São José, Lapa, Santana, Moura, Bolinha de Prata, além de muitos outros grupos menores filiados aqueles.

A cor porque são conhecidos é a branca.(13)

Como militante republicano da ala jacobina, junto com Sampaio Ferraz, Silva Jardim e Lopes Trovão, Plácido de Abreu ficou várias vezes frente a frente com a força política das maltas de capoeiras, e teve de enfrentar os "navalhistas" aliados do Partido Conservador em diversos momentos. Deriva daí seu interesse em revelar os mistérios e obscuridades da capoeira, como nenhum escritor do seu tempo tinha feito.

Este longo depoimento, que optamos por transcrever na íntegra sintetiza a visão não só de um membro da elite intelectual, mas de um ativo participante destes grupos. O que podemos relevar é a existência de um complexo mecanismo cultural, que presidia o

conflito entre os grupos, conformando uma tradição que era rigidamente respeitada. Vamos observar em seguida, ainda nas palavras de Plácido de Abreu, como o antagonismo era detalhadamente ordenado pela tradição:

Quando faziam uma qualquer marcha, que é um partido ir de encontro à outro para brigar, procedia-se sempre um aviso a casa contraria, afim de que reunisse o bando. Na ocasião da "pegada" (briga) era costume cantarem versos em uma toada sertaneja...[em seguida vem os versos da epígrafe]

Mandel Preto foi um capoeira temível, chefe do bando de Santana. Os capoeiras que na ocasião da pegada fugiam por cobardia eram navalhados pelos próprios companheiros.

A notícia da saída de uma banda de música corre com rapidez de relâmpago entre os bandos de capoeiras. Desde logo começam a reunir-se nas fortalezas a espera da hora em que devem tomar a frente à frente do batalhão ou sociedade, e ali combinam o que devem fazer. Quase sempre a miuçalha é incumbida de levar as navalhas e mais armas. Em outras épocas estes instrumentos de combate eram escondidos em samburás, entre verduras e carne fresca, para assim iludir a vigilância da polícia; na atualidade foi desprezado esse meio por ser muito conhecido.

Quando, por exemplo, a banda de música sae do centro da cidade, isto é, da terra dos Guayamús, e dirige-se para os lados da Lapa, ou Cidade Nova, os capoeiras que pertencem aqueles partidos acompanhão o batalhão prevenidos para o encontro com Nagôas, visto irem em terra alheia.

Estes Já os esperam, e chegada a música ao local onde se acham, sae o carrapeta (pequeno, esperto e atrevido) de entre os companheiros com direção aos Guayamús e brada.

- E a Lapa!...é a Espada! Quando é daquela provincia.

- E a Senhora da Cadeira!...Quando é de Sant'Anna.

- E o velho Carpinteiro!...Quando é de São José. E assim por diante.

Então trava-se a lucta.

Plácido não apenas descreve a mecânica ritual do conflito

Ele também menciona casos concretos onde esta mesma sistemática é

colocada em prática:

Houve festa na igreja de Santa Rita. Os nagôs "arrebentaram" por volta de uma hora da tarde naquele foco de Guayamús; estes os receberam na ponta da faca e destacando-se de entre elles, Jorge, chefe da Marinha, agarrou um Nagôa pelos cabelos e cravou-lhe por três vezes a faca no coração, deixando-o cair na calçada, todo ensanguentado e de bruços.

Corre como certo entre estes perversos que quando uma vítima cai naquela posição, difficilmente o assassino pode fugir da ação da justiça. Jorge fugiu, porém, sendo prevenido daquela particularidade por um companheiro, voltou atraz, agarrou novamente no cadáver e pela última vez enterrou o ferro homicida no corpo de sua vítima, desaparecendo em seguida.

Plácido de Abreu é nosso guia por esse universo obscuro e envolvente. A primeira parte do livro é uma riquíssima descrição, quase etnográfica, da complicada ritualística da capoeira no Rio de então. Em seguida ele narra as desventuras de um rapaz oriundo do interior que, chegando na Corte, acaba envolvido pela marginalidade e pela prostituição, sucumbindo afinal, vítima da perversidade citadina.

Seria interessante, agora, reconstruirmos os pedaços desta narrativa, buscando fios condutores.

I

FRAGMENTOS

O primeiro passo é buscarmos a etimologia dos termos, atrás de indícios capazes de informar o sentido histórico e cultural do nosso problema.

Macedo Soares, em seu dicionário, inicialmente publicado em 1889, definiu Nagôa como uma das nações africanas trazidas per-

lo trafico atlântico, mas não deixou de mencionar as peculiares definições do termo no Rio de Janeiro de 1889, quando da primeira edição do seu livro:

NAGÓ=NAGOA adjetivo, gente da nação Nagó da Costa dos Escravos da Afrrica Ocidental. "Não sei de que servem estas festas públicas e solenes para a entrega de cartas de liberdade, esses NAGÓS atirando flôres aos juizes, quando o que devem esses Nagós fazer é aplaudirem e ampliarem nos seus zungús a liberdade dos seus" (discurso do senador Martinho Campos, sessão de 28/01/1884 - Lucta da raça africana (nagoa) contra a indígena (Guayamú)[grifo nosso] "Sua Exc. é digno filho desta boa cidade de São Sebastião, e reclamaria com indignação contra quem ousasse concluir para a indole generosa de seus habitantes das correrias e perversidades dos Nagôas e Guayamús que a infestam". (discurso do senador Afonso Celso, Visconde de Ouro Preto, em sessão no Senado de 08/10/1888.(14)

No verbete Guayamú Macedo foi mais fiel a terminologia indígena que data de antes da chegada do europeu na terra:

GUAYAMUM "Há muitas castas de caranguejos, não só no mar e nas praias entre os mangues, mas também em terra entre os matos h uns de cor azul chamados Guayamuns, os quais, em as primeirasguas do inverno, que são em fevereiro, quando estão mais gordos, e as fêmeas cheias de ovas saem das covas, e andam vagando pelos campos e estradas, metendo-se pelas estradas para que os comam" (Frei Vicente do Salvador, História do Brasil. I, cap. X).

Morais e Silva, em seu dicionário de 1813, menciona apenas o significado do termo para a escravidão africana, como se podia esperar de uma texto do principio do século

"NAGÓ: negro yorubano que usava três lanhos no rosto//língua dos Nagós".(15)

E Guayamú se referiria a um tipo de crustáceo, muito comum

no Brasil:

"GUAIAMUM: caranguejo//sirí de uma só unha"
me=09,ei=02>

Curiosamente, no vernáculo lusitano, de acordo com Moraes e Silva temos Guayá, que significaria tristeza, figura triste, depressão.

Angenor de Oliveira em seu dicionário de termos indígenas na geografia carioca indica as origens nativas do termo, e um segundo significado que pode se relacionar aos negros e escravos.

No tupi-guarani corruptela de QUA-YA, "O que mora no buraco, o indivíduo do buraco". Também pode significar GUAIAMUM, corruptela de GUARA-M-UM, "indivíduo negro, escuro...é encontrado nas praias e pântanos da Ilha do Governador e do continente - ver vocábulos CAPOEIRAS.(16)

Não é inócuo lembrar que, de acordo com a geografia da capoeira, ressaltada por Flácido de Abreu, a área dos guaiamús correspondia à antiga parcela pantanosa da cidade região em que proliferavam os crustáceos como os guaiamús.

Pelo famoso dicionário de Luis da Câmara Cascudo novos indícios se apresentam. O verbete Nagô identifica "todo negro da costa dos escravos que falavam ou entendiam o iorubá"(17), ou seja, as atuais regives de Benin e Nigéria. No Brasil se concentraram na Bahia, mas também foram trazidos para o Rio, sendo portadores de uma vigorosa identidade cultural, hoje sinônimo de africano.

O termo não teria origem propriamente africana, mas sim oriundo dos franceses e era dirigido aos povos de língua iorubá, do atual Daomé. Nagoa, o termo preciso que procuramos seria do gênero feminino. Não é despropositado reproduzir parte da citação de Cascudo:

Abundantemente exportados para o Brasil os Nagôs tiveram prestigiosa influência social e religiosa entre os povos mestiços, conservando com os processos de aculturação seus mitos e tradições sacras".(18)

Na interpretação de Câmara Cascudo os Nagôs se distinguiriam dos outros grupos africanos por sua persistente manutenção dos códigos simbólicos culturais vindos da África, ao contrário de vários outros grupos étnicos, trazidos pelo tráfico, que perderiam suas características nativas em detrimento do intercâmbio e do sincretismo da sociedade colonial brasileira. Esta característica teria transformado o termo Nagô de uma referência africana específica em uma síntese de africanidade:

Localizados em maior porção na Bahia, foram estudados nos seus descendentes e projeção etnográfica e folclórica, por Nina Rodrigues, Manuel Querino, Artur Ramos, o grupo negro mais conhecido em seu complexo social vivo. A persistência nagô determina o candomblé, macumba, catimbó, xangôs, sinônimo do primeiro vocábulo, reunião do seu cerimonial".(19)

Compilando os dados do tráfico africano no Rio nos surpreendemos em encontrar na documentação da Santa Casa estudada por Mary Karash apenas dois escravos da nação Nagô ali enterrados nos anos de 1838 e 1849.(20)

Mesmo se admitirmos que Nagô era um sinônimo para todos os povos oriundos da África Ocidental, a proporção para a Corte era irrisória. Menos de sete por cento dos escravos que circularam na cidade eram desta região. Porém quando compilamos os dados étnicos de escravos vindos da Bahia para serem vendidos no Rio, após a revolta de 1835, vemos que de noventa cativos, cinquenta e nove

(65%) eram de nação "Nagô".(21)

Não deixa de ser curioso que, o registro mais antigo de escravo que encontramos preso na Casa de Detenção, pelo crime de ser capoeira no ano de 1863, era de nação Minas, outro sinônimo para africano ocidental no Rio.(22)

Para Guaiamum Cascudo repete a versão de Frei Salvador, com ligeiros retoques:

Caranguejo terrestre, azulado. Guaiamu, goiamum, fumbaba, goiamum... Vivem em buracos e, segundo o povo, abandonam o pouso, ouvindo trovoadas".(23)

Guaiá, para Cascudo é "chocalho usado pelos negros" nas festas de Batuque ou Samba-Lenço (São Paulo). Guajá, outro termo similar, é sintomaticamente um "crustáceo do gênero Guaja, vermelho".

Fragments, -indícios, partes de um quebra-cabeças com muitas peças perdidas ou destruídas. E nesse jogo que penetramos ao tentarmos remontar as obscuras origens de Guayamús e Nagôas.

Branco e vermelho, as cores que, segundo Fláclido de Abreu identificavam os dois grupos representam pistas que não devem ser desprezadas.

Branco, pureza, alegria, dedicação aos santos não martirizados, à Virgem Maria. Vermelho é sangue, sangue dos mártires, língua de fogo de Pentecostes...Os santos africanos (orixás jejes-nagôs)tem suas cores e suas "filhas" usam dessas cores como os fidalgos usavam as cores das casas onde serviam como vassallos. Oxalá é branco, Xangô é vermelho...(24)

Vermelho: sua popularidade na indumentaria popular, como o uso entre a indiaria pela pintura com o urucu (Bixa Orellana) a predileção portuguesa, explicariam a constante etnográfica no Brasil se não constituísse cor sagrada, simbolização do sangue, afugentador dos maus espíritos, dos elementos adversos, assombração de inimigos e oblação religiosa.(25)

Branco, cor dos Nagôas, próxima dos africanos. Vermelho, cor sagrada do nativo indígena, e do português, segundo Cascudo.

Vermelho e branco. Sintomaticamente, a figura mitológica do malandro carioca do século XX, sacralizada nos terreiros de Umbanda pela imagem do Exu-Tranca-Rua, ou Zé Pelintra, traz as cores branco e vermelho como principais.

Entre os capoeiras da primeira metade do século a rivalidade das cores estava presente, apesar destas serem amarelo e vermelho. Entre algumas etnias africanas o branco e o vermelho mantem significados especiais. Os bakongo do sul do Congo e norte de Angola utilizam essas cores em alguns rituais, acreditando em sua força simbólica.

Os dados que temos apontam para uma tendência: Nagôa teria relação com africanos e baianos, seguidores da religião dos orixás, ou pelo menos próximos. Guaiamum seria uma tradição nativa, "crioula", natural da terra, ligada aos escravos nascidos no Brasil. É interessante que a única gravura que encontramos onde se colocam, frente a frente, um "Nagôa" e um "Guaiamu" mostra claramente um negro para aquele e um mulato ou mestiço para este.(26)

Nosso velho conhecido, Mello Moraes, quando fala dos antigos capoeiras, que assustavam à cidade por volta da metade do século, presta especial tributo a divisão entre africanos brasi

leiros, não esquecendo as particularidades do trajar:

Qual seu pessoal? Geralmente era composto de africanos que tinham como distintivo as cores e o modo de botar a carapuça, ou de mestiços (alfaiates e charuteiros), que se davam a conhecer entre si pelos chapéus de palha ou de feltro, cujas abas reviravam segundo convenção. (27)

O método utilizado na análise destas fontes merece ser enfatizado. Na medida que as fontes são fragmentárias, e muitas vezes insuficientes pra termos segurança na comprovação das hipóteses, temos que nos voltar para metodologias que retirem o máximo dos poucos dados existentes.

Temos que ter claro que a terminologia "Nagoas" e "Guaiamús" se generaliza nas fontes no momento em que os africanos praticamente desapareceram da cena principal, vinte anos após o fim do tráfico atlântico, e a capoeira deixara de ser uma exclusividade escrava. A apropriação por brancos, portugueses e mestiços livres dos emblemas de "Nagoas" e "Guaiamús" significa que adentramos o universo da simbologia e do imaginário, onde um grupo herda os emblemas de outro anterior sem deixar vestígios dessa passagem.

Temos assim indícios, sinais de uma transição cultural subterrânea, que se opera e imperceptivelmente. Buscamos subsídios metodológicos no "paradigma indiciário", elaborado pelo historiador Carlo Ginzburg, e no que consideramos sua maior obra, História Noturna. (28) Nesse trabalho o autor parte da perseguição ao chamado Sabá, ritual "demoníaco", segundo a inquisição europeia da era moderna, para levantar sinais de sua origem mais remota.

Utilizando a morfologia histórica e buscando os indícios de uma cultura religiosa pan-européia, pela convergência de ritos, mitos, indícios, Ginzburg escava um estrato subterrâneo de crenças e rituais de origem imemorial, e que se derramam por um espaço geográfico imenso, desde o extremo leste da Sibéria até o litoral ocidental da Península Ibérica.

Partindo de fontes do folclore europeu, e da documentação jurídica da inquisição (fontes que se aproximam do nosso trabalho, já que utilizamos principalmente textos de folcloristas e documentos policiais), e reunindo uma colossal bibliografia, Ginzburg realiza um magistral pesquisa de história cultural, que revoluciona a temática das raízes da mitologia e da religiosidade europeia.

Nosso trabalho não tem esta ousadia, mas pensamos que, neste capítulo, em especial os indícios que levantamos, por mais que não conformem provas acabadas de uma "tradição africana por trás dos Nagôas, permitem construir conjecturas, hipóteses, que escapam de uma contextura histórica sólida, mas jogam fortes indícios de uma trama cultural e simbólica que, por baixo dos abares, dá coerência ao seu papel.

Voltemos para a geografia das malhas. Uma observação especial no MAPA 2 coloca uma primeira impressão. A área central da cidade (chamada cidade velha em alguns cronistas) é controlada pelos Guayamús. Corresponde aos pontos iniciais de ocupação da cidade, e as áreas mais densamente povoadas. O ponto mais próximo da cidadela Guayamú é a freguesia de Santa Rita, área turística e de cortiços, espremida entre os morros de São João

Providência. Além disso, a cidade dos Guayamús se estende desde a atual Praça 15, num labirinto de ruas, até o limite natural do Campo de Santana.

Quanto aos Nagôas, suas áreas bordejam, ou melhor, cercam esta cidadela Guayamú. Na Glória e na Lapa eles tinham um forte bastião, que teve presença forte na vida política da Corte (ver capítulo 5, *Da Flor da Gente à Guarda Negra: os Capoeiras na Política*). O outro grande polo dos Nagôas era o Campo de Santana, cujo grupo que o dominava era presença freqüente nas páginas policiais da imprensa.

A zona dos Nagôas coincide com áreas de recente ocupação urbana, espaços por onde a cidade se expande neste final de século.

No limiar da segunda metade do século a capoeira é um fenômeno restrito ao núcleo central da Corte, e lentamente se expandiu acompanhando o crescimento da cidade, em direção ao Campo de Santana de um lado e no rumo da parte Sul do outro. A documentação permite pontuar, em diversos momentos, esta difusão:

Tendo aparecido nessa freguesia [Sacramento] vários grupos de capoeiras, os quais tem cometido os maiores desacatos e nesses últimos dias por eles feridos gravemente quatro pessoas, tenho empregado todos os meus esforços para acabar com esta espécie de desordeiros, hum dos flagelos peculiares dessa nossa bella cidade. (29)

Não é menos digno de menção que os meados do século XIX marcam o início da presença em números consideráveis de homens livres no "jogo da capoeira", no que era anteriormente um "crime" hegemonicamente da condi-

ção escrava. Diversas vezes as autoridades responsáveis pela ordem policial reiteraram este fato novo, e, para muitos, inquietante. (30)

Numa varredura na freguesia do Sacramento, no mês de julho de 1852, a polícia da Corte deteve nove indivíduos de condição livre pelo crime de "capoeiras", que seriam depois enviados para a Cadeia do Aljube, localizada na freguesia de Santa Rita. (31)

Essa presença de livres capoeiras, mesmo de cor, em áreas centrais da cidade, que cresce gradualmente no correr dos anos, poderia indicar uma mudança na composição social das maltas, de um perfil anteriormente escravo para uma formação mais heterogênea? Teriam os livres expulsos as maltas de escravos da parcela central da cidade, onde antes eram dominantes, implicando também em uma mudança na geografia da capoeira?

Pensando Nagôas e Guayamús como uma tradição que remonta à primeira metade do século, não deixa de ser interessante que nesta época a região Guayamú é a parcela urbana do município da Corte. A área sob domínio dos Nagôs é no começo do século região de chácaras, de grandes sítios, onde a elite senhorial fugia do burburinho da cidade. Produtora de gêneros alimentícios que abasteciam a capital. Parte semi-rural da Corte, pontilhada de quilombos.

Para entender a geografia da capoeira na segunda metade do século XIX, precisamos entender a geografia

da escravidão na primeira metade. A monumental tese de Mary Karasch serve de guia neste caminho. Discutindo as preferências dos escravos dentro do complexo universo das igrejas coloniais que cobriam a capital da colônia, Karasch deixa alguns vestígios importantes:

Outras igrejas com um significado especial para os escravos eram Santa Luzia, onde eles iam rezar para se proteger contra cegueira; e a capela do cemitério da Santa Casa, onde vários dos seus companheiros eram enterrados; Santo Antônio dos Pobres, que ainda hoje atrai negros devotos; Nossa Senhora da Glória, com as festividades em honra da virgem Maria, onde fieis agora honram Iemanjá, uma divindade Yorubá. E o Hospício, onde os pardos rezavam. (32)

Comparando a área do Paço Imperial (Guayamú) e o Campo de Santana (Nagôas) Karasch afirma:

Enquanto o Paço, com seus prédios de administração pública, era o centro e o símbolo do poder colonial, o Campo de Santana era no início do século XIX exatamente o oposto. Uma área não regulada da cidade onde os escravos escapavam da vigilância de seus donos, e nas tardes de domingo podiam dançar as suas próprias músicas. (33)

Santa Luzia, Santa Casa, Nossa Senhora da Glória, Campo de Santana. Todas áreas dos Nagôas. Tendo claro que a capoeira era uma prática comum tanto entre escravos africanos como crioulos na primeira metade do século, podemos começar a construir uma hipótese para explicar esta rivalidade.

É de novo Karasch quem escreve, agora discutindo os conflitos no seio da comunidade escrava carioca:

... uma das forças que mais dividia a população escrava.

era o status: o abismo entre os escravos pardos de nobres brasileiros, e africanos pobres de artesãos portugueses era tão grande quanto entre seus proprietários [...] Na perspectiva de seus proprietários e de muitos escravos nascidos no Brasil, brasileiros tinham superioridade sobre africanos. Sem dúvida muitos africanos se opunham a tais classificações, pois seu nascimento africano era motivo de orgulho.(34)

Conflitos entre africanos e crioulos não eram estranhos no mundo da escravidão. O célebre tratado do Engenho Santana, na Bahia de 1789, descoberto por Stuart Schwartz,(35) revelou, de forma categórica, que a condição escrava não era o bastante para apagar profundas diferenças culturais, habilmente manipuladas pelos senhores.

João José Reis, em seu livro indispensável sobre a rebelião dos Malês na Bahia,(36) demonstra, em todo correr do texto, que a separação entre nascidos no Brasil e nascidos na África foi fundamental para o desenrolar da revolta,, e marcou todas as estratégias da ação política dos escravos. Gilberto Freyre, em seu clássico *Sobrados e Mocambos* já afirma o papel amortecedor do "mulato", e sua sensibilidade para os valores culturais da sociedade senhorial.(37) Não deixa de ser digno de nota a forma depreciativa que os capoeiras livres em Pernambuco utilizavam ao se referiam aos escravos praticantes da "arte", os alcunhando de "cabeça seca", uma alusão aos africanos novos e sua calva característica.

(38)

De acordo com o GRAFICOS 24 e 25 podemos perceber como a distribuição da população escrava entre 1849 e 1872 sofreu alterações significativas. Os africanos, ampla maioria nas áreas centrais da Corte em 1849, como Santa Rita e Candelária, em 1872 tem sua maior concentração na freguesia de Santana. Os escravos e li-

vres de cor brasileiros detem em 1872 uma alta porcentagem nas freguesias de Santa Rita, ponto principal dos Guayamús. Entendemos que a trama que une e separa nascidos ou não nascidos no Brasil, é mais complexa do que uma simples dicotomia. Cricoulos liderando maltas formadas majoritariamente por africanos, ou africanos chefiando jovens brancos e pardos nas ruas da Corte, em práticas de capoeiragem, obrigam o estudioso a repensar conceitos formulados à priori.

Observando o GRAFICO 24 de 1849 podemos sentir uma forte concentração de africanos nas freguesias dos Guayamús, em detrimento de escravos e libertos brasileiros. Já o GRAFICO 25 exhibe uma forte redução da população africana, como consequência do fim do tráfico transatlântico e do fluxo de cativos para as regives cafeeiras da província fluminense. O GRAFICO 25 exhibe também uma concentração residual de africanos nas áreas periféricas do centro urbano em detrimento das áreas rurais.

Tradicionalmente as áreas rurais ou periféricas do Rio no período joanino e no Primeiro Reinado, eram ocupadas, majoritariamente, pela população africana recém-chegada dos negreiros, os chamados "Africanos novos". O próprio porto do Valongo, porta de entrada do tráfico atlântico de escravos no Rio, se localizava, quando foi fundado, em 1779, em local afastado do centro urbano, no que seria depois a freguesia de Santana. (39)

Nas práticas da escravidão urbana, que alcançou seu auge no Rio nas primeiras décadas do século, havia o costume de isolar o africano recém-chegado, preparando-o para o regime semi-aberto da cidade. Fosse nos barracões do Valongo, onde o jovem africano,

se recuperava da angustiante experiência do tráfico, ou nas chácaras e sítios da redondeza, onde imperava um sistema mais próximo das senzalas rurais, o "africano novo" era lentamente socializado no que seria sua vida, as ruas fervilhantes da cidade.

Estas eram mais frequentadas por crioulos, nascidos no cativeiro, ou africanos "ladinos", já acostumados com a vigilância sinuosa da escravidão urbana. Quando este africano alcançava certa idade, já não trazendo tanto lucro ou "ganho" para seu proprietário, a tendência era que ele fosse residir em bairros onde a parcela majoritária da população era africana ou próxima, como no bairro da Saúde, célebre reduto dos Nagôas, também chamada de "pequena África do Rio de Janeiro".(40) A memória africana dos subúrbios permanece na nomenclatura dos bairros, como Bangu, Catumbi, de clara origem angolana.(41)

O problema principal é que a documentação coletada se refere a um período em que o africano é principalmente minoritário, como as décadas de 1870 e 1880. Nestas décadas, a percentagem de escravos presos por capoeira era muitas vezes menor que a de homens livres, o que é lógico em se pensando em uma sociedade onde o trabalho livre vem se generalizando pelo menos desde 1850. Em 1878, dos 237 capoeiras presos nos dois primeiros meses do ano, 191 (80%), eram livres, e apenas 46 (20%) eram escravos.(42)

Fodemos ter claro, assim, que os "Nagôas" e "Guayamês", freqüentemente citados pela imprensa do final dos anos 80, já se encontravam bastante distantes de uma origem escrava. A apropriação desses símbolos pode ser melhor entendido pelo conceito de "tradição inventada" definido pelo historiador Eric Hobsbawm.(43)

Por este conceito se entende certas "tradições" modernas que se baseiam numa releitura do passado construída a partir de uma ruptura com formas anteriores de pensamento e prática social, e que busca difundir valores e simbologias diversos, se legitimando enquanto mantenedora de um património ancestral.

A própria capoeira é pensada por nós como uma tradição escrava, incorporada e assumida por negros livres, brancos pobres e emigrantes portugueses no Rio pós 1850. Ao mesmo tempo que modifica estratégias e cria novos dispositivos culturais, o não-escravo, ou não-negro, introjeta símbolos, cores, sinais, próprios da condição escrava.

A primeira menção em jornal de Nagôs e Guâyamús encontramos em janeiro de 1870, na descrição de um violento conflito entre duas maltas:

Na noite de 6 para 7 de janeiro de 1870, sahindo a passeio uma Sociedade de Reis, dirigida por um Reginaldo de Tal, foi agredida pelos capoeiras da Glória, capitaneados pelo Pinta Preta, ficando ferido o menor do Arsenal de Marinha Eduardo Felício, que tocava pistom, acompanhando aquela sociedade. No dia seguinte, Manoel Maria Trindade, vulgo Manduca Tambor, ou Manduca Trindade, António Pereira da Silva, vulgo Antonico Morleque ou Antonico Capitão, Prudêncio José Ferreiro, José da Silva Balão e outros, concertavam tomar um desforço dos capoeiras da Glória, considerando aquele ferimento um insulto à sociedade da qual eles faziam parte.

A noite, acompanhando a mesma sociedade, tiveram aviso de que o Pinta Preta e os "Nagôs" (capoeiras da Glória) estavam na Rua da Alfândega: para allí correram disfarçados, deram-lhe algumas cacetadas, e quando elle caiu, Trindade fez-lhe o ferimento. Trindade e os seus apitaram de modo que quando veio a policia, figuravam elles como vítimas dos "Nagôs" e serviram de auxiliares em algumas prietas que foram feitas de capoeiras da Glória. No dia seguinte foi preso João Maria da Silva Seabra, conhecido por Dr. Cereja, por estar com uma face

gabando-se de que com ela tinha sido ferido o Pinta Preta. Respondeu a júry e foi absolvido.

Este conflito, nas vésperas do retorno das tropas brasileiras foi o primeiro de uma série de confrontos violentos entre maltas de capoeiras no início dos anos 1870.

Tudo leva a crer que o retorno dos capoeiras recrutados para a guerra desencadeou uma sangrenta disputa de posições com os que ficaram. De qualquer modo, a divisão Nagóas e Guayamús estava plenamente consolidada nesta época

Outro momento em que aparecem com destaque os Nagóas é quando da eleição de 1872, quando o "Gabinete do Ventre-Livre" ganha a disputa com os liberais e a dissidência conservadora escravista. O jornal oficial do Partido Liberal denuncia:

Cautela com as urnas da Glória, Santana e Guaratiba. Talvez ellas tenham de vomitar muita coisa que não foi legalmente engolida. O patriarca dos capoeiras, o homem dos lixos, e o vereador rural da "Última Hora" conservaram no seguinte plano: "Que Santana apresentaria mil votos para a chapa conservadora, Guaratyba outros mil e a Glória setecentos. Na opinião dos Srs. Barroso, Duque Estrada e Mello, com 2.400 votos tem-se a Câmara municipal... Em Guaratyba existe o processo de eleição em bico de pena; em Santana é a substituição dos maços, e na Glória a votação em duplicata de duzentos phosphoros...45

Agora a divisão Nagóas e Guayamús adquire uma outra dimensão. A dimensão política. 1872 é o marco de uma metamorfose na política partidária na Corte. Se consolida uma aliança subterrânea entre as maltas de capoeiras e o Partido Conservador, aliança que seria reeditada anos depois no episódio da Guarda Negra o que será tratada de forma mais abrangente no capítulo 5.

Sabe-se da "aliança" entre maltas de capoeiras e a facção do Partido Conservador mais ligada à negociação política da questão escrava. Seriam os Nagôas, mais especificamente, o grupo engajado nos conflitos político-partidários a favor dessa facção?

Em 1885 o Partido Conservador volta ao poder. Mas agora numa outra conjuntura. A crise política de 1884, deflagrada pelo projeto Dantas de libertação dos sexagenários, apoiada pelos abolicionistas, termina por dividir o Partido Liberal, e após o interregno Saraiva, vem o Gabinete Conservador Cotegipe, com a firme determinação de reprimir os militantes abolicionistas. Logo nos primeiros dias do ano a Gazeta da Tarde, porta-voz do abolicionismo, é vítima do primeiro ataque de capoeiras:

um grupo de mais de 50 capoeiras, armados de navalhas, parou em frente a redação daquela folha aos gritos de "mata", e invadiu a tipografia, tentando quebrar tudo. Os capangas eram chefiados por um desordeiro de fama, Castro Cotrim, e sete deles presos em flagrante eram navalhistas dos chefes da malta de Santa Rita, Coruja e Chico Vagabundo.(46)

Outro jornal trouxe uma versão diferente dos acontecimentos, com novos dados que facilitam o entendimento da disputa política que se esconde atrás da divisão Nagôas e Guayamús:

Ontem, pelas 3 horas da tarde, foi a casa da Gazeta da Tarde invadida por um grupo de capoeiras, que vinha em perseguição de vários vendedores desse jornal, que uns com os outros repetiam ainda uma vez aquelas antigas luctas pela preponderância, aos gritos de "Entra Santana" e "Encosta Santa Rita". Ao chegarem ao Gazeta os pequenos refugiaram-se ali, e os outros precipitaram-se atraz delles, agredindo o pessoal da casa, que se quiz opor aquella aggressão...(47)

Temos aqui um evidente conflito entre duas maltas. Por isso

lado a malta de Santana (Nagôas), formada por pequenos jornaleiros, de outro a malta de Santa Rita (Guaiamú) mobilizada contra os abolicionistas. Este conflito seria o início de uma amarga hostilidade entre militantes da causa da Abolição e grupos de capoeiras. Mas também de novos embates entre grupos de capoeiras tradicionalmente rivais.

Osório Duque Estrada, em sua obra sobre a campanha abolicionista(48) menciona os nomes dos chefes de malta aliados dos jornalistas pró-abolição. 1867 é ano de ruidosos conflitos de rua entre abolicionistas e capoeiras. Estes conflitos coincidem com as grandes batalhas entre Guaiamús e Nagôas que sacodem o centro do Rio de Janeiro em 1867:

Grande mobilização de Guayamús e Nagôs. O campo de operações foi o Largo da Sé.(49)

1868 é o ano da Abolição da Escravatura, e de grandes mobilizações de capoeiras. A formação da Guarda Negra é precedida por violentos conflitos entre Nagôas e Guayamús, retratados quase diariamente pela imprensa. Nunca como naquela época a atuação das maltas de capoeiras atingiu um impacto e uma sofisticação como se viu.

Enquanto isso, porém, nós vamos todos apreciando os progressos que a capoeiragem faz, passando de indivíduos isolados, de grupos, à partidos, e de pequenos conflitos à batalhas previamente anunciadas por meio de certas bandeirinhas: a coisa ameaça tomar grandes proporções. Alguns combates entre Guayamús e Nagôs tem tido já hora e lugar previamente anunciados, para que o povo possa assistir.(50)

Ao mesmo tempo que capoeiras digladiavam nas ruas, no cor-

lamento e nos jornais aliados e inimigos da causa da Abolição terçavam duelos, evidenciando o que era o grande pomo da discórdia na vida partidária durante os últimos anos da monarquia :

O Partido Conservador estava cindido em duas correntes: a da resistência à todo transe, cujo órgão principal era o Ministério Cotegipe, e a dos transigentes e reformadores, chefiados por Antônio Prado e João Alfredo... João Alfredo, respondendo insinuações de sucessão sobre a sucessão de Cotegipe, em dezembro de 1887, afirma: "Acompanharia a opinião pública, de modo que a grande reforma fosse feita com o mesmo espírito de ordem e paz que começou em 1871".(51)

1888 é também o ano da formação da Guarda Negra, a milícia de capoeiras que se tornaria célebre em seus ataques aos republicanos, não somente na Corte, mas em boa parte do Brasil.

No dia 10 de julho jornal de José do Patrocínio, *A Cidade do Rio*, anunciava a formação na Corte da "Guarda Negra da Redemptora", que tinha o objetivo explícito de combater a campanha republicana que se espraiava pelo país após o 13 de maio. Dois dias depois do solene anúncio, as páginas da imprensa na capital davam espaço para um acontecimento incomum na crônica policial da cidade: a prisão de toda uma malta de capoeiras:

Quando o batalhão vinha pela rua Visconde de Itaúna, às 5 h., fechou-se o cerco, dando em resultado caírem na rede 35 vagabundos e capoeiras, armados de cacetes e pedras, sendo alguns deles menores, que na frente do batalhão soltavam gritos de "entra ESPADA", e "entra MARINHA". Alguns puderam evadir-se, sendo presos no Campo da Aclamação, onde um deles resistiu a prisão.(52)

Os registros da Casa de Detenção, para onde foram levados os presos, raramente tinham documentado um grupo tão numeroso.

detido de uma vez só. Com toda certeza tratava-se da malta do Campo de Santana, uma das mais importantes da cidade. Os gritos característicos "entra Espada! Entra Marinha!" eram formas de desafio à maltas adversárias, no caso aquela (espada) que controlava a região da Lapa, e a outra (Marinha) era a tradicional adversária Guaiamú na zona portuária da freguesia de Santa Rita (vide MAPA 1).

Os capoeiras foram soltos em menos de um dia. Poucos meses depois, em 30 de dezembro, os mesmos nomes reapareceriam como membros da Guarda Negra em conflito com os republicanos de Silva Jardim na célebre batalha da Travessa do Barreira.(53)

A participação de Nagôas da malta do Campo de Santana na Guarda Negra levanta mais um rastro de que um dos pólos da divisão aqui estudada tinha sua origem na polémica questão da abolição. Uma questão que igualmente cindia o Partido Conservador em duas partes, como vimos antes, e que, como colocamos em outro capítulo, era o grande canal de ligação das maltas com a política partidária e nacional.

No centésimo aniversário da tomada da Bastilha, o centro do Rio é palco de nova batalha, em que, de forma atípica, Guaiamús e Nagôs estão do mesmo lado:

E deveras para lamentar que os Nagôas e Guayamús, iludindo a ativa vigilância da policia, viesse para a rua do Ouvidor praticar as cenas que descrevemos. Ora, a que tempos chegamos que a monarchia Já é sustentada pelos Guayamús! Palavra de honra que eu, se fosse Imperador, estava hoje corrido de vergonha, que sustentáculos, meu Deus!!.(54)

O desaparecimento definitivo dos "Guayas" e "Nagôas" ficou

marcado na vaga repressiva de 1890. Na fúria jacobina de Sampaio Ferraz, o intrincado tecido cultural dos Nagôas e Guayamús se rompe.

Vinte anos depois João do Rio relembriaria de forma nostálgica, nas memórias de um velho capoeira, as reminiscências da tradição perdida.(55)

II

RITUAIS DE CONFLITO

Passava pouco das 7 horas da noite de domingo, 8 de março de 1874, quando uma malta de capoeiras, composta de "crioulos, mulatos e Brancos"(56) atravessava a rua da Lapa, vindos dos lados da Glória. Na frente da malta vinha o preto Oscar, escravo do Dr. Taylor, morador na rua da Lapa 88, e que estava alugado na casa do Conselheiro Rebouças. Entre outros se destacava no grupo o menor Isaias, escravo de Maria Taylor, filha do mesmo Dr. Taylor, capoeira, nascido na província do Rio, e Henrique, africano, cerca de 40 anos, cozinheiro, escravo de César Farani.

A malta atravessou o Largo da Lapa, onde ficou Isaias, na confeitaria do Largo. Em seguida o grupo atravessou a rua dos Barbones, atual Evaristo da Veiga, subiu a rua da Ajuda, passou pelo Largo da Carioca, e adentrou o território Guaiamú, ao chegar à rua dos Ourives, em frente a Igreja de Nossa Senhora do Bom Farto.

Uma malta contrária ali se colocara. Na esquina da rua São José, uma grande taverna seria o palco do encontro. Em pouco tempo os dois grupos, tendo de um lado as maltas da Marinha (região

do Cais Pharoux) e Santa Rita, e do outro a malta da Glória, se digladiavam, jogando cacos de garrafas uns nos outros. O conflito transbordou para a rua em frente, alarmando moradores e autoridades da área.

O motivo da contenda foi registrado pela pena do escrivão de policia como uma enigmática "questão por causa da igreja", no caso a igreja do Parto, hoje demolida, mas que na época demarcava os limites entre as freguesias de São José e Sacramento.

Em minutos o som dos apitos era ouvido por toda redondeza, mas tardou para surgir alguma autoridade policial. Quando começaram aparecer policiais, os dois grupos se dispersaram. Enquanto que a malta da Glória seguiu pela rua da Assembléia os "partidos" de Santa Rita e Marinha foram em direção à rua dos Curives, no sentido da Candelária.

Neste momento, um dos assistentes da cena de pancadaria, Nemésio Ferreira da Costa, da janela do Salão dos Acadêmicos, na rua de São José, veio à rua para apitar, perseguindo um dos do bando de Santa Rita, chamado Zeferino, escravo de Luis José da Silva, pardo, de serviço doméstico, morando na rua do Sabão. Na esquina de Curives com Assembléia este desafiou outro com o grito tradicional - entra! - e foi surpreendido com o gesto de prisão de Nemésio. De acordo com a testemunha, ele não resistiu à prisão.

Mas o desfecho do conflito já estava consumado. Oscar, chefe da malta da Glória, já estava morto, vítima de uma perfuração no pulmão esquerdo. Quanto à Henrique, o africano de César Farani, acabou vítima de uma punhalada no estômago, dada pelo

poeira conhecido como Coruja, vendedor de pescados na Praia do Feixe, reduto do lendário Manduca da praia. Do lado dos guayamús, também houve baixas, ficou ferido no braço direito Raimundo, preto, escravo de Manoel Joaquim Alves da Rocha, natural do Rio Grande do Norte, refinador de água, morador na Rua de São Pedro, 164.

O agressor de Henrique, segundo o mesmo, foi o português Joaquim Pereira de Carvalho, de 20 anos, que tinha a ocupação de pescador, morador na estalagem da rua da Misericórdia, 54.

Quanto ao assassino de Oscar, todos os indícios apontavam para um escravo chamado por alguns de "pardinho da botica", e por outros de Campista.

Uma semana depois da batalha da rua São José, Arthur Carlos da Silva, pardo, da Bahia, 18 anos, trabalhador residente na rua da Pedreira 23, área dos Guayamús, (56) atravessava o Largo do Capim, grande praça localizada próxima da Igreja de Santa Rita, e encontrou-se com Pedro Martins Pinto, português, 15 anos, marceneiro, morador na rua do Regente 38, e com Emilio Róberti, emigrante francês, também com 15 anos, morador num modesto sobrado de 2 andares e duas portas, na rua General Câmara 96, quase esquina com Ourives. Conversando com os dois estrangeiros no quadril tero cercado por quatro guaritas, tendo ao centro uma torre, regularmente ocupado por quitandeiros e feirantes, (57) Arthur perguntou pelo Campista. Ele foi informado, então que o vulgo Campista, ou Maximiano, escravo de Antônio Correia de Sá Lobo, preto, 20 anos, natural de Minas Gerais tinha sido preso pelo assassinato do chefe dos capoeiras da Glória no dia 8, e

ainda por um ferimento em Honorato, provavelmente outro cativo.

A esta altura o conflito entre "Gloria" e "Santa Rita" já era alvo de investigação policial, e um processo judicial por homicídio corria na justiça.

Os dois informantes de Arthur eram também capoeiras, prática comum entre jovens emigrantes da Corte:

A imprensa logo publicou sua versão dos acontecimentos:

FERIMENTOS. Hontem, das 8 para 9 horas da noite, fora gravemente ferido no peito, no lado esquerdo, um individuo de cor preta, representando ter 20 anos de idade, na rua dos ourives canto da de São José, o qual, seguindo depois de ferido pela rua da Ajuda, caíra junto da casa 17, falecendo immediatamente. (58)

Mas somente nos dias seguintes a trama começaria a ser desvendada pelos jornalistas:

Uma malta de capoeiras, da qual faziam parte Florentino, escravo de Manoel Joaquim Alves da Rocha, Zeferino, escravo de Luis José da Silva, Antônio Joaquim de Azevedo, e Maximiano, escravo de Antônio Correia de São Lobo, chegando na rua dos Ourives, esquina de São José, encontrou-se com outra com quem andava de rixa, travando-se desde logo uma lucta desesperada, que obrigou os pacíficos transeuntes a fugir, e algumas lojas a fechar. No conflito caiu logo gravemente ferido e morreu pouco depois o escravo Oscar, do Dr. Carlos Frederico Taylor, afamado capoeira da Glória [grifo nosso]. Ficaram feridos também e acham-se em perigo de vida Henrique da Conceição, escravo do Dr. César Farani, e Raymundo, escravo de Manuel Joaquim Alves da Rocha, com confeitaria no Largo do Capim. (59)

O Jornal do Commercio, como sempre, mostrou estar melhor informado das andanças dos capoeiras nas ruas da capital:

Mais uma sanguinolenta proeza contam estes assassinos que infestam nossa cidade.

As 8 horas da noite de ante-hontem uma numerosa malta de capoeiras reunida na rua dos Ourives, esquina de São José, ponto de predileção dos capoeiras [g.n.], [...]. De repente levantou-se o tumulto, sacarão-se facas e aquele pedaço transformou-se em campo de batalha. Poucos minutos depois um desgraçado corria, gritando e com as mãos apertando o peito, de onde escorria sangue, enfiara pela rua da Ajuda e logo cahiu morto. Era o crioulo Oscar...Oscar era conhecido como capoeira, e já uma vez fora ferido na Freguesia da Glória. Ante Hontem vinha elle desta freguesia como chefe de um bando, e ao chegar à rua dos Ourives encontrou-se com outro bando, dahi a lucta... E indispensável que se ponha termo a este atos de canibalismo que nos cobrem de vergonha. Nos domingos e dias santificados percorre as ruas da cidade uma horda de assassinos, uns de instintos ferozes, outros inconscientes do mal que praticão; mas arrastados pelo exemplo, perpetrão-se dois ou três assassinatos, e no próximo dia santo repete-se a mesma cena de sangue.(60)

Esta longa e já cansativa descrição nos serve como ponto de partida para examinarmos um alguns dos aspectos mais importantes da exuberante cultura construída pelas maltas de capoeiras na Corte no século XIX: a ritualização do conflito.

O confronto da rua dos Ourives representa um clássico momento da longa guerra travada entre Guayamús e Nagôs. Escravos ou livres, brasileiros ou estrangeiros, os capoeiras se distribuíam pela cidade em conformidade com a divisão básica que abordamos neste capítulo.

O que teria acontecido dentro da taverna da rua dos Ourives? O processo não tem dados em detalhe deste momento, mas pelo depoimento de Flácido de Abreu vemos que o conflito dentro de uma taverna também era rigorosamente ordenado pela tradição:

Assim quando em uma fortaleza (taverna) encontram-se capoeiras adversárias, o guayamú pede vinho e aguardente, e derrama esta no chão e saracoteia em cima, lançando por fim o vinho sobre a aguardente.

É bastante isso para começar a luta, porque o capoeira não consente que sua cor seja pisada, e muito menos que se coloque sobre ela a cor dos adversários. É por este motivo que muitos trabalhadores honestos, que usam fachas de cor são navalhados. (62)

O termo "fortaleza" para as tavernas deixa entender que aqueles eram locais típicos de reunião e conflito, e mais, pontos nervosos de uma geografia de bairro, constantemente em movimento pelo embate intermitente das maltas.

Apesar da poeira inicial levantada na imprensa, o processo do assassinato de Oscar foi perdendo ímpeto. Os senhores dos escravos envolvidos foram paulatinamente levantando barreiras em defesa de sua propriedade. Aparentemente, um dos fatores da impunidade dos escravos presos como capoeiras era a atuação dos seus senhores, nem sempre dispostos a perder seus "bens" para alguma condenação judicial.

De qualquer forma, no nosso caso, o único cativo pronunciado foi Maximiano. Em seu recurso, o curador chega a apelar à "Sua Majestade Imperial" para conseguir a liberdade de seu cliente. Maximiano é libertado em julho de 1874.

Esse padrão de conflito, que vai vigorar pelo menos nas três últimas décadas do período imperial, se repete na crônica da capoeiragem de forma quase monótona. Por mais que pudessem haver pequenas rixas entre grupos de mesma área, o ordenamento fundamental das lutas, entre maltas era informado pela divisão entre Nagoas e Guayanús. Os primeiros controlavam os caminhos que levavam aos subúrbios da cidade, áreas de recente ocupação, próximas dos morros que cercavam a cidade velha. O segundo grupo mantinha sobre controle o núcleo urbano mais antigo, as ruas estreitas

tas e sujas da cidade velha, centro comercial e político da Corte.

Aparentemente, o domínio de uma área determinada, fosse uma pequena praça, ou uma grande freguesia, obedecia a uma determinada ordem de privilégios, e uma multiplicidade de vetores, que analisaremos mais adiante.

Por ora, importa aqui destacar os padrões que informam o conflito entre maltas rivais. Sempre que uma malta invadia território de grupo adversário, o momento desta ação coincidia com o calendário das festas religiosas, nacionais e dias de folga da escravaria urbana.

O dia de "folga", possivelmente, se relaciona com a tradição escrava de reuniões fora dos momentos de trabalho, e, muitas vezes, rebeliões e levantes. Neste ponto é elucidativa a passagem de João José Reis em sua obra clássica sobre a revolta dos Malês

Aliás, a escolha de dias santos, domingos e feriados para o exercício da rebeldia, fazia parte do modelo de movimentação política dos escravos na Bahia e no mundo. Ao contrário dos rebeldes modernos, que concentram seus protestos nos dias de trabalho - a greve sendo o modelo típico - os rebeldes escravos agiam principalmente durante o tempo de lazer.(63)

O lúdico se somando ao político da luta, já que a capoeira retinha os dois significados: a festa, a brincadeira, e a violência. Violência esta que, ao contrário do que uma longa literatura da vida escrava cristalizou, não se dirigia somente contra os representantes da ordem escravista, fossem senhores ou membros do aparato repressivo do estado, mas também contra seus iguais,

escravos, negros livres, brancos pobres, participantes de outras
malta. Estes seriam, na realidade, as grandes vítimas das mal-
tas: outros capoeiras:

Tenho a honra de participar a V. Ex. que hontem, pelas 7 horas da noite, pedindo-me o africano de nome Domiciano para ir a venda comprar charutos, teve um encontro, quando vinha de volta, com dois capoeiras, na esquina da rua de São Pedro, que o cercarão e o ferirão com dois golpes não pequenos, sendo um no peito no lado esquerdo e outro no braço esquerdo. Sendo avizado do ocorrido fui imediatamente ao encontro dos ditos capoeiras, e perseguindo-os pude apenas apanhar o chapéu de um que me afirmarão ser escravo do Dr. Pena, morador na rua das Violas, tendo a ponderar a V. Ex. que destes cazos estão sendo quase sempre acontecidos por estes bairros, já com africanos, como tendo feito participar a V. Ex.(64)

Voltando ao nosso conflito, podemos em primeiro lugar acentuar um dado importante. A noite de domingo e dos dias santos eram ocasiões preferidas para resolver contendas por dois motivos básicos: não apenas era um dos raros momentos de folga da escravidão urbana, folga essa entendida como direito dos escravos entre os costumes peculiares da vivência urbana. Mas também a noite era hora particularmente importante para tecer relações com outros cativos, sair um pouco da vigilância policial diurna, aproveitando as sombras, numa cidade escura e mal iluminada, para reunir grupos, de outra forma vulneráveis. Não podemos esquecer que a capoeiragem da 2ª metade do século, mesmo com a presença esmagadora de homens livres, retinha muito da cultura escrava forjada pelos africanos no ambiente urbano dos primeiros decênios do século XIX(65)

De acordo com a descrição do conflito de 8 de março, e de

outras rixas de rua, envolvendo maltas, a hora e local do encontro era pre-estabelecida. No momento em que a malta de Oscar atravessava a rua da Lapa, o grupo de Maximiano se encontra retido na taverna do canto de São José e Durives, esperando seus contendores. De qualquer maneira, os elementos dispersos do grupo se somavam a ele no trajeto da malta, como aconteceu com o escravo Isaias:

Que estando na rua da Lapa viu passar um grupo vindo do Catete no qual ia seu primo Oscar, e chamado por ele o acompanhou até a confeitaria do Largo da Lapa onde tinha de comprar açúcar. (66)

Ao chegarem na esquina da taverna, a malta da Glória já encontra o grupo de Maximiano reunido. No conflito que se segue, as maiores vítimas da violência foram o chefe da malta invasora, Oscar, e o africano Henrique, possivelmente um dos mais velhos do grupo.

Plácido de Abreu, em sua obra já citada, revela como os chefes de malta eram particularmente visados, talvez na tentativa de desarticular a ação do grupo atingido:

Os grandes condutores de maltas - Guayamús e Nagós, orgulhavam-se de seus golpes rápidos e decisivos... Nos terríveis reencontros de Guayamús e Nagós, se os chefes decidiam que uma questão fosse resolvida em combate singular, enquanto os dois representantes das cores vermelha e branca se batiam, as duas maltas cercavam-se a distancia, e fosse qual fosse o resultado do duelo, de ambos os lados rompiam aclamações ao vencedor. (67)

Quando a refrega na taverna estava no auge, a chegada da polícia desarticula os dois grupos, que também fogem de forma va-

ganizada. Sintomático que neste momento Oscar já estava fatalmente atingido, e morreria poucos passos depois. Podemos intuir que o vencedor da luta foi o grupo Gualamú, na medida que não há outro capoeira morto? A morte de um chefe de malta com toda certeza era um pesado golpe.

O tema da ritualização de conflitos sociais, de fundo religioso ou político, tem merecido atenção em estudos recentes. Natalie Davis, por exemplo, estudando os conflitos entre protestantes e católicos na França do século XVI, destaca de que modo existia uma elaborada rede de significados e rituais que dirigia os violentos embates entre populares. (68)

Já Thompson, em toda sua obra, e particularmente no clássico artigo sobre a "economia moral da multidão", se preocupa constantemente com a interferência da cultura, do costume e do simbólico no conflito social, seja entre membros das camadas populares, seja em desafio a ordem dominante.

No Brasil tais questões são também destacadas por alguns autores. Os trabalhos de João José Reis, entre outros autores, representaram adaptações possíveis no ambiente brasileiro.

Para o nosso caso, podemos afirmar que o ritual da capoeira era tremendamente diferente do que significa estes termo hoje. Os dados fragmentários que reunimos nos mostram uma ritualização que obedecia um objetivo determinado: a consolidação do grupo, sua identidade sendo cristalizada pela ação conjunta, pela auto-defesa grupal, por um "patriotismo" de freguesia, uma ligação forte e envolvente com a área de atuação da malta, mesmo sendo um local restrito e ermo.

Nesta geografia peculiar, já bastante falada, a igreja cumpriu papel importante. Mello Moraes filho (69), e vários outros autores, realçam a importância destes templos na cultura dos capoeiras, até como espaço de exhibições de malabarismos e habilidades. Os nomes das maltas, principalmente dos Guaiamús (MAPA 2) eram referenciados frequentemente com símbolos religiosos: "Três Cachos" malta da freguesia de Santa Rita, cujo nome era derivado do símbolo da santa que encimava a porta da igreja. Região portuária, de desembarque de mercadorias e gêneros vindos do interior, e local de moradia para grande parte dos imigrantes. Região de cortiços, ruas estreitas, e bastante populosa.

"Dos Ossos". Dominava a região em torno da igreja de Bom Jesus do Calvário, meta final da procissão de Corpus Christi. Seu nome derivava do fato dessa igreja ter em sua fachada os ossos simbolizando o martírio. "lança", controlava a região próxima a igreja de São Jorge, nos arredores do Campo de Santana, limite da freguesia de sacramento, e da área mais concentrada de construções. Seu nome era uma alusão certamente dedicada ao Santo guerreiro.

"Franciscanos", malta do Largo de São Francisco, ponto nervoso do embate das maltas. Região de grande importância política pela proximidade de redações de jornais, e também de comícios populares.

Símbolos de uma cultura mestiça, imersa de sinais da dominação cristã, ou referência inevitável a administração civil, que se confundia com a administração religiosa, as maltas guaiamús controlavam a parte mais importante da Corte.

Sintomaticamente, os grupos Malças não guardam referências católicas. O "Cadeira da Senhora", Malça do campo de Santana, grande área aberta da cidade,

teria sua denominação das Cadeirinhas de arruar, que serviam para as senhoras da elite atravessarem o extenso campo, e que quase sempre eram carregadas por escravos. "Monturo", a malça que controlava a praia de Santa Luzia, nas fraldas do morro do Castelo, antiga área de estiva, como vimos no capítulo anterior. Região de pesca e de trabalho marítimo. seria assim chamada devido ao hábito de se despejar naquela área os dejetos domésticos, hábito comum numa cidade sem nenhum sistema de esgoto. Não esqueçamos que eram escravos, chamados "tigres", aqueles que faziam geralmente este serviço.

"Espada", dona da área em torno dos Arcos da Carioca. Região de hotéis e de vida boêmia. Na época ainda uma zona bucólica.

"Flôr da Gente", da região da Glória. Teve papel decisivo na vida política durante os anos 1870, a serviço do Partido Conservador.

A simbologia das malças espelha um controle informal de partes vitais da cidade, uma espécie de "loteamento" do tecido urbano em benefício de grupos estrategicamente localizados. Não encontramos indícios na documentação de qualquer ligação maior entre as malças e a Igreja. A literatura apenas informa da desenvoltura com que os capoeiras, na metade do século, subiam e desciam as torres das igrejas, ou se espalhavam pelas procissões. Aparentemente, a nomenclatura católica de algumas malças tem re-

lação com a posição privilegiada dos templos religiosos na geografia da cidade colonial. Mas, pensamos também, a predileção dos Guaiamús por títulos católicos resvala por um fundo cultural de clara influência nativa e portuguesa.

A "questão por causa da igreja" que desencadeia o choque entre Nagôas e Guaiamús naquele março de 1874 está no fundo de grande parte dos confrontos que formam a crônica histórica da capoeiragem na cidade. Mas não temos ainda comprovação segura para afirmar o determinante fundamental que dirigia o conflito por áreas-chaves: um "pedágio" para aqueles que circulassem por ali? um monopólio do uso da violência? De qualquer maneira, pensamos que o controle de determinada parte da cidade revertia para a malta em privilégios concretos e materiais.

Mesmo artimanhas que possibilitava a fuga das malhas da justiça eram incorporadas como tradições, ritualizadas pela prática.

Em 1872 o chefe de Polícia da Corte estava no encalço dos assassinos de Antônio José de Azevedo, vulgo Pinta Preta da Lapa, Guarda Nacional, chefe dos capoeiras da Glória, morto dois anos antes, como vimos acima.

O acusado na época era João Maria da Silva Seabra, vulgo Dr. Cereja, que foi absolvido da acusação. Descobriu-se depois a trama que foi urdida:

Verificou-se depois que esse, à tarde, fora buscar uma faca por ordem de Manduca Trindade, em casa de Fuão Chaves, e a noute, estando embriagado, passaram-lhe a faca (do assassinato de Pinta Preta) do ferimento. Sabia ele a procura de Trindade para

lhe entregar, quando foi preso. (70)

Quinze anos depois, em 1885, um caso idêntico ocorreu não muito longe daquele local. No carnaval de 1885 um pardo desconhecido apareceu morto na rua da Carioca. Na confissão de um tal Adolfo Mulatinho surgiu a suposta verdade dos fatos: Adolfo Mulatinho, ou Adolfo Ferreira Nogueira não só matara o pardo, como se gabara do feito com outros no Campo de Santana, rasgando seu pandeiro, e limpando a navalha tinta de sangue.

Esse processo, analisado meticulosamente por Sidney Chalhoub (71), revela uma trama, nas palavras do advogado de Adolfo, urdida entre policiais e capoeiras da freguesia de São José, trama cujo sentido fundamental era jogar nas costas de Adolfo a culpa do homicídio do pardo. No final das contas, Adolfo Ferreira Nogueira foi condenado, mas em que medida podemos reler este caso como uma reedição do ocorrido com o bizarro Dr. Cereja, que durante quase dois anos teve de provar a inocência, afinal consagrada pelo próprio Chefe de Polícia da Corte, Ludgero Gonçalves da Silva?

A consistência com que algumas práticas dos capoeiras se repetem no cotidiano de embates, revela um somatório de experiências, experiências compartilhadas socialmente, práticas transformadas em tradição, hábitos sedimentados em rituais informais. Plano cultural só desmantelado pela virada radical que o alvorecer da República trouxe para a cidade do Rio de Janeiro.

Vamos agora tentar captar os significados da festa e das reuniões populares na atuação das maltas, tentando perceber as visões possíveis embutidas nas descrições várias da época.

III

FESTA E VIOLÊNCIA

Os momentos de grandes concentrações populares na cidade, ou devido ao calendário religioso herdado dos tempos coloniais, ou em função das novas tradições criadas pelo estado imperial, eram oportunidades que as maltas não perdiam de exibir suas habilidades públicas, ou resolver contendas que, não raro, degeneravam em tumultuados conflitos, que o poder policial raramente conseguia coibir.

Da literatura podemos retirar visões densas de informações, e homogêneas no enfoque. Para estes autores, a atuação das maltas nos momentos de festa popular era mais um motivo para denunciar sua presença incomoda nas ruas da cidade, e clamar sua eliminação definitiva, pelo bem da "civilização":

Os capoeiras formam maltas, isto é, grupos de vinte a cem que, à frente dos batalhões, dos préstitos, carnavalescos, nos dias de festa nacional, esbordoam, ferem...As vezes, interrompendo a marcha de uma procissão, o desfilar de um cortejo, ouvia-se o grito das senhoras correndo espavoridas, das negras levando os senhores moços ao colo, dos pais de família pondo ao abrigo a mulher e os filhos, o horroroso "fecha, fecha".(72)

Mesmo narrativas menos atrozes confirmam a predileção dos capoeiras pelos momentos de reunião popular ou festa nacional, confirmando visões anteriores:

No tempo do Império, os capoeiras precediam sempre as procissões de Corpus Christi, e no carnaval

vinham em frente dos blocos, promovendo distúrbios.(73)

Nos dias de festas eclesiásticas e populares, e durante os desfiles militares eram personagens indesejáveis e perigosíssimos. Andavam sempre aos bandos, ou maltas de vinte, cem e cinqüenta homens, precedidos pelos caxinguelês, ou menores vagabundos. Promovendo conflitos e questões, surrupiando coisas, espalhando outras pelo chão, abrindo caminho para as bandas de música militar, acompanhando enterros, e obrigando aos gritos os transeuntes a se descobrirem, praticando mil outros delitos, e rasgando, as vezes rasgando o ventre de pacatos burgueses...(74)

Outras vezes, eles eram, contraditoriamente, a própria alma da festa, participando ativamente das coloridas cerimônias do catolicismo de rua herdado dos tempos coloniais:

Antigamente se festejavam nas igrejas e ruas, com grande entusiasmo, o Dia do Divino Espírito Santo, padroeiro da freguesia de Santana...grupos percorriam diversos lugares da cidade, rufando tambores, tocando pandeiros e violas, cantando modinhas populares...uns pediam esmola em altas vozes ao povo, que, satisfeito, assistia a pagodeira batendo palmas, outros cantavam e dançavam nas ruas e casas de famílias distintas, interessadas nos festejos dos capadócios, os quais eram também valentes capangas eleitorais da Flôr da Gente e dos Guaiamús.(75)

Nas distintas visões que observamos, os capoeiras, os "donos da rua" do Rio do século XIX eram parte integrante das três formas principais da vida lúdica urbana: a procissão católica, o desfile militar, e o carnaval do povo.

Voltando nossa atenção para os jornais de época, observamos como a reunião pública, em particular a festa de rua, era momento privilegiado de atuação, como essa véspera do dia do padroeiro da cidade:

Costumando os capoeiras aproveitar os dias festivos para fazerem suas correrias, perpetrando crimes e pondo em alarme os cidadãos pacíficos, e sendo inquestionável que entre elles figura não pequeno número de soldados de linha a paisana, rogo a V. Ex. dignar-se entender-se com o Sr. Ministro da Guerra a respeito e conseguir delles que se não permita amanhã sahida dos soldados que não estiverem de serviço nos respectivos quartéis. (76)

Tavernas, bodegas, e botequins, ao contrário do calendário intermitentes das festas, eram espaços permanentes de reunião.

AJUNTAMENTOS PERIGOSOS. Já por vezes temos chamado a atenção das autoridades sobre a venda da rua de São Bento 53, por causa dos capoeiras que constantemente ali se ajuntam, provocando desordens. Ainda hontem a patrulha que lá rondava intimou o caixeiro que não consentisse ali tantos negros e tanta algazarra. (77)

O simples ajuntamento de povo era, ocasionalmente, motivo suficiente para que a malta se reunisse, muitas vezes em demonstrações de habilidade.

CAPOEIRAS. A nova barraca que enfeita atualmente o Largo de São Francisco de Paula, atraindo a atenção dos transeuntes para as curiosidades do diorama, chama também a concorrência dos capoeiras, que são para multidão como a mariposa para a luz (grifo nosso). Assim, sem cuidar em policia nem em sossego público, mostravam Afonso Talangé, ex-praça do Corpo de Bombeiros, e Francisco Ferreira da Silva, suas habilidades na arte da capoeira. (78)

Estes locais de reunião serviam também como esconderijos para armas, e assim eram focos de ajuntamento que transformavam

em muitas grupos antes dispersos em indivíduos isolados por seus afazeres:

Um urbano apreendeu ontem, a 1 hora da tarde, 4 baionetas e um espeto que se achavam escondidos por baixo de um quiosque do Largo da Carioca. Supoem-se que tais armas eram destinadas a uma batalha de capoeiras, mas que ficou frustrada pelo acaso. (79)

Quais seriam os significados da presença tão marcante dos capoeiras nas festas populares da Corte, seguindo procissões, ou à frente de bandas militares?

O capoeira era figura *sui generis* do universo da criminalidade urbana da Corte. Enquanto quase todos os personagens da marginalidade se preocupavam em permanecer ocultos na massa anônima, os capoeiras primavam pela notoriedade e pela fama. Este comportamento possivelmente tem relação com o código hierárquico que atravessa de alto a baixo esta "instituição."

No nível mais baixo estavam os "caxinguelês" (80), menores que acompanhavam as maltas em suas incursões em terrenos adversários. Eram os aprendizes. Em seguida vinham os capoeiras "amadores", nas palavras de Plácido de Abreu, que conheciam os golpes, mas não se alinhavam nas gangs (O próprio Sampaio Ferraz, célebre como o exterminador da capoeira, era um "amador" respeitado por sua agilidade).

Depois vinham os capoeiras "profissionais", que conviziem no interior das maltas e praticavam permanentemente a habilidade do capoeira.

Por último estavam os chefes de malta, que alcançavam o topo

estágio após demonstrarem bravura e habilidade não igualadas, até encontrar pela frente um mais ousado que os destronassem. Mello Moraes fala inclusive em um misterioso "Chefe Geral", que pode ter relação com a divisão Nagoas e Guaiamus.

A passagem de um nível para outro não se fazia somente pelo ritual, mistura de aprendizado e rito de passagem, tão bem colocado por Plácido de Abreu, que examinaremos com mais vagar posteriormente. Era necessário uma boa dose de consenso no grupo, com certeza, para se galgar o posto de chefe de malta. E a permanência no cargo envolvia um prestígio continuado, aí não somente na malta, mas também na sociedade como um todo. Uma fama de terror, que também estava ligada aos valores de bravura, força e valentia, tão fortes nessa sociedade.

Nomes como Campanhão, Manduca da Praia, Trinca Espinha, Carrapeta, se tornaram lendas no folclore perdido da memória popular dos fins do século XIX, e esta legenda foi acuradamente trabalhada na manutenção do prestígio. Acompanhar bandas militares, interromper procissões, invadir recintos de festas, sobre os olhares da multidão, na certa fazia seus nomes cruzarem as conversas do povo, e seria parte do prestígio conquistado na arena das ruas. Depois de galgado este superior estágio, o chefe de malta administrava sua fama mortífera por implacáveis atentados contra possíveis rivais ou desafetos.

O capoeira perverso, perigoso, incorrigível, não é exatamente esse que anda em frente às músicas, nas festividades públicas, a fazer meneios e agilidades: é aquelle que esconde o punhal, esgueira-se na multidão, occulta-se debaixo da máscara em tempo de carnaval e fere traiçoeiramente.

Os que precedem as músicas nas ruas públicas, fazendo meneios e agilidades de que trata o projeto, são ordinariamente meninos, sem imputabilidade, são talvez os neófitos da seita, mas incapazes de brandir uma arma mortífera. (81)

As aparições públicas de capoeiras, em desfiles, festas e procissões, fartamente documentadas pelas fontes jornalísticas, guardavam dimensões próprias, mas retinham um caráter comum de sedimentar o prestígio do capoeira frente a uma parcela da população, prestígio este refletido na crescente presença de adolescentes de certas camadas sociais nos "exercícios de capoeiragem", que analisaremos posteriormente. Agora iremos detalhar os significados possíveis das intensas relações entre os capoeiras e a vida militar.

IV

LEALDADES DE CASERNA

Ao anoitecer do dia 29 de junho de 1882 um batalhão de infantaria do exército adentrava o quartel do Largo do Moura, nas abas do extinto Morro do Castelo, precedido por uma banda militar. Durante todo o trajeto do batalhão, capoeiras dos arredores antecederam a tropa, fazendo os malabarismos típicos.

No momento em que a tropa se acerca do portão do quartel, um praça policial tenta prender aquele que encabeçava a malta, chamado José Eça da Cunha, 19 anos, branco, catraieiro, morador na rua da Misericórdia, ali próximo. Um rápido golpe de navalha e o policial cai ensanguentado. Outros policiais que acompanhavam o ferido partem para cima do agressor. Nesse instante, soldados do

batalhão, armados de espadas, investem contra o grupo policial, que, inferiorizado, bateu em retirada, enquanto José Eça aproveitava a confusão para fugir.

Não adiantou. Num botequim da rua da Misericórdia, longe da proteção dos praças do Batalhão, José Eça é preso por um soldado do Corpo da Guarda Urbana. No trajeto do batalhão, várias vezes policiais tentaram prender José Eça, e sempre tiveram de enfrentar as espadas de soldados que largavam a formação, sobre o olhar indulgente dos oficiais superiores.

Esta história paradoxal foi possível de ser resgatada porque o caso redundou num processo-crime. Em uma das peças o escritor teve o cuidado de registrar:

O acusado José Eça da Cunha, muito vantajosamente conhecido como um dos mais perigosos capoeiras do 3o Distrito, e infelizmente muito protegido pelo 7o Batalhão de infantaria, por ter relações íntimas com um grande número de praças do mesmo Batalhão....(B2)

Por toda a segunda metade do século XIX as relações entre o mundo militar e o universo da capoeiragem foram caracterizadas de uma estranha simbiose. Seguindo bandas militares, utilizando a proteção da corporação militar para seus conflitos com a polícia, se misturando com soldados fardados em maltas, os capoeiras, principalmente nas décadas de 1870 e 1880 criaram um modus-vivendi com o aparato repressivo que ameaçou, algumas vezes, a hierarquia militar.

Nos anos 1850, já a capoeiragem se confundia com o serviço de armas, na época centralizada pela Guarda Nacional, instituído

ção criada na turbulenta época regencial para coibir desordens internas. A documentação policial, principalmente na administração como Chefe de Polícia da Corte de Alexandre Joaquim de Siqueira, a partir de 1853, exaustivamente revela a estratégia deliberada de praticantes da capoeira em participar da corporação como estratégia de defesa, num período de feroz repressão. Logicamente, somente homens livres tinham acesso a estes recursos, já então fortemente ligado ao patronato político, que também dominava nas grandes cidades.

Não devo porém aqui dissimular uma circunstância a que sempre atendi com o maior respeito, e que por isso mesmo me foi de grande embaraço, quando me via obrigado algumas medidas que acima falei, contra tais vadios e desordeiros, o serem quase todos eles Guardas Nacionais, e como taes isentos de praça em quaisquer das armas. Elles o sabem perfeitamente, e portanto se julgam imunes. (83)

E no mesmo documento se revela o mecanismo de proteção que os capoeiras usufruíam dentro da Guarda Nacional. Num outro officio seguinte um official superior da Guarda requisita ao Comandante do Corpo Militar de Polícia da Corte a soltura de um seu commandado, preso como capoeira:

Tendo requisitado de S. Ex., Cel. Comandante, por intermédio de V. Ex. a soltura do Guarda Nacional da Companhia sobre meu commando, João Antônio da Silva, quando prezo no dia 14 de julho por suspeito de capoeira e acusado pelo inspector da freguesia de Santanna, de nome Fuaõ Cavalcante, dizendo este ao dito Chefe de Polícia que o dicto Guarda em dezembro do anno passado fizera ferimentos, que resultou nessa accusação. Respondeu o mesmo Chefe de Polícia que não podia mandar soltar, em consequência de ter o dicto Guarda de entrar em processo. (84)

A década de 1850, que coincidiu com a entrada maciça de não-escravos na capoeiragem, também espelhou a presença frequente de capoeiras nas corporações militares, principalmente Guarda Nacional.

A incorporação de elementos da população negra livre ao status militar, era importante porque retirava da marginalidade elementos sociais cuja repressão era mais complicada do que aquela dirigida aos escravos, e contra quem o aparelho jurídico de coerção era perfeitamente definido. Não devemos esquecer, também, que uma das principais prerrogativas da Guarda Nacional era a imunidade de prisão por policiais de patente inferior a sua.

Com a Guerra do Paraguai o eixo do poder militar no país passa da Guarda Nacional para o exército, cuja base social se amplia consideravelmente com a eclosão do conflito. No pós guerra, a convivência entre matas de capoeiras e soldados do exército se torna mais frequente e problemática, como se percebe nas fontes da imprensa.

Muitas vezes a farda não era obstáculo ao exercício lúdico da capoeira, misto de brincadeira e combate:

Contaram-me que no domingo, passando uma sociedade de música pelo Largo do Rossio, ia na frente dela um urbano de grande fardão, a espada a bater-lhe na barriga das pernas, o boné a zamparina, a blusa manchada de... tinta roxa, saltando e capoeirando que era um passar-se e arredar-se a gente.

Numa de suas graciosas evoluções passou uma rasteira em um pequeno que foi de encontro a balaustrada daquela praça, onde se machucou sofrivelmente. (85)

Nos anos 70, militares, de todas patentes, repetiam, eles mesmos, gestos atitudes que eram típicas da capoeiragem, revelan-

do uma troca de valores dentro do rígido ambiente dos quartéis.

Desde alguns annos tem-se habituado os militares, alumnos da Escola Militar, aspirantes e Guardas Marinhas e officiais do exército a praticar toda sorte de tropelias nos dias de carnaval e Semana Santa, escolhendo de preferência para teatro de suas escandalosas desenvolturas a rua do Ouvidor, por ser aquella mais frequentada por familias... (86)

Como interpretar a presença de capoeiras encabeçando desfiles militares, seguindo bandas, afrontando os mantenedores da ordem?

Novamente devemos buscar, em fragmentos da documentação, a estratégia social que orienta a ação grupal. Além do que já foi falado na questão da festa, devemos introduzir um outro elemento: o companheirismo.

Vários indícios permitem afirmar que a ética que permeia a participação dentro de uma malta é vigorosamente marcada pela necessidade de solidariedade grupal, do reforço dos laços de amizade. Da constante demonstração de unidade do grupo em relação aos seus membros, principalmente nos momentos de luta com outros, sejam capoeiras ou policiais. Possivelmente esta é a própria natureza da malta de capoeiras, a sua força frente aos elementos da repressão, e o sentido maior de identidade construída por individuos de origens diferentes em torno de um bairro, freguesia ou igreja. Tão frequente nas páginas policiais quanto o acompanhamento de bandas militares, é o envolvimento de grupos em conflitos com policiais para salvar elementos da malta de uma prisão iminente.

SEM COMENTARIOS. As 9 horas da noite de ante-hontem, por ocasião de efetuar-se a prisão de alguns capoeiras no Campo da Aclamação, esquina da rua de São Lourenço, dois praças de polícia e três do 2 regimento de Artilharia se opuzeram a prisão dos malvados. Travou-se grande lucta entre urbanos e os dictos soldados, que querião a força tomar um preso pelo fato de ter sido do corpo de policia.

Reunindo-se grande número de pessoas, houve tal confusão que o capoeira, que se chama F. Dias, conseguiu evadir-se...(87)

Ocasionalmente, a imprensa da Corte se indagava dos motivos dessa comunhão, para ella, de todas as formas, perigosa.

ERÃO MUITOS. Diversos praças do exército e capoeiras estavam ante-hontem, fora de horas, na rua da Conceição. Porque ali se juntarão e como é que assim se unem, em tão boa harmonia, os sustentadores da ordem e os constantes perturbadores dela, é o que não sabemos.(88)

É possível se perceber este dado cultural como fenómeno mais forte nas décadas de 1870 e 1880. Enquanto nos anos 50 temos a Guarda Nacional como refúgio natural dos "navalhistas", os anos 70 inauguram o recrutamento no exército como destino daqueles que, mesmo não sendo escravos, representavam desafio constante à ordem que se queria implantar. O que podemos indagar é, em que medida ser recrutado era interpretado, num certo periodo, como um castigo exemplar, temido pelo elemento marginal, e passou, num outro momento a ser visto como um refúgio natural, onde ele encontrava solidariedade e companheirismo.

De qualquer forma, o capoeira, na vida militar, baseado em sua experiência social, reordenava valores e comportamentos, marcando sua presença por novos laços de identidade no seio da tropa. Isso pode ser percebido no testemunho de um capoeira,

preso na vaga repressiva de 1878. Vindo de Alagoas, e embarcando várias vezes na navegação costeira, Manuel Messias Pereira Barbacho foi enviado de Alagoas ao Chefe de Polícia da Corte, por ter confessado ter participado de uma malta de capoeira *sui generis*:

confessou ter feito parte naquela cidade (Corte), com o nome de Antonio Manuel da Roza, de uma companhia denominada "capoeiras", cujo fim é roubar e cometer outros actos criminosos.(89)

A ética da valentia e da força, tão cara aos jovens pobres da Corte, naquele momento, tinha forte penetração na vida militar, e se coadunava fortemente com a visão de mundo daquele grupo.

No nosso entender, o maior prestígio que a farda adquire na sociedade carioca do pós 1870, também influiu na presença cada vez mais intensa de capoeiras nas fileiras militares. Luis Edmundo deixou curioso relato de um desertor do Exército, popularmente conhecido como Vinte-Nove, sobrevivente da Guerra do Paraguai, e que, anos a fio, envergou sua farda pelas ruas da cidade, mesmo maltrapilho e miserável, e correndo o risco de ser recapturado, cuja punição, pelo regulamento militar, teria sido extremamente penosa.(90)

Desafiando regulamentos, se sociabilizando com escravos e pobres livres da cidade, exibindo habilidades, enfrentando policiais, afrontando a hierarquia, os soldados-capoeiras representavam mais uma faceta da guerra das ruas nas últimas décadas do século XIX.

RITOS DE APRENDIZADO

No dia 23 de outubro de 1881, Domingos Soares Calçado, conhecido como Dominguinhos da Sé, subia a íngreme ladeira da rua da Pedreira da Candelária, na freguesia da Glória, seguido por um grupo de meninos com idade entre 7 e 11 anos. Seria cerca de 17 horas quando Domingos parou em frente ao nº 34, uma padaria. Rapidamente, alguns dos meninos se aproximaram da porta e começaram a provocar um dos empregados da dita padaria, de nome Manoel Rodrigues dos Santos, 18 anos, carregador de cesto.

Este, atingido por alguns pedaços de pau, reagiu tentando espantar os menores. Detrás do grupo Domingos, o único que envergava um chapéu, desabado sobre os olhos, em segundos puxou um canivete de cabo branco e acertou um golpe na coxa do infeliz pai-deiro. Após a navalhada afirmou em alto e bom som: - "este está pronto".

Numa espécie de senha, o grupo desceu correndo a ladeira, acompanhado por populares aos gritos de - "pega". Próximo do Largo do Machado Domingos passou a briga do crime para um dos menores, que desapareceu em uma das ruas da área.

Ao se aproximar da rua do Catete o grupo de populares já era uma multidão. O Guarda urbano Augusto Pereira Coutinho, que fazia a ronda, estranhando o rebulício, perseguiu Dominguinho até a praia de Botafogo, onde ele foi afinal preso.

Esta curta descrição sintetiza o episódio central de um longo processo crime, (91) que guarda sua singularidade por ser

tar um dos momentos mais fugazes da elaborada ritualização da capoeira: o batismo de fogo de uma malta.

Aquilo que o subdelegado da freguesia da Glória chamou de "uma malta em formação" representava um dos estágios mais críticos da passagem do "moleque de rua" ao capoeira: o aprendizado da capoeiragem.

Podemos retirar deste processo algumas lições que outra documentação dificilmente elucidaria. Dominginhos da Sé, como seu nome denuncia, tinha como área de atuação o largo da Sé, no centro velho da cidade, tradicional reduto Guaiamú. O que o levaria a se aventurar num bairro tão distante como a Glória, além de tudo poderoso núcleo dos Nagôas? Podemos inferir que o desafio à parte adversária da cidade fazia parte do aprendizado.

Os meninos que acompanhavam Domingos teriam sido arrebanhados nas ruas pelo seu futuro chefe para formarem uma malta, e aprenderem, na prática, o que significava ser capoeira. A vítima, possivelmente, não estava tão alheio a este universo, pois, segundo uma das testemunhas, "o ofendido é um carregador de cestos de pão que nem sempre trabalha, é mesmo considerado vadio". É possível que ele fosse membro da malta da Glória, como Oscar, o escravo de 1874, tinha sido em outro tempo.

Decerto Dominginhos planejava demonstrar *in locus* para os meninos como se manejava a navalha, e estes, numa atitude pré-concebida, provocaram o pardo carregador na expectativa que ele reagisse. Ao reagir, Dominginhos, que se mantinha atrás do grupo, se aproxima e comete a agressão, na certa para reforçar em seus "alunos" a habilidade necessária. Disperso o grupo, certa

mente se reuniriam mais tarde em outro lugar, se seu chefe não fosse preso.

Dominguinhos não era um simples "pé rapado". Seu pai era um português com açougue instalado no Largo do Rosário. Ele demonstrou seu prestígio ao conseguir prestar fiança provisória do filho com auxílio de importantes proprietários de sobrado da freguesia do Sacramento, que chegaram a empenhar prédios para que o menino prestasse sua defesa em liberdade.

Domingos Soares teria que comparecer regularmente para acompanhar o processo, e a hipoteca do prédio deveria ser limpa de irregularidades. Nem uma coisa nem outra. Em setembro de 1882 o juiz relator concluiu que a fiança não foi paga, e o réu teria de ser intimado. Em janeiro de 1883 é expedida ordem de prisão contra Dominguinhos da Sé.

Em 19 de fevereiro de 1883 Domingos Soares Calçada voltaria a conhecer as paredes da Casa de Detenção. Neste momento entra um importante personagem da história. O adjunto de Promotor Público João Batista Sampaio Ferraz. Iniciando sua carreira jurídica. Sampaio Ferraz ficaria famoso anos mais tarde quando dirigiu a polícia da capital logo após a Proclamação da República, e realizou uma fulminante campanha repressiva contra os capangas.

O promotor Sampaio Ferraz retomou o fio da história, chamando todas as testemunhas anteriores, todas da acusação. Em 25 de abril recomeçou o julgamento. Mas, para infelicidade da acusação, só uma testemunha compareceu. A estratégia de Sampaio para ocultar as testemunhas da acusação de modo que não fossem vultu-

rabilizadas pelo acusado e seus defensores. Sampaio Ferraz temia, de certo, a força política que um capoeira podia exercer, com o apoio de poderosos comerciantes locais, que disputavam eleições nas freguesias e assim utilizavam dos serviços futuros de um renomado "navalhista".

As fartas provas de acusação contrastavam com frágil alegação do réu de que desconhecia tudo. Num final paradoxal, Dominginhos é absolvido por unanimidade pelo júri.

Sete anos depois Sampaio Ferraz teria o gosto da vingança, deportando Dominginhos para Fernando de Noronha junto com a nata da capoeiragem carioca.(92)

O processo do aprendizado da capoeira, é um dos momentos vitais da elaborada cultura popular na cidade do Rio de então. Plácido de Abreu dedica uma parte de seu relato às formas de aprendizado da capoeira para Nagôas e Guayamús, que diferiam somente quanto a localização:

Há pouco tempo o bando Guayamú costumava ensaiar os novichos no morro do Livramento, no lugar denominado Mangueira.

Os ensaios faziam-se regularmente nos domingos de manhã e contavam dos exercícios de cabeça, pé e golpes de navalha e faca. Os capoeiras de mais fama serviam de instrutores aqueles que começavam. A princípio os golpes eram ensaiados com armas de madeira e por fim serviam-se dos próprios ferros, acontecendo muitas vezes de ficar ensanguentados o lugar dos exercícios.

Os Nagôas faziam os mesmos ensaios, com a diferença que o lugar escolhido por eles era a praia do Rüssel, para os partidos de São José e Lapa, e morro do Pinto para o de Santa'anna.(93)

O testemunho de Plácido, como sempre, abre um horizonte que dificilmente é superado pela documentação oficial. Nas fontes

policiais e nos jornais diários as menções de aprendizado quase sempre se referem ao espaço urbano, propriamente dito, as ruas e praças, e poucas vezes chegam aos recônditos lugares referidos por Plácido. Estes momentos na realidade registram um estágio mais avançado do aprendizado, quando o iniciante tem de mostrar sua coragem desafiando os agentes da ordem policial:

Por se achar em exercício de capoeiragem ante-hontem à tarde no Largo da Carioca, foi preso o preto Augusto, escravo de João Gomes Xavier. (94)

O "exercício de capoeiragem" já conformava outra fase do aprendizado, aquela na qual o neófito demonstrava sua capacidade de introjetar as lições dadas. Muitas vezes esses exercícios eram individuais, e realizados na área da malta do aprendiz, como este no reduto de Dominginhos:

APRENDIZ CAPOEIRA. Ante-hontem divertia-se o menor Antonio Soares de Araújo em exercícios acrobáticos de agilidade, que o vulgo chama de capoeiragem. O campo de exercícios era o largo da Sé, onde o rondante, não apreciando aquela cena, levou Antonio para a Estação da Guarda Urbana. (95)

E no mesmo largo da Sé encontramos uma registro raro sobre aulas coletivas, ministradas por um capoeira completo, e assistidas por seleta platéia.

Parece averiguado que o Largo da Sé é o campo escolhido para os recrutas da arte. Hontem as 2 horas da tarde José Leandro Franklin, veterano experimentado, e o noviço Albano, aquele ensinando, este aprendendo, as artes e agilidades da capoeiragem, foram surpreendidos nos seus estudos pelos Guardas urbanos que mudaram-lhes o curso para o xadrez da policia. 7 preleção de Franklin assistiam muitos colegas, e talvez aspirantes, mas estes infelizmente evadiram-se. (96)

Do outro lado da cidade outra malta, adversária das hostes dos Nagóas, se reunia nas proximidades do Campo de Santana, se preparava para futuros combates, aparentemente sem um professor renomado:

Quando a raça está ameaçada de morte, começam os cursos de aprendizagem, provavelmente para a organização de um novo corpo.

Ante-hontem, às 9 e meia da noite, segundo nos informam, um magote de pretos e moleques, empregados todos na estação de bondes à rua do sabão do mangue, estavam todos a ensaiar capoeiragem, fazendo grande algazarra, reunidos do lado da rua Miguel de Frias, proferindo obscenidades. (97)

Fica fácil perceber que a capoeira era uma fixação da puberdade e da adolescência na cidade do Rio. Inúmeros jovens, mesmo alguns da elite, (98) eram facilmente seduzidos pela beleza da acrobacia e agilidade que até hoje faz o sucesso da capoeiras nas gerações mais jovens. A faixa etária daqueles presos como capoeiras, que estudaremos no capítulo seguinte, denota a majoritária presença de jovens entre 15 e 20 anos.

Pertencer a uma malta era um prêmio cobiçado pelos jovens que trabalhavam pelas ruas estreitas e sujas da cidade. As praças e áreas abertas da capital, como as praias, estavam frequentemente assistindo o espetáculo dos exercícios de habilidade que preparavam o iniciante. Plácido de Abreu, como citamos, destacou a existência de locais de treino para cada uma das "nações" de Nagóas e Guaiamús.

Como podemos ver no MAPA 1 cada malta controlava uma área próxima de um espaço aberto da cidade: a malta de Santa Rita que

minava o Largo de Santa Rita, a do Bom Jesus do Calvário o Largo do Capim, a Espada o Largo da Lapa, etc.

Cada praça deveria corresponder a um espaço próprio de treinamento exercício. Além da igreja, do quiosque ou taverna, tradicionais pontos de reunião, a praça servia como o centro de atuação do grupo, onde se reunia ou se dispersava, se necess rio.

Nas palavras de Gilberto Freyre, (99) estes "simples meninos turbulentos, mulatos que navalhavam ventres de portugueses por puro sadismo de adolescentes pobres contra adultos ricos", tinham na capoeira não apenas um momento de lúdico. A "ginga" da capoeira e a habilidade da navalha era, mais que tudo, um elemento de sobrevivência no duro cotidiano das ruas, onde a violência das autoridades e dos seus iguais era um dado sempre ameaçador:

BRUTALIDADE. Hontem às 6 1/2 horas da manhã, no Largo do Machado, dois rapazes vendedores de hortaliças haviam arriado sobre a calçada os seus tabuleiros, sem dúvida para descansar, quando correu para ellas, enfurecido e agitando terrível bengalão, um Guarda Fiscal. Um dos rapazes, ajudado pelo outro, pde por à cabeça, rapidamente, o tabuleiro e afastar-se; o segundo quitandeiro, porém, não foi tão feliz. Conseguiu graças ao auxílio de uma pessoa que passava carregar o tabuleiro, mas o representante da municipalidade, despeitado por ver que lhe fugião os "criminosos", deixou cair sobre as costas do rapazola a pesada manopla. Com o abalo dado ao corpo do quitandeiro, caiu à cabeça deste a carga, e as hortaliças espalharão-se pelo chão e ficarão misturadas ao pó. (100)

O processo de formação de um capoeira se encaixa perfeitamente no que os antropólogos chamam de rito de passagem: Conjunto de representações simbólicas que preparam o menino para se tornar adulto, ou gama de desafios obrigatórios para o jovem participar plenamente do grupo ao qual pertence, Rito de Passagem e

fenômeno comum à uma multiplicidade de organizações sociais, e estudada por gerações de antropólogos.(101)

No nosso caso, o estágio principal do ritual é a transformação do "moleque" em "Caxinguelê". Para alcançar este nível, ele deve acompanhar as maltas em suas expedições guerreiras, nas quais eles formam como uma vanguarda, anunciando, por meio de gritos e gestos característicos, a chegada do grupo. Eles também carregam as armas dos maiores, agindo como auxiliares. Outra denominação destes menores é "carrapetas".

É dever do "caxinguelê" participar dos exercícios em locais ermos da cidade, e posteriormente, exercitar nas praças, desafiando abertamente o aparato policial. Muitas vezes o "caxinguelê" cumpria tarefas importantes, como o moleque que, no ataque à redação do jornal *A República* teve a função de subir na calha para pintar de preto a tabuleta do jornal.(ver Capítulo V)

O "caxinguelê", assim é obrigado a vencer desafios sem muito mais que a disposição de arrancar prestígio do grupo. Podemos alinhar esta posição com a concepção de Rito de Passagem clássica usada pelos estudiosos dos povos "primitivos"?

É, neste espaço intermediário, longe dos olhares inibidores e protetores de seus pais e parentes, eles podiam aprender a ser "homens" e "mulheres", descobrindo o valor de certas regras sociais, canções, gestos, emblemas, e aprendendo a natureza das solidariedades horizontais...(102)

Em seguida o aprendiz entra no espaço da violência, enfrentando indivíduos mais fortes, situações imprevisíveis, a ameaça de qualquer retaliação, no calor da luta:

tornam-se a seguir invisíveis socialmente, realizando uma viagem para os limites de seu mundo diário, e em pleno isolamento, num universo marginal e perigoso, ficando individualizados, contando muitas vezes com seus próprios recursos...(103)

O final do aprendizado era marcado pela posse da navalha, e o uso do chapéu, atributos do recém-formado na escola da rua. Na passagem da adolescência o capoeira podia participar plenamente do grupo, e, quem sabe, cobizar a posição de chefe de malta, como fez Dominginhos da Sé, ao arrebanhar aquele grupo de menores de rua, formar sua malta, e provar sua habilidade.

VI

CONCLUSÃO

A gênese dos Nagôas e Guaiamús foi, com certeza, o processo mais importante de toda história da capoeira no Rio da segunda metade do século XIX.

Podemos afirmar, pelos dados colhidos, que esta saga teve íntima relação com a metamorfose populacional que a Corte atravessa nos vinte anos após 1850. O colapso definitivo do tráfico negreiro, combinado com o êxodo maciço de africanos para as regiões cafeeiras do Vale do Paraíba, somado a emergência do tráfico escravo interprovincial, e da emigração lusitana em massa, transformam fundamentalmente o panorama étnico da população trabalhadora na capital do Império.

De um perfil majoritariamente africano, refletido nos dados do censo de 1849, a população fluminense se torna primordialmente crioula e portuguesa, sem falar nos brancos pobres que vi-

viam nas fimbrias da cidade superpovoadas.

Empurrados por estes fatores, e mais eventos singulares como a Guerra do Paraguai, que representou outra sangria de escravos para a cidade, a parcela africana tende a se sedimentar em espaços determinados da Corte que, de acordo com o censo de 1872, coincidem com a periferia da cidade em crescimento.

De qualquer maneira, algumas indagações permanecem não respondidas. Temos que ter claro que o que temos em mão ainda são hipóteses, e que devemos reportar todo o tempo para as lacunas que a documentação não permitiu responder satisfatoriamente.

Mas os dados esparsos permitem arrematar algumas conclusões. Nagôas e Guayamús são clivagens sociais muito provavelmente criadas de dentro da massa escrava. O término da chegada de novos africanos elimina a constante reposição da identidade étnica no contexto da diversidade africana, identidade essa fator permanente de divisão e de manutenção dos conflitos culturais e religiosos criados do outro lado do Atlântico.

Como bem colocou o professor Robert Slenes em artigo recente(104) a identidade africana no contexto da escravidão brasileira na realidade foi produto de uma longa maturação, que teve como motor a construção de uma nova identidade, que não fosse aquela trazida da Costa, nem aquela imposta pelos usos do tráfico. Essa identidade, informada pela experiência da escravidão, se concretizou enquanto uma síntese de todas as outras trazidas de além mar, e acabou as dissolvendo num caldo comum.

Essa "Proto-Nação Banto" representou talvez não só um ponto de união para africanos de origem tão díspares como Moçambique

que e Costa da Mina, mas também um ponto de divergência com os outros escravos nascidos na terra. Em outro artigo também recente João José Reis, analisando a singular greve de escravos de ganho na Bahia de 1857(105) chega às mesmas conclusões, por outra via: a existência de uma identidade Nagô que suplantava as diferenças étnicas africanas e abrigava não só escravos africanos como libertos e até mesmo mestiços socializados pela comunidade africana.

Não podemos esquecer a presença numerosa de não-escravos e não-brancos na capoeira dos anos 1870-1890. Por mais que tenham exercido influência sob os dispositivos culturais da capoeiragem, eles com certeza herdaram os conflitos inter-escravidão gestados de Nagôas e Guayamús. Como veremos nos dados da Casa de Detenção, escravos crioulos e africanos ocupavam pontos diversos da geografia urbana, pontos que coincidem com o que a tradição guardou da geografia das duas grandes maltas. E os outros grupos, imigrantes, pretos e pardos livres, brancos brasileiros, etc. se distribuíam pelas duas faces da cidade, num tabuleiro complexo e heterogêneo.

Podemos concluir esperando cimentar nossas hipóteses com os volumosos dados de presos da Casa de Detenção, tema do próximo capítulo.

GIRIAS DOS CAPOEIRAS*

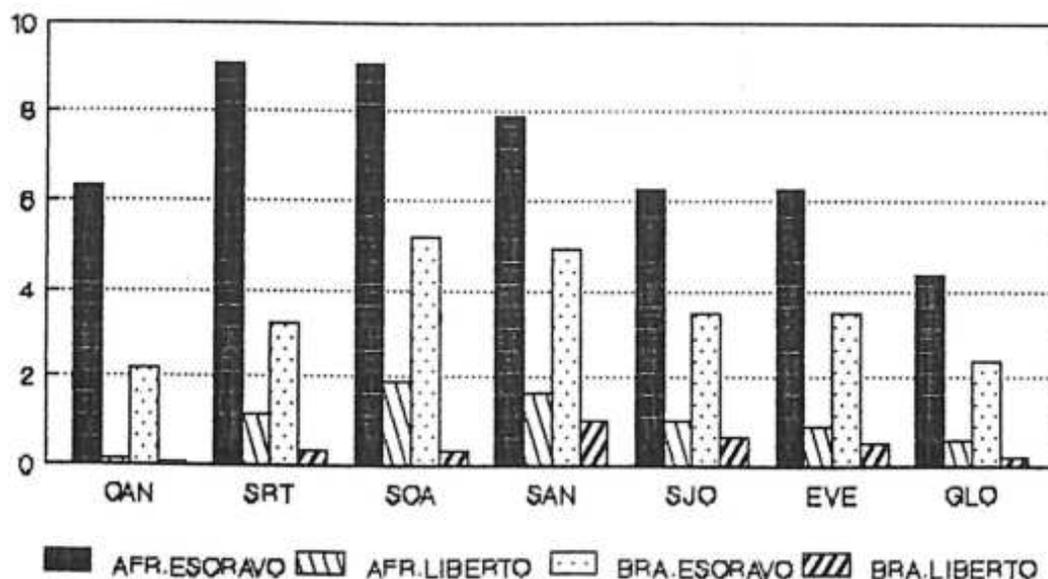
- CAMBAR - Passar de um partido para outro
- ARREIAR - Deixar de jogar capoeira
- DESTORÇER - Disfarçar ou se retirar por qualquer outro motivo
- TAPEAR - Enganar o adversário
- TUNGAR OU BALEAR - Ferir o adversário
- TRASTEJAR - Dar um golpe falso
- ALFINETE, BIRIBA, BISCATE OU FURÃO - Estoque ou faca
- SARDINHA - Navalha
- ROBO DE ARRÁIA - Volta sobre o corpo, rodando uma perna de encontro ao adversário
- MOSQUETE OU MARTELADA - Soco
- BANHO DE FUMAÇA - Tombo
- ALTO DE SINAGOGA - Rosto
- GAMPEAR - Pegar à unha o adversário
- PASSO DE CONSTRANGIMENTO - Quando o inimigo vacila leva um tombo ou é vencido; ato de se retirar cabisbaixo
- PASSO DE SYRICOPE - Fulo que dá o capoeira que faz negaça para ferir
- PEGADA - Encontro de dois grupos rivais
- MARVELHA - Procurar um adversário
- CARRAPETA - Pequeno, esperto, que grita atrevidamente desafiando o inimigo.
- BRAMAR - Gritar o nome da área ou "casa" a que pertence o capoeira
- SENHORA DA CADEIRA - Santana
- VELHO CARPINTEIRO - São José
- VELHO CANSADO - São Francisco
- SENHORA DA PALMA - Santa Rita
- ESPADA - Lapa
- SARANDAJES - Pequenos grupos
- INDIREITAR - Enfrentar o inimigo
- MOLE - Covarde
- LEVA-LEVA - Grito de vitória, perseguição ao inimigo
- BAIANA - Joelhada que se dá depois de haver saracoteado para tapear o inimigo
- CHIFRADA - Cabeçada
- BRACEAR - Dar pancada com os braços
- MELADO - Sangue
- FIRMA - Não fugir
- CAVEIRA NO ESPELHO - Cabeçada na cara
- PORRE PIFÃO - Bebedeira
- TOPETE A CHEIRAR - Cabeçada
- NAO VENHAS QUE SAE DE PASSINHO MOLE - Sejas prudente
- LAMPARINA - Bofetada
- FANTANA - Volta sobre o corpo, aplicando os pés contra o peito do adversário

BRANQUINHA - Aguardente
ESTA PRONTO - Esta ferido
FOI BALEADO - Foi ferido
DEIXA DE SALIENCIAS - Não conte patranhas
RUJÃO - Batalhão ou sociedade
RODA - Vamos embora
DESGALHAR - Fugir da polícia
BOTÃO AMARELO - Policial
JANGADA - Xadrez da polícia
PALACIO DE CRISTAL - Detenção
CHACARA - Casa de Correção
FORTALEZA, CAPELA - Taverna
PIABA - Sem valor
DAR SORTE - Dar sorte ou se desempenthar bem
E DIREITO - E destemido

* ABREU, Plácido de. *Os capoeiras*, Tip. da Escola Seraphim Alves de Brito, 1886

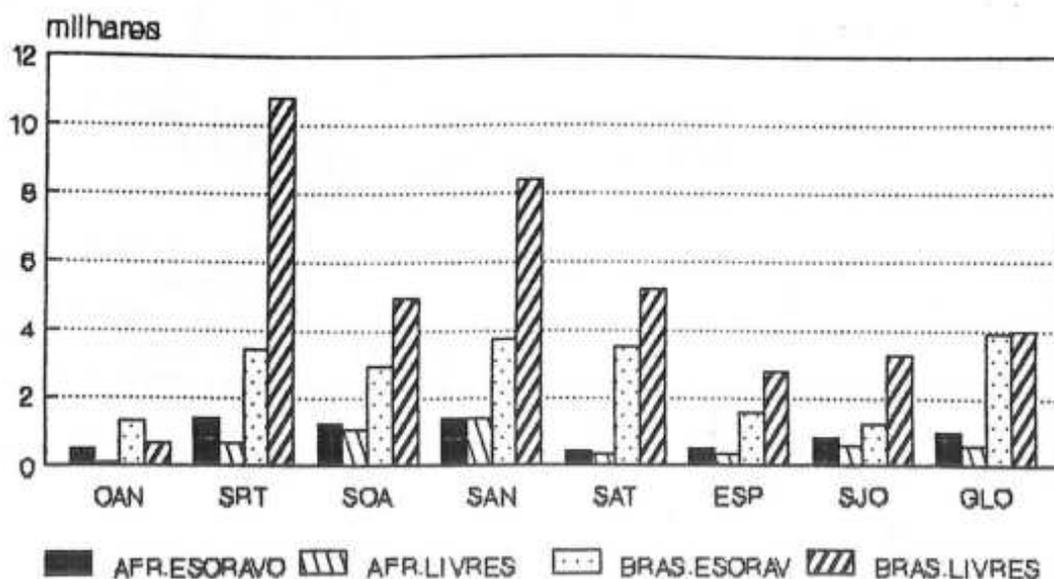
grafico 24
POPULACAO NEGRA NA CORTE. 1849
ESCRAVOS E LIBERTOS

124



SOA: Sacramento SAT: S. Antonio
 OAN: Oandelaria SAN: Santana GLO: Gloria
 SRT: Sta. Rita SJO: S. Jose EVE: Eng. Velho

grafico 25
POPULACAO NEGRA NA CORTE. 1872
ESCRAVOS E LIVRES



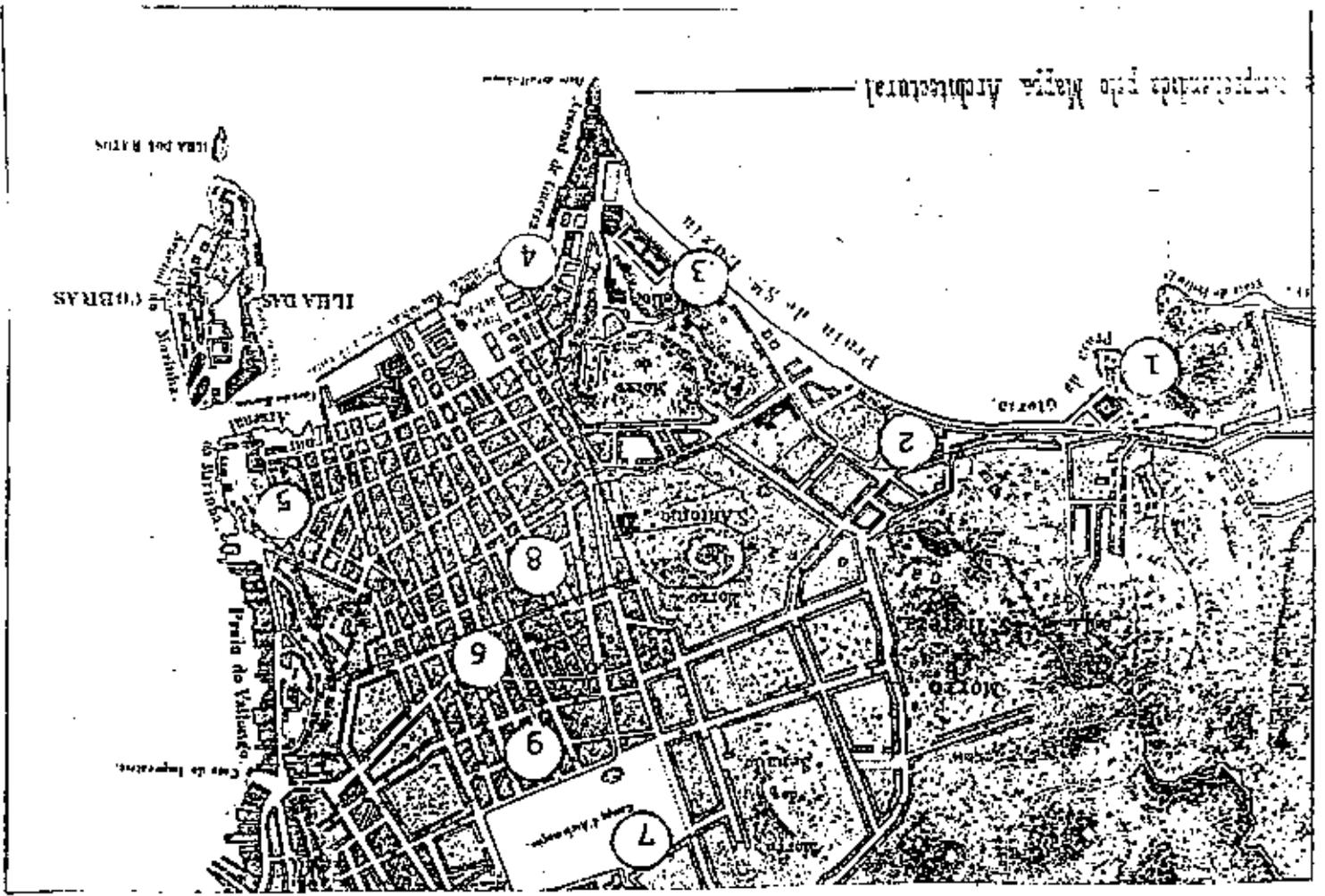
fonte: SOARES, Lúcia Carlos. URBAN SLAVERY
 IN NINETEENTH CENTURY: RIO DE JANEIRO U-
 niversity College, London, 1988, pp. 324-325

GRAVURA 1

fonte: Kosmos, março de 1906.



TYPOS E UNIFORMES DOS ANTIQOS NAGOAS E QUAYAMÓS
 SENDO OS PRINCIPAES DISTINCTIVOS DOS PRI-
 MEIROS CINTA COM CORES BRANCA SOBRE A ENCARNADA
 E CHAPÉO DE ABA BATIDA PARA A FRENTE E
 DOS SEGUNDOS COM CORES ENCARNADAS SOBRE A BRANCA
 E CHAPÉO DE ABA ELEVADA NA FRENTE.



fonte: ABRU, Placido de. *Os Capoeiras*, Rio de Janeiro, tip. da escola Seraphim Alves de Brito, 1886.
 CRULS, Gastão. *Aparência do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

- Legenda:
- 1 - Glória: FLOR DA GENTE
 - 2 - Lapa: ESPADA
 - 3 - Santa Luzia: MONURO
 - 4 - São José: VELHO CARPINTEIRO
 - 5 - Santa Rita: TRES CACHOS
 - 6 - Bom Jesus do Calvário: DOS OSSOS
 - 7 - Campo de Santana: CADEIRA DA SENHORA
 - 8 - Largo de São Francisco: FRANCISCANOS
 - 9 - São Jorge: LANÇA

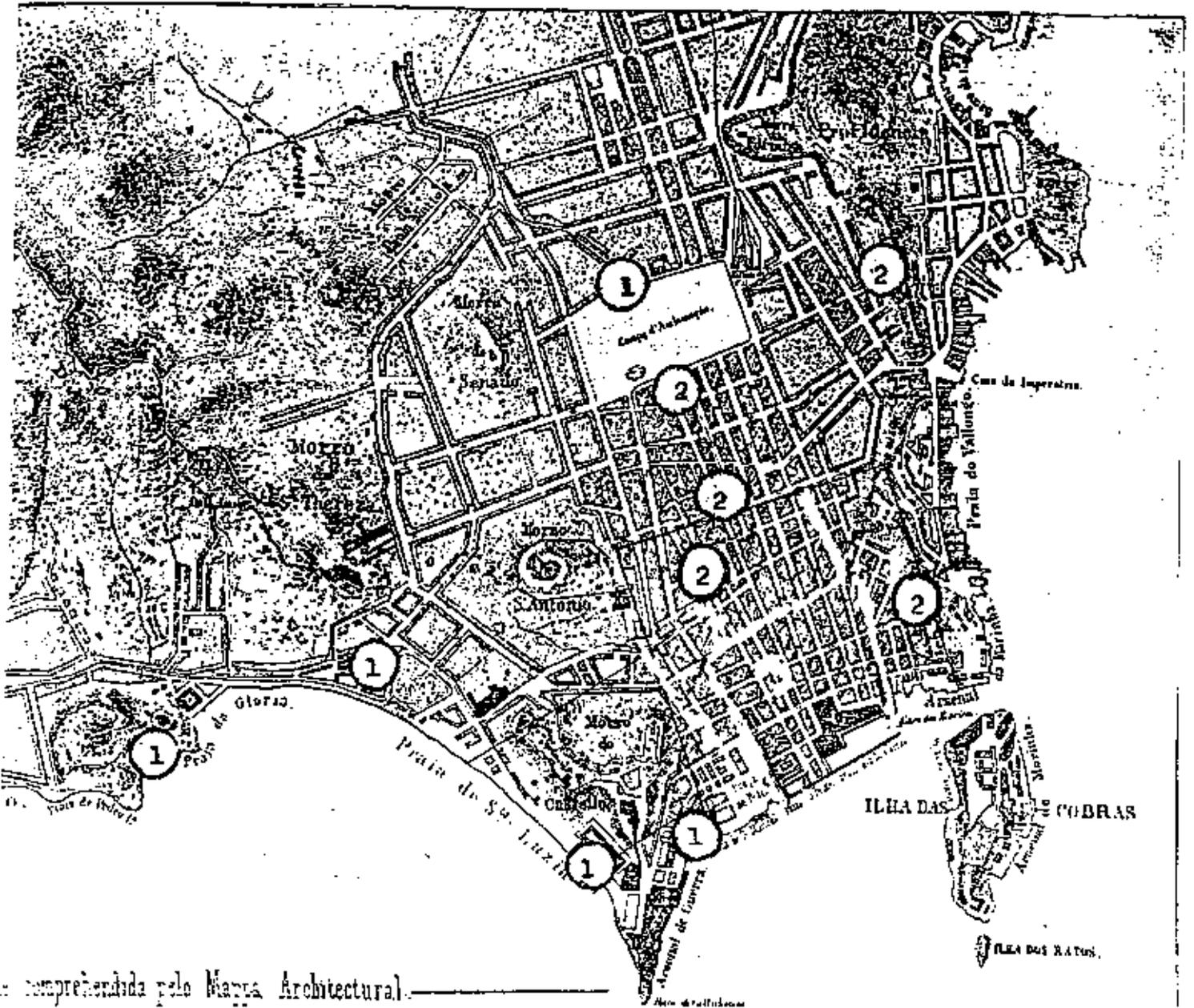
MAPA 1
 MALTAS DE CAPOEIRA NO RIO DE JANEIRO

MAPA 2

NAGÓAS E GUAYAMUS

- 1 - NAGÓAS
- 2 - GUAYAMUS

fonte. ABREU, Plácido de op. cit.

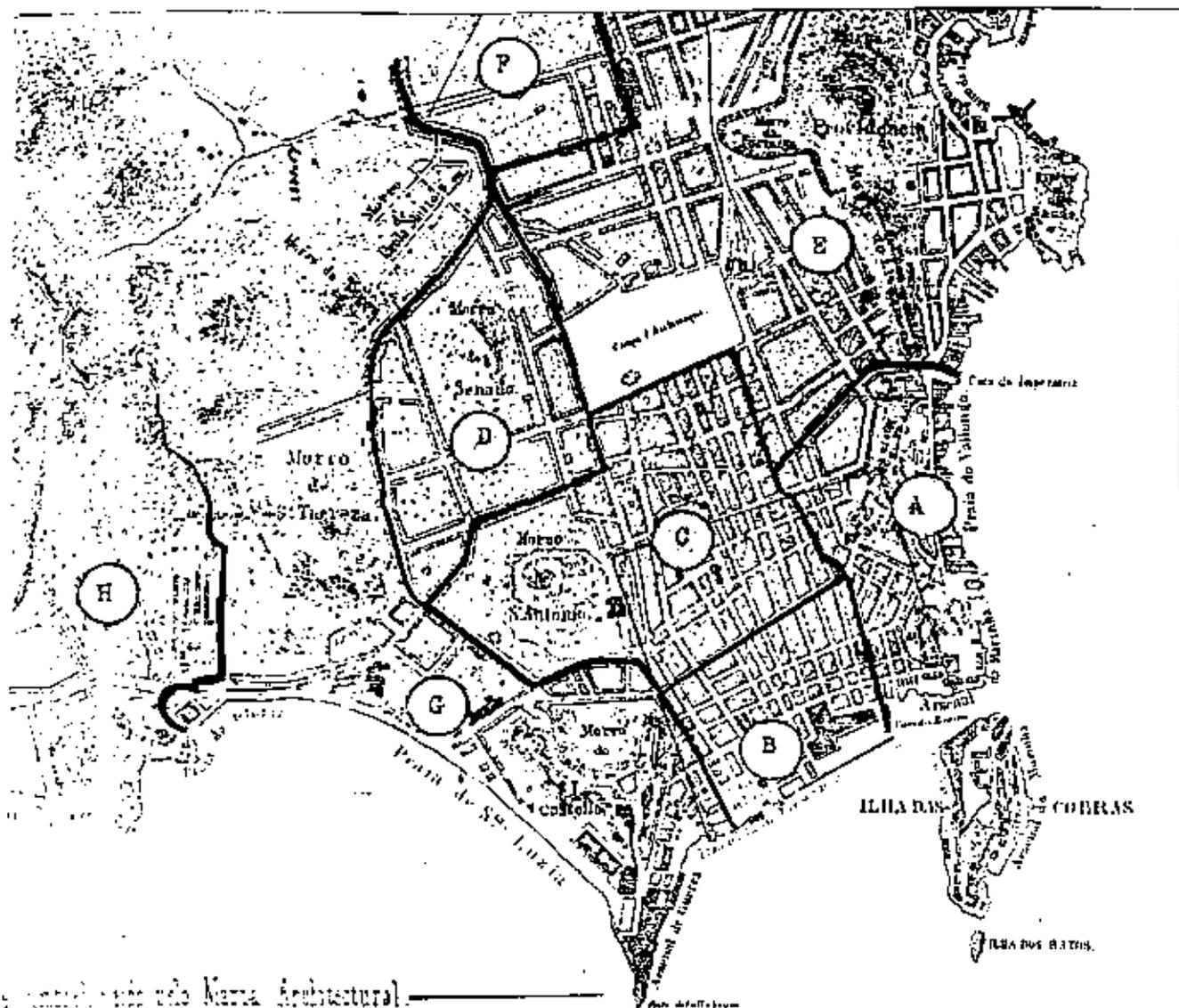


MAPA 3

FREGUESIAS CENTRAIS DA CORTE

- | | |
|-------------------|--------------------|
| A - Santa Rita | E - Santana |
| B - Candelária | F - Espírito Santo |
| C - Sacramento | G - São José |
| D - Santo Antônio | H - Glória |

fonte: SANTOS, Nêronha. *As Freguesias do Rio Antigo, Rio de Janeiro*, ed. O Cruzeiro, 1965.



NOTAS DO CAPÍTULO 2

- 1 - ABREU, Plácido de, *Os Capoeiras*. Rio de Janeiro, Tip. da Escola Seraphim Alves de Brito, s.d. p.3
- 2 - *Kosmos*, março, 1906
- 3 - MORAIS FILHO, Alexandre Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Rio de Janeiro, ed. de Ouro, s.d. 459-460
- 4 - *idem*
- 5 - MORAIS, Evaristo de, *Da Monarquia Para a Republica*. Brasília, Ed. da UNB, 1985, p.109.
- 6 - MABALHAES JUNIOR, Raimundo. *Deodoro: A Espada Contra o Império*. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1957. 2 vols. p.183
- 7 - MORAIS, Evaristo de *op. cit.* p.110
- 8 - MELLO, Gustavo Moncorvo Bandeira de. *História da Polícia Militar do Distrito Federal*, Rio de Janeiro, Tip. da Polícia Militar, 1926, p.345
- 9 - OLIVEIRA, Angenor Lopes, *Toponímia Carioca*. Rio de Janeiro, Col. Cidade do Rio de Janeiro, Prefeitura do Distrito Federal, 1935. p.259
- 10 - Para mais dados ver SACRAMENTO BLACKIE, Augusto Victorino Alves. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*.
- 11 - NETTO, Coelho BazarPorto, Livraria Chardron, 1928 p.136
- 12 - Esta obra de Plácido de Abreu está desaparecida. Segundo o pesquisador Jair Moura este trabalho foi produzido mas nunca foi publicado, existindo ainda os originais, que nunca foram encontrados. Agradeço a Jair Moura pela informação.
- 13 - ABREU, Plácido de *op. cit.* p.1
- 14 - SOARES, Antonio Joaquim Macedo. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, INL, 1954. p.51 (1ª Edição 1889)
- 15 - MORAES E SILVA. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Tipographia Fluminense, 1922 (1ª ed. 1813) cita Nagô como "Negro yorubano que usava três lanços no rosto; língua dos nagôs.
- 16 - OLIVEIRA, Angenor Lopes. *op. cit.* p.137
- 17 - CASCUDO, Luis de Câmara. *Dicionário do Folclore*. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, 1984. p. 519.

- 18 - Ibid. p. 519.
- 19 - Ibid. p. 519.
- 20 - KARASCH, Mary. *Slave Life in Rio de Janeiro*. Princeton, Princeton University Press, 1987. p. 25.
- 21 - Ibid. p. 52.
- 22 - CORTE - Casa de Detenção. Livro de matrícula da Casa de Detenção. A mss, livro n 3987, ficha 462. 25/3/1863. Este escravo foi o único africano que identificou sua origem com precisão, se dizendo de nação Oss, que pode ser Auss, africanos islamizados da parte ocidental do continente.
- 23 - CASCUDDO, *op. cit.* p. 369.
- 24 - Ibid. p. 369.
- 25 - Ibid. p.251
- 26 - KOSMOS, 10/3/1906. Sob a gravura encontra-se a seguinte legenda: "tipos uniformes dos antigos Nagoas e Guayamus, sendo os principaes distintivos dos primeiros cinta com cores branca sobre a encarnada e chapeo de aba batida para a frente e dos segundos com cores encarnadas sobre a branca e chapeu de aba elevada na frente".
- 27 - MORAES FILHO, *op. cit.* p. 460.
- 28 - GINZBURG, Carlo. *História Noturna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- 29 - Ofícios do Chefe de Polícia da Corte. Mss. ANRJ, IJ6 212, 16/6/1849.
- 30 - Ofícios do Chefe de Polícia. *op. cit.* IJ6 216, 15/6/1853.
- 31 - Esta operação seria típica da repressão à capoeira nas décadas seguintes. Ofícios do Chefe de polícia. *op. cit.* IJ6 215, 9/10/1852.
- 32 - KARASCH, Mary. *Slave Life in Rio de Janeiro*. Princeton, Princeton University Press, 1987
- 33 - KARASCH, Mary. *op. cit.* p.57.
- 34 - Ibidem. p.57-58.
- 35 - Ibidem. p.74.
- 36 - SILVA, Eduardo e REIS, João José. *Negociação e Conflito: A Resistência Negra no Brasil Escravista*. São Paulo, Comp. das letras, 1989, (apêndices) p.123

- 36 - REIS, José José. *Rebelião Escrava no Brasil: A História do Levante dos Malês*. São Paulo, Brasiliense, 1986 (ver parte 3 "Raízes: razões étnicas em 1835")
- 37 - FREYRE, Gilberto Sobrados e Mocambos. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1959.
- 38 - COSTA, Francisco Augusto Pereira da "Folklore Pernambucano" IN *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 89 (70): 3-641, 1907
- 39 - CONRAD, Robert Edgar. *Tumbeiros: O Tráfico Escravista para o Brasil*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.
- 40 - MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1983
- 41 - LOPES, Ney "Sobrevivências e Recriações Bantas no Rio de Janeiro" IN *Estudos Afro-Asiáticos*. no 15, 1988
- 42 - MATTOS, Tito Augusto. Relatório do Chefe de Polícia da Corte. IN: BRASIL - Ministério da Justiça. Relatório apresentado à Câmara dos Deputados. 1878.
- 43 - Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado". HOBBSBAWH, Eric (org.) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. p. 9.
- 44 - *Diário do Rio de Janeiro*. 22/02/1872
- 45 - *A Reforma*, 10/09/1872
- 46 - MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*. Rio de Janeiro, Ed. sabiá, 1969. p.182 Chico Vagabundo deu entrada na casa de Detenção em janeiro de 1890. Era português, tinha 32 anos e era catraieiro, morador no Largo de Santa Rita.
- 47 - *Folha Nova*, 05/01/1885
- 48 - DUQUE-ESTRADA, Osório. *Abolição: Estudo Histórico*, Rio de Janeiro, Ed. Leite e Ribeiro, 1918. p.100.
- 49 - *Gazeta da tarde* 26/01/1888
- 50 - *Revista Ilustrada* 03/03/1888
- 51 - DUQUE-ESTRADA, Osório. *op. cit.* p.218
- 52 - *Diário de Notícias*, 13/07/1888

- 53 - JORNAL DO COMMERCIO, 1/1/1890.
- 54 - *Novidades*. 15/07/1889.
- 55 - JOAO DO RIO (pseudônimo de João Paulo Barreto) *A Alca Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro, Sec. Municipal de Cultura, 1987. p.80.
- 56 - Joaquim Manoel da Costa, Zeferino, escravo, e Maximiano, escravo, réus. Maço 12, processo 1. Arquivo Judiciário (AJ).
- 57 - Atual rua da Conceição, começa no Morro da Conceição e termina próxima ao Largo de São Francisco. ver BERGER, Paulo. *Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Ed. Olympica, 1974, p.40.
- 58 - FRAGOSO, João da Rocha. *Mapa Arquitetural do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Lit. Paulo Robim, 1874.
- 59 - *Diário do Rio de Janeiro*. 09/03/1874.
- 60 - *Ibidem*. 10/03/1874.
- 61 - *Jornal de Comércio*. 10/03/1874.
- 62 - ABREU, Plácido de *op. cit.* p.3
- 63 - REIS, João José. *op. cit.* p. 87.
- 64 - CAPOEIRAS - 1836-1861. Mes. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro 40-3-78.
- 65 - Não existem estudos aprofundados sobre os capoeiras escravos da 1ª metade do século XIX. Uma das melhores análises sobre o assunto se encontra na tese de Leila Mezan Algranti (*O Feitor Ausente: Estudos Sobre Escravidão Urbana no Rio de Janeiro - 1808-1822*. Petrópolis, Vozes, 1988). p. 157.
- 66 - Joaquim Manoel da Costa e outros, *op. cit.* folha 4.
- 67 - ABREU, Plácido de *op. cit.* p.6
- 68 - DAVIS, Natalie. "Ritos de violência". in *Culturas do Povo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990. p. 124-156.
- 69 - MORAIS FILHO, Mello. *op. cit.* p. 460, menciona as igrejas coloniais não somente como marcos da geografia das malhas, mas espaços privilegiados da exibição de habilidade típicas de um capoeira, e de ritualização de entrada nos grupos:
 "Os capoeiras até quarenta anos passados [cerca 1850] prestavam juramento solene, e o lugar escolhido para isso era a torre das igrejas... No tempo em que os en-

terramentos se faziam nas igrejas e que as festas religiosas amiudavam-se, as torres enchiam-se de capoeiras, famosos sineiros que, montados na cabeça dos sinos, acompanhavam toda impusão dos dobres, abençoando das alturas o povo que os admirava, apinhado nas praças e ruas ... torres da igrejas - ninhos atreadores dos capoeiras de profissão".

- 70 - *Diário do Rio de Janeiro*, 22/02/1872.
- 71 - CHALHOUB, Sidney. *Visões de Liberdade*. São Paulo, Companhia das letras, 1990. p. 220.
- 72 - MORAIS FILHO, Mello. op. cit. p. 459.
- 73 - ALMEIDA, Renato. "O brinquedo da Capoeira". IN: *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano VIII, vol. LXXXIV, jul.-ago. 1942. p. 155
- 74 - MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro, Ed. A noite, 1946. p. 52
- 75 - SANTOS, Noronha. *As Freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1965. p. 52.
- 76 - AN, IJ6 484, 19/01/1859.
- 77 - *Jornal do Commercio*, 28/01/1878.
- 78 - *Diário do Rio de Janeiro*, 05/03/1872.
- 79 - *Jornal do Commercio*, 28/01/1878.
- 80 - Segundo Beaurepaire-Rohan Caxinguelé é termo de origem angolana: "parece ser a corruptela de CHINJINGELE, nome que dão em Angola ao rato de palmeira". BEAUREPAIRE-RÜHAN, Augusto de. *Dicionário de Vocábulos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Imprensa nacional, 1889, p.85
- 81 - *Anais da Câmara dos Deputados*, 05/05-1887, p.21
- 82 - José Eça da Cunha, réu, Caixa 61, processo B, mss. AJ
- 83 - Ij6 212, 13/11/1849
- 84 - Ij6 216, 15/10/1853
- 85 - *O Mosquito*, 26/08/1871
- 86 - SILVA, Ludgero Gonçalves da. "Relatório do Chefe de Polícia da Corte" in BRASIL - Ministério dos Negócios da Justiça. *Relat-*

- tório apresentado a Assembleia Geral Legislativa. 1874. p. 184.
- 87 - *Jornal do Comércio*, 29/01/1878.
- 88 - *idem*, 04/02/1878.
- 89 - *Offícios do Presidente de Alagoas ao Ministro da Justiça*. AN, IJ1 373, 29/03/1878.
- 90 - EDMUNDO, Luis. *O Rio de Janeiro do meu tempo* Rio de Janeiro, Ed. Xenon, 1987, p.17.
- 91 - Domingos Soares Calçada, réu. Mss AJ Caixa 23, processo 17.
- 92 - Fernando de Noronha, ocorrências. Mss AN, IJ7 82. 24/01/1890.
- 93 - ABREU, Plácido de *op. cit.* p.2.
- 94 - *Gazeta de Notícias*, 04/01/1878.
- 95 - *Diário do Rio de Janeiro*, 05/03/1872.
- 96 - *idem*, 11/03/1872.
- 97 - *idem*, 17/02/1872.
- 98 - Duque-Estrada Teixeira, o Barão do Rio Branco, Floriano Peixoto além do filho do Conde de Matosinhos, José Elísio dos Reis, eram jovens oriundos das camadas dominantes da sociedade que tiveram fama como capoeiras.
- 99 - FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, ed. José Olympio, 1959. 3ª ed., tomo II. p. 475.
- 100 - *Jornal do Comércio*, 19/01/1872.
- 101 - GENNIP, Arnold Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978. & TURNER, Victor. *Dramas, fields and Metaphors. Symbolic Action in Human Society*. Ithaca, Cornell University Press, 1974.
- 102 - MATTA, Roberto da. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis, Vozes, 1983. p. 150.
- 103 - *idem*.
- 104 - SLENES, Robert W. "Malungo ngoma Vem: África Encoberta e Descoberta no Brasil" in *Revista USP*, 12 (1991-92) pp.48-67.
- 105 - REIS, João José. "A Breve Negra de 1857 na Bahia" in *Revista USP*, 13 (1993) pp.7-29. Ao se referir neste artigo aos novos significados da identidade Nagô na Bahia após tráfico, João

Reis fez curiosas considerações que podem corroborar a hipótese sob os Nagôs do Rio de Janeiro:

"Esse enorme guarda-chuva nagô deve ter passado a abrigar muitos africanos de nações menores, cujos números às vezes não dava para formar nem um canto, por exemplo. E então viravam nagôs de adoção. Não que deixassem inteiramente de ser o que eram, mas ao passarem para as redes sociais nagôs tinham de abrir mão de uma parte da antiga identidade. (...) Esta irá ocupar um espaço étnico em que "o outro" se tornaria cada vez menos o outro africano e cada vez mais o baiano. Brancos, crioulos, mestiços nascidos no Brasil também passariam a enxergar cada vez menos as diferenças entre africanos e a enxergar no nagô o africano típico." p.28

CAPÍTULO III

DE CATIVOS E MENORES: A COMPOSIÇÃO DAS MALTAS

*José Batista da Conceição não poude
Ante-hontem a noite as oito e meia
Negar que da gentil capoeiragem
possue pronunciada e nobre veia*

*Vendo na rua o pardo Marcelino
Escravo do sr. Mendes Vianna
Choveu de lado a cabeçada
Com grande horror na rua Uruguayana. (1)*

Este capítulo é uma sequência do texto sobre a gênese das maltas de capoeiras (*Dos Negroas e Guarnidos: A Formação das Maltas*) Mas, apesar do nosso objeto de estudo ainda ser o mesmo, pretendemos usar um novo enfoque, e, principalmente, uma nova documentação.

No capítulo precedente tentamos reconstruir, a partir de uma variedade de indícios e fragmentos de documentação, as raízes dos agrupamentos de capoeiras, tendo como ponto central os dois

grandes grupos, Nagoas e Guayamús, que, conforme a tradição e a documentação de época, congregavam as diferentes maltas que "lotavam" o perímetro urbano da cidade do Rio.

Ao final da análise, concluímos que Nagoas e Guayamús representavam duas tradições oriundas de uma mesma matriz, que se forjaram na clivagem étnica e cultural que atravessou a sociedade carioca na metade do século XIX. Os Nagoas seriam identificados com uma tradição escrava e africana da capoeira, remontando aos primórdios da sociedade urbana, na virada do século XVIII para o XIX. Os Guayamús deveriam ser ligados a uma raiz nativa e mestiça, próxima dos libertos e pardos, que teve grande projeção a partir dos meados do XIX, quando homens livres, imigrantes portugueses, brancos pobres vindos do interior e crioulos chegados de todas as províncias gradativamente somaram a maioria esmagadora da população trabalhadora.

A problemática enfocada neste capítulo é diversa. Procuraremos reconstruir os padrões de moradia, trabalho, cor, etc. daqueles presos como capoeiras, a partir de uma fonte única, mas especialmente densa: Os Livros de Matrícula da Casa de Detenção.

A Casa de Detenção era uma das mais importantes instituições carcerárias da cidade do Rio de Janeiro durante a última metade do século XIX. Nos primórdios do Primeiro Reinado, as autoridades policiais da Corte Imperial se deram conta da necessidade de uma reforma profunda na estrutura carcerária da cidade.

Nos tempos idos da colônia a Cadeia Velha, tradicionalmente localizada nos subsolos do Senado da Câmara, era suficiente para necessidades da cidade. Na expansão urbana do final do século

culo XVIII as masmorras da Ilha das Cobras, as celas do Aljube, especialmente criada para clérigos, e o calabouço de escravos, na orla de Santa Luzia, representavam formas de acompanhar o crescimento da população e da cidade.

Os primeiros governos da Regência iniciaram a implantação de um sistema carcerário que estivesse pelo menos próximo daquele instalado nas grandes capitais européias.(2) Em 1835 foi iniciada a construção da Casa de Correção, cumprindo uma ordem Régia que remontava aos meados do século XVIII(3), mas somente em 1850 foi terminada a sua construção.(4)

A Casa de Correção e a Casa de Detenção eram partes de um mesmo complexo. A primeira destinava-se aos presos que cumpriam pena. A segunda simplesmente era utilizada para detenções curtas, pequenos crimes, ou réus sendo processados na justiça. Obviamente a população flutuante da segunda era bem maior. Também fazia parte do complexo o Calabouço, destinado a escravos condenados a castigos físicos. Ele tinha sido transferido da antiga praia da Piaçava, nas fraldas do morro do Castelo, e foi extinto em 1874.(5)

O plano da Detenção era idêntico ao da Casa de Correção. Um grande prédio em forma de cruz, tendo no centro o ponto nervoso do controle da circulação, e nos braços longos corredores cercados de celas individuais, na concepção clássica do "panóptico". (GRAVURA 1)(6)

A Casa de Detenção começou a funcionar em 17 de setembro de 1856.(7) Além dela várias freguesias, como Glória, Jacarepaguá e Santa Cruz tinham suas Casas de Detenção.(8) Após as 16 horas

os presos não eram mais para lá levados, sendo remetidos ao Xadrez da Polícia. Completava-se o complexo carcerário da Corte com as estações de polícia das subdelegacias e o Depósito de Presos da Chefia de Polícia, na rua do Lavradio.(9)

Forma a Detenção um grande quadrado, marcado nas duas extremidades por dois monumentais portões separando as altas muralhas. No interior duas galerias principais ladeadas pelos "cubículos", as celas individuais, e as saletas, cada uma comportando seis presos, ocupam a Galeria Superior. No andar inferior está o "parlatório", onde os presos se comunicam com seus parentes, a secretaria e a casa do carcereiro (transferidas em 1873 para um sobrado), um quarto de banhos, e um tanque para lavagem de roupa. Em 1874 foi introduzido o encanamento de água e esgoto. Não existem ligações internas com a Casa de Correção.(10)

A planta da Casa de Detenção fora baseada em presídios recentemente implantados nos EUA. Ela seria uma réplica da Casa de Correção, apenas modificada no regime dos presos, mas a premência de retirar os detentos do antigo Aljube, superlotado, apressou sua inauguração. Em 1908 João do Rio visitaria a mesma Casa de Detenção, espantado com o descaso das autoridades.(11)

Os Livros de Matrícula da Casa de Detenção, contendo as fichas individuais dos presos constituem vários volumes. Estão divididos em Livros de Escravos e Livres. Geralmente eles representam meros fragmentos de originais já perdidos pelo tempo. Todos esses volumes estão no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói.

Damos a seguir a relação dos volume utilizados:

ANO	MESES	CONDIÇÃO
1861	agosto-novembro	livres
1863-64	março-março	escravos
1868-69	maio-janeiro	livres
1870-71	julho-janeiro	livres
1875	janeiro-agosto	livres
1877	maio-agosto	livres
1879-80	dezembro-janeiro	livres
1879-80	julho-maio	escravos
1881-82	março-fevereiro	escravos
1881-82	fevereiro-março	livres
1884	abril-dezembro	livres
1888	abril-julho	livres
1889-90	novembro-janeiro	livres
1890	julho-dezembro	livres

As fichas individuais são diferentes para escravos e livres, e comportam os seguintes dados para livres:

NOME

DATA DA PRISÃO

IDADE

PROFISSÃO

ORIGEM

ESTADO CIVIL

COR

CAUSA DA PRISÃO

RESIDENCIA

DESTINO

AUTORIDADE QUE FEZ A PRISÃO

AUTORIDADE QUE REMETEU PARA A CASA

OBSERVAÇÕES

ALTURA

BARBA

CABELO

ROSTO

NARIZ

ROUPA QUE USAVA

FILIAÇÃO

Quanto aos escravos existem ligeiras acréscimos como:

NOME DO SENHOR

NAÇÃO

E de se registrar a ausência dos quesitos RESIDENCIA e FILIAÇÃO nas fichas de escravos. É importante deixarmos claro que para uso em bancos de dados de computador somente usamos os 13 primeiros campos de dados, deixando os restantes para o outro tipo de análise mais.

Levantamos 920 fichas de presos por "capoeira", que, mesmo não sendo crime no código penal do Império, era motivo corrente de prisões na época.

Faremos dois tipos de análise com esta fonte. A primeira será uma análise "subjetiv", em que realçaremos os dados relevantes dos presos por capoeira, ou mesmo por outros crimes, buscando aproveitar ao máximo o documento.

A análise seguinte será mais objetiva, centrado na discus-

são de gráficos agrupados por décadas, que permitirão um olhar mais diferente sobre a fonte. Estes gráficos serão elaborados com ajuda do programa HARVARD para criação gráfica.

I

OS NOMES

Os Livros de Matricula da Casa de Detenção representam talvez o mais impressionante conjunto de dados individuais de membros das camadas populares de de Janeiro pré-República. Cada nome perdido naquela interminável relação retrata um drama pessoal, um rosário de sofrimento, muitas vezes trágicamente concluídos, como os registros de falecimentos nas enfermarias tratam de guardar.

Através desses livros a multidão anônima que cruza os jornais e os frios arquivos da Polícia adquire um rosto, cuidadosamente preservado pelos escrivães da Casa. Longamente esquecidos pela historiografia, estes documentos são de uma riqueza histórica incalculável.

Como marcando as raízes escravas da capoeira na Corte, o primeiro Livro de vulto encontrado se refere a cativos. Este Livro, milagrosamente salvo do descaso e do tempo, guarda valiosas informações da capoeira escrava que assustava as ruas do Rio nos meados do século.

Também ecoando origens distantes o primeiro escravo capoeira preso veio da África: Candido, cerca de 30 anos, nascido em Ossá (provavelmente Haussá, islâmico da África Ocidental), nação Mina, "ganhador", escravo de João J. Gonçalves, preso na freguesia

relacões que o escravo mantinha com o resto da sociedade(13). Assim, um escravo de um Senador ou rico comerciante podia esperar ser tratado diferente pelos agentes da repressão do que um cativo que fosse de uma pobre viúva, ou de um artesão humilde. A infinidade de nomes de possíveis senhores que ocasionalmente aparecem nas fichas podem indicar tentativas reiteradas de ocultar o senhor verdadeiro, ou exibir senhores fictícios que dessem cobertura" à atividades de seus escravos

Infelizmente as fichas de escravos não registram endereços, o que permitiria compilar com o dos senhores alegados, ou mesmo ter acesso aos padrões de moradia de crioulos e africanos, tão importantes para desvendarmos os segredos dos Nagôas e Guayamús.

Agora adentremos um dos fenômenos mais importantes da capoeiragem, e que forma o próprio cerne do nosso capítulo: a questão da malta. O crioulo Israel, escravo de Carlos Américo dos Reis, não era apenas um capoeira, mas um chefe de malta, de acordo com a imprensa.(14.) Numa capoeira onde a presença africana ainda era marcante, o papel de crioulos como chefes indica, ou pelo menos sugere uma transição.

As redes de relações também ficam transparentes. O pardo Constantino, escravo de Dona Luiza Angélica, preso em 13 de maio, estava sob a chefia do mesmo José Maria, que poucos meses antes fora preso com Candido, citado anteriormente, no largo de Santa Rita, e que será de novo preso em 5 de junho. As páginas policiais da imprensa são importante fonte auxiliar desses documentos:

sia da Lagoa por "suspeito de capoeira". (12)

A frequência com que as guias de remessa à Detenção são assinadas pelo próprio Chefe de Polícia indicam, talvez, o nível de periculosidade e preocupação que as autoridades tinham com a capoeira. Voltando ao capítulo precedente, a camisa e a calça branca envergada por Candido teriam alguma relação com a cor branca, emblemática dos Nagôas??Conjecturas.

O capoeira seguinte a atravessar os longos portões de ferro da Detenção teria duas características dignas de nota: primeiramente, seu ilustre proprietário, Doutor Candido de Azeredo Coutinho, figura de destaque da sociedade fluminense da época. Segundo, e mais importante, sua presença numa malta de homens livres, indicando o forte intercâmbio entre livres e escravos no jogo da capoeira da década de 1860.

Um dado a destacar nas fichas de escravos, em todos os anos, é a multiplicidade de senhores para um único escravo, registrados na ficha. Entendemos que este fato deva ter como razões dois fatores: primeiro, a grande quantidade de -escravos alugados, na posse de um proprietário, mas sob a propriedade de outrem.

Segundo, e possivelmente mais importante, talvez haja aqui uma estratégia do próprio escravo para escapar do castigo de um senhor cruel, ou afastar uma punição mais severa por parte de seus algozes imediatos, se alinhando com um senhor poderoso, que não ficaria satisfeito em saber que seu cativo fora maltratado por policiais ou carcereiros.

De acordo com Mary Karasch o status do senhor pesava nas

Andou uma malta de capoeiras, armados de achas de lenha, fazendo proezas pelo Largo de Santa Rita, ruas da Candelaria e da Valla, no domingo, pelas 8 horas da noite. A patrulha que rondava aquele largo perseguindo-os sempre pôde capturar o chefe, Primo José Maria, e um pardo de nome Constantino, escravo de D. Luiza Angélica.(15)

Além de capoeiras, outros motivos de prisão também são dignos de registros. O escravo Frederico, charuteiro, é o primeiro de uma longa série que foi preso por "vir apadrinhar-se com S. Ex. Chefe de Policia".(16) Canal de escape da crueldade senhorial, esta alegação prova que as relações entre o aparato policial e a massa escrava estavam muito além de uma simples hostilidade mútua.

Outro dado registrado nas fichas, e difícil de ser plenamente captado nos gráficos, é a roupagem. Camisa de chita, calça de brim, paletó branco, ou, camisa de algodão branco, calça de casemira escura e carapuça, o vestuário escravo indica um universo de análise que não pode ser plenamente demonstrado pelos instrumentos da história quantitativa. Paletó de alpaca, camisa branca, a calça de brim, a gravata, o chapéu de lebre, e principalmente os sapatos, o elegante trajar do escravo Constantino, denotam claramente formas de dissimulação da condição escrava que são parte importante do universo simbólico da escravaria urbana dos anos 1860, e talvez tenham relação com sua posição destacada de chefe de malta, como citado antes(17)

Não deixa de ser marcante que os primeiros registros de capoeiras da Casa de Detenção, em quantidade apreciável, são de

escravos. Um livro de entrada para livres datado de antes de 1863 foi recuperado, mesmo estando em fragmentos. Mais importante é que neste livro, que registra as prisões entre agosto de 1861 e novembro do mesmo ano, só se registrou a prisão de 5 capoeiras. No ano de 1863, somente no mês de novembro, se registrou a prisão de 14 escravos pelo mesmo motivo.

Acreditamos que o início dos anos 60 foi um período crítico da transição da capoeira de um fenômeno marcadamente escravo e negro para uma capoeira mesclada da participação de livres e até imigrantes.

Manoel, cabinda, 38 anos, cozinheiro, camisa branca, calça preta, chapéu de palha, Thomaz, Benguela, 32 anos, também cozinheiro, de camisa e calça escura, e Anastacio, pardo, funileiro, de barba cerrada como Manoel, sem idade, possivelmente mais novo que os dois, e também mais apurado no trajar (camisa e calça branca, paletó preto, chapéu de lã), representam o primeiro registro de um dos fenômenos mais importantes da história da capoeira no Rio: a malta. Seu campo de operações era a freguesia de Sacramento, uma das mais populosas da Corte, e das mais policiadas. Presos no dia 13 de julho, já estavam soltos dia 15, possivelmente resultado da pressão dos senhores, aborrecidos em ver seu "capital" empatado numa cela. (18)

Escravos controlando partes vitais da área central da cidade, através das maltas, em aberto desafio a ordem escravista, será uma rotina nos eternos embates entre escravos e policiais, pelos 20 anos seguintes. Os livres de baixa condição, de quaisquer cores e origens, possivelmente ansiavam controlar estes dis-

positivos que permitiam tanta desenvoltura num ambiente urbano claramente hostil e violento.

Esta malta logo encontrara sua rival. No dia 14 de agosto o grupo que controlava a área da freguesia de Santa Rita, representado por dois africanos, Estevão, de nação mina, 36 anos, servente, e Felipe, Congo, cozinheiro, faz sua entrada nos Livros da Casa. Os membros da malta de Santa Rita (denominada pela tradição "Flôr da Uva") vão se tornam hóspedes assíduos do xadrez, e disputaram palmo a palmo o controle de área tão importante. (19)

Mas não é só no centro que a capoeira escrava exhibe suas habilidades. No dia dedicado ao padroeiro da Glória uma malta fez "correrias" próximo da procissão. Perseguidos pelos policiais, alguns foram presos na rua do Catete. Entre eles o preto Ricardo, crioulo de Antonio Marques Batista Leão, cocheiro, cerca de 20 anos, nascido na Corte. Indicativo de sua periculosidade, Ricardo seria removido para o calabouço. Bernardino, africano livre, ainda conseguiu chegar até a rua dos Barbones, mais não deixou de ser capturado. A malta da Glória, que na década seguinte vai dominar a vida política da Corte, dava seus primeiros e tímidos passos. (20)

Algumas fichas são suficientemente inusitadas para serem citadas em separado. Em especial a de Francisco, crioulo, da propriedade de "Sua Majestade o Imperador", preso, por requisição do Almoxeque do Paço, na freguesia de São José. Podemos supor que, meses depois Francisco tenha ido engrossar as fileiras do exército imperial em luta com o Paraguai, destino comum dos escravos "Da Nação".

Algumas prisões que não por capoeira revelam detalhes interessantes do cotidiano dos escravos numa cidade efervescente como a Corte. Bernardina foi presa por suspeita de estar "acoitada" na casa de um preto forro, e Miguel, benguela, foi encarcerado para "averiguações sobre feitiçaria".(21) Caetano, cabinda, exemplificando as solidariedades do cativo, foi acusado de "dar couto a escravo fugido".(22) José, crioulo, foi detido por motivo inusitado: ser encontrado vestido de mulher.(23)

Além da condição escrava, as proximidades ocupacionais também deviam ser fator importante na tessitura de camaradagens que desembocavam nas maltas. Assim o crioulo Fructuozo, vendedor de peixe, deve ter esbarrado várias vezes com o pardo Hontrato, cujo ofício de vender cigarros fazia-os compartilhar o mesmo ambiente.(24)

Não deixa de ser surpreendente que, continuando na temática das ocupações, a profissão isolada mais disseminada entre os escravos presos como capoeiras era a de cozinheiro. Onze detidos afirmavam essa ocupação. Esperávamos que as categorias ligadas mais diretamente ao ambiente de rua, como os escravos de ganho, fossem privilegiadas no universo da capoeiragem. Mas as próprias ocupações de rua representavam minoria no cômputo geral(14% do total) A categoria mais forte entre os escravos capoeiras eram a dos os artesãos, englobando umanel largo de profissões, desde sapateiros a pedreiros(56%). Mais adiante discutiremos este problema.

As origens africanas dos escravos capoeiras é uma das questões mais importantes que podem ser analisadas com essa docu-

mentação. De acordo com o GRAFICO 1, dos 24 africanos capoeiras, 16 eram da África Centro-Occidental, correspondente a Angola, sul do Congo, e áreas limítrofes. Mesmo com os poucos dados levantados, não deixa de ser notável a preeminência de Cabindas e Benguelas, nações importantes do extinto tráfico atlântico.

Em seguida a África Oriental, de quilimanes e moçambiques, representava cerca de 22% dos africanos. A isolada nação Mina, um termo do tráfico que se referia a uma infinidade de povos diferentes provenientes da África Occidental, fornecem 15% do total de capoeiras escravos presos. Esta divisão é extraordinariamente próximo aos padrões do tráfico africano vigentes na primeira metade do século, o que indica a conformação da capoeira com a distribuição étnica da escravidão.(25)

Mas a origem africana por certo revelava um patrimônio cultural, de rituais e práticas, que tinha de ser passados para frente, e que indicava uma importância muito mais crucial que a numérica para os africanos remanescentes. Dai a presença do moçambicano João, 38 anos, numa malta onde Gabriel, crioulo, de 14, e Floriano, crioulo, de 27, eram os naturais comandados.✓

Maltas comandadas por velhos africanos, cuja chefia se exercia sobre o mais variado público (crioulos, livres, libertos, brancos brasileiros, imigrantes, etc.), serão uma constante nos anos 1870, época chave na história cultural da capoeira.(26)

Ao mesmo tempo Galdino, pardo, 24 anos, nascido na Corte, marceneiro, e Thomaz, também fluminense, 20 anos, crioulo, ofício de marinha, provavelmente estavam sob a chefia de Manoel, Quilimane, 36 anos, catraieiro, que com seu impressionante paletó de

gorgorão de 18 lhes ensinava o manejo da faca quando foram surpreendidos pelos permanentes, e levados à Detenção.(27)

Estes capoeiras, castigados com breves dias na Casa de Detenção, nos primeiros meses de 1864, por certo formaram a primeira fila das levas de escravos levados para a Guerra do Paraguai, alguns meses mais tarde.

O problema das diferenças de idade entre africanos e crioulos está bem palpável no GRAFICO 2. A faixa etária de 26 à 35 anos é hegemônica entre os praticantes escravos da capoeira, tanto entre africanos como crioulos. Entretanto a faixa abaixo dos 15 anos, (os "moleques" que se iniciavam) e de 15 a 20 (etapa crítica do aprendizado, como colocamos no capítulo precedente) era totalmente coberta por crioulos e pardos, brasileiros.

Assim, por volta de 1863, a maioria dos africanos presos como capoeiras estavam na faixa etária dos chefes de malta, ou pelo menos velhos mestres, mantenedores de uma tradição cultural que tinha pelo menos 50 anos.

Os africanos, em decadência numérica na Corte desde 1850, e ainda agravado pela tendência dos senhores em aumentar sua idade (para escapar da acusação de tráfico ilegal) tinham um padrão etário bem diverso. Entre 21 e 25 anos eles eram franca minoria, mas o surpreendente é a proporção de capoeiras africanos em idade bem elevada (35%).

Tudo isso significa uma coisa: a geração que aprendia a "capoeiragem" nos primeiros anos da década de 1860, dentro da massa escrava, era crioula, enquanto os "velhos mestres", em grande parte, eram representantes de uma "tradição africana",

ainda mal conhecida e difusa. Como essa passagem se articulava com o possível conflito entre africanos e nativos, nas origens das maltas (ver capítulo 2 *Dos Nagôas e Guayamús: a Formação das Maltas*) é um desafio para os historiadores.

De qualquer maneira, africanos e crioulos tinham uma distribuição diversa dentro da área central da Corte. De acordo com o GRAFICO 4 as freguesias mais centrais, como Sacramento (SCA), e Santa Rita (SRT), concentravam a esmagadora maioria dos africanos com registro de locais de prisão. Acentuemos também as freguesias de São José (SJO) e Glória (GLD) importantes redutos dos Nagôas nas décadas seguintes.

Aos crioulos cabiam as periferias, principalmente Santana (SAN) e Engenho Velho (EVE). Um quadro inverso do que pensamos encontrar para Guayamús e Nagôas, tempos depois. Novamente resta-nos propor uma hipótese. Será que as maltas de africanos foram expulsas da cidade nos anos entre do fim do tráfico (1850) e a Guerra do Paraguai, substituídas pelo sangue novo dos crioulos, pardos e nativos?

Não podemos esquecer que a maior parte das fichas de 1863 não deixou registros dos locais de prisão, o que impossibilita conclusões maiores.

Por último, o GRAFICO 5, de profissões, demonstra o peso da escravidão nas tarefas artesanais e manufatureiras na cidade. Demonstra que a participação em um grupo de capoeira na rua não estava afastada de profissões que aparentemente obrigavam a uma reclusão forçada nos lares brancos, como copeiros e cozinheiros. Talvez até possamos intuir a "tolerância" dos senhores com os en-

contros de capoeira de seus cativos, nos momentos de folga, nas idas para buscar água, nas saídas noturnas, um costume "permitido" pelos proprietários em função de possível "direito" conquistado pelos cativos em anos de conflitos.

Daremos agora um salto ao mundo dos homens livres. Imigrantes, pretos, sertanejos, caboclos, pardos nordestinos, portugueses, eles formavam uma babel de línguas e costumes que coloriu a vida cidadina durante muitas décadas.

Os primeiros registros de capoeiras livres da década de 1860, como falamos, eram fragmentários e dispersos. Mesmo assim são sintomáticos.

Frederico José de Almeida, charuteiro, cor preta, 17 anos, nariz grosso, rosto oval, morador da rua de Santo Antonio 27, no distante mês de novembro de 1860, foi o primeiro de uma longa série. Ao contrário dos escravos ficou vários dias na cela. Dias depois um companheiro de desdita, o luso do Porto Gregório da Rocha Moreira, menor de 17 anos como Frederico, sapateiro, inaugurou a linhagem de homens brancos na capoeira do século.

O ano de 1868 foi o último da década de 1860. Ano de guerra. O registro de apenas 12 capoeiras por quase seis meses (de 08/05/1868 a 16/01/1869) revela a extensão de um conflito que varreu a capoeiragem das ruas do Rio para servir como "Voluntários" da pátria. Novamente realçamos o contraste chocante com o livro de 1863, que, num período de tempo equivalente registrou 51 capoeiras para a posteridade.

Mesmo com esses dados escassos, podemos intuir a presença do homem branco no mundo dos capoeiras, pela primeira vez, como

derivado de um único personagem: o imigrante português. Mesmo dedicando um capítulo inteiro à presença do lusitano entre os capoeiras (*Dos Fadistas e Galegos: os portugueses na capoeira*), podemos antecipar algumas coisas.

Francisco Fernandes de Aguiar, 20 anos, da Ilha Terceira, de cor branca, carroceiro, morador na rua de São Pedro, preso na freguesia de Santana, com a mesma vestimenta dos cativos (camisa de chita, calça branca, chapéu branco de palha do Chile), representava um novo patamar do trabalho urbano.(28) Lançados às centenas nas praias cariocas para substituir os escravos, que eram tragados pela economia do café, eles compartilharam vários nichos com a população negra, tanto os físicos, como os cortiços e zungús, como os simbólicos e puramente culturais, como as roupas, crenças, hábitos, numa rica simbiose cultural.

Lado a lado com os cortiços que pululavam pela cidade desde o início dos anos 1850 haviam as casa coletivas de escravos e negros livres, conhecidas como Zungús, periodicamente visitados pela polícia, que prendiam os ali encontrados como "suspeitos". Foi o que ocorreu com os africanos Damião e Luís José Maria Ferreira, de nação Mina, e o crioulo livre Domingos do Carmo Ferrreira detidos na noite de 8 de junho.(29) Centros de encontro para pretos de todas as origens, como o negro americano Henrique Harelise, egresso de uma nação em guerra, e talvez portador de uma boa nova para aqueles que sonhavam com a libertação.(30)

Apesar de os imigrantes tenderem a compartilhar um mesmo teto, para avivarem a solidariedade da terra natal, como os italianos moradores do cortiço da rua de São Pedro 99,(30) e com

partilhar das agruras da miséria urbana criava laços difíceis de romper, como no caso do português Joaquim Ferreira, cocheiro de 19 anos, preso por se opor a prisão de um preto livre, chamado Romão. Ou João de Freitas, nascido em Lisboa e que foi detido por "dar couto a escravo fugido.(31)

Essa solidariedade tinha um preço alto, como vemos no GRÁFICO 6, onde os portugueses perfazem a metade daqueles presos por capoeira nos registros dos anos 1860. Com toda a certeza, sua presença numérica nas maltas era bem mais tímida, mas sua experiência ainda curta na vivência urbana os fazia alvos fáceis do aparato repressivo, aguçado pelas tensões do recrutamento forçado.

De qualquer maneira, essa presença lusa na capoeira carioca dos anos 60 é um fator surpreendente. Demonstra que não só de tensões raciais e conflitos latentes vive a relação entre a população negra e a colônia lusa na Corte.

Muitos dos capoeiras lutaram nos campos do Paraguai. Alguns retornaram, como o mineiro Alexandre Pereira dos Santos, preto, 43 anos, preso na freguesia de Santana.(32) Alexandre, sem saber, representava a vanguarda dos capoeiras-soldados que logo regressariam à Corte, e mudariam os rumos da vida política na cidade e no país.

Nem só de açorianos miseráveis viviam os capoeiras lusos da década de 60. Francisco Bernardo Jorge, 16 anos, vindo de Funchal, na certa era portador de uma carta de apresentação de um ilustre compatriota que lhe permitiu exercer a "nobre" ocupação de caixeiro na rua dos Inválidos. Isso deve ter lhe garantido uma

rápida "estadia" na Detenção, de apenas um dia.

Os anos 1870 se abrem com uma enchente de registros. Agora saímos da precariedade dos fragmentos e compilamos séries inteiras, referente a vários meses, constituindo uma riqueza documental incalculável.

Trinta e sete entradas, distribuídas entre julho de 1870 e janeiro de 1871, nos fornecem uma singular radiografia do "Bas fond" fluminense que viu o regresso dos soldados do sul, depois de cinco longos anos. Os quatro portugueses detidos talvez retratem melhor a porcentagem real deste grupo no universo total dos participantes das maltas. Cerca de 62% dos capoeiras eram nascidos na Corte. Mas a hegemonia carioca seria desafiada pela presença de províncias de todo o Império: Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Bahia, Piauí. A transformação da capital em polo distribuidor de soldados durante a guerra a tornaria a nos anos 70 a rota final para muitos escravos fugidos, sertanejos, desempregados, aventureiros, e toda a fauna forasteira das ruas.

Desertores e escravos fugidos se confundiam, e mesmo alguns presos conseguiam receber os dois estigmas.

Neste momento podemos ter uma visão melhor, no que concerne aos livres, da unidade fundamental de atuação da capoeira: a malta. Geralmente os grupos se limitam, por todos os períodos analisados, a três ou quatro indivíduos. Em 1870 temos 5 maltas, todas nas freguesias centrais, a saber: Sacramento, Candelária, São José e Santa Rita.

Esta última é a mais interessante. Quatro fluminenses e um português. Nenhum deles morador da freguesia, a saber: 2 re

Santo Antonio, 1 de Sacramento, e 1 de Santana. Este é mais um mito que os documentos da Casa de Detenção colocam por terra. De acordo com a tradição literária, o principal fator que levava homens a se organizarem em maltas era o cortiço, a moradia comum, defendida não somente das incursões dos "morcegos" (guardas-urbanos), mas de outras maltas e cortiços. E o que está subjacente ao romance *O Cortiço*, onde Carapicus e "Caras de Gato" se batiam em defesa de seus lares.

Os registros de endereços permitem ter uma rica visão da distribuição étnica e racial no perímetro urbano, e demonstram que as mais distantes moradias não eram empecilho para a formação das maltas. Mesmo sendo, em geral, a moradia na freguesia onde a malta atua, um componente majoritário nas fichas dos capoeiras, a quantidade apreciável de endereços dispares indicam outros fatores como agregadores. No caso, ocupação e origem, além da cor, ocupam papel de relevo, e realmente o padrão ocupacional, entre brancos e pretos, brasileiros e estrangeiros, está muito mais próximo de um fator aglutinador de maior importância. Iremos discutir isso com mais vagar quando analisarmos os dados sobre a maior das maltas já capturadas.

Os africanos, tão destacados no ano de 1863, e mesmo entre os livres de 1868, chegam ao início dos anos 70 como remanescentes isolados de uma tradição do passado. Em 1870 o africano livre Camillo, de Moçambique, servente de obras, morador à praia de Santa Luzia, "Nagôa" da freguesia da Glória, preso com um canivete de mola, era o único representante da tradição africana que dominou as ruas na primeira metade do século.

Mas, como dissemos, a proporção numérica não deve ser o único fator compilado. Do alto dos seus 35 anos ele deve ter tido papel de destaque na difusão dos saberes e golpes característicos, e o fato de ser um "Nagôa" é indicativo do que colocamos no capítulo precedente.

Com certeza, Camillo deve ter travado embates com a malta "Três Cachos", de Santa Rita, guayamús do português Francisco Augusto de Souza.

Entre os nascidos no Rio, aqueles de cor preta, como na década anterior, eram maioria: 9 pretos, 5 pardos, 4 morenos, 2 brancos, 2 acabocladados, e 1 fulo. Possivelmente a guerra representou um hiato que então começava a ser coberto.

Vulemos para 1875. Este livro é singular, não apenas por sua abrangência (20 de janeiro à 23 de agosto de 1875) mas principalmente pela quantidade inusitada de escravos registrados num livro de livres. Existem muitas prisões de africanos e crioulos por "suspeita de fugido" e "não provar sua condição". Para cada um registro por capoeira há cerca de quatro por "fugido".

Os africanos cativos do comércio negreiro não desembarcam mais na cidade, mas a presença de pardos nascidos em Cabo Verde indica que os fluxos do tráfico atlântico não se romperam. Agora, ao invés de escravos, eles trazem imigrantes portugueses, como se identificam os Cabo Verdeanos no Rio(33)

A proximidade da experiência imigrante(34) e escrava fica patente no caso de espanhóis procurados por fugidos, isto é, 'ausentado do poder do seu locatário antes de findar seu contrato'. Uma escravidão por contrato não era algo tão aberrante como

parece.(35)

As condições se misturavam na babel de cores, e não se sabia mais quem era livre, liberto, fugido, resultando numa inevitável dor de cabeça para os mantenedores da ordem. A clareza da cor, como indicativo da condição, abria caminho para a suspeição generalizada, único meio de coibir o livre trânsito entre livres e escravos: todos são suspeitos até prova em contrário.

É o caso do detento Florindo Caetano de Oliveira, pardo, pedreiro, morador na rua da Providência 36, e que teve o azar de ser reconhecido na Casa como o Florindo, escravo de José Carlos de Oliveira. No dia 20 de agosto, cinco dias depois da prisão, seu senhor em pessoa foi buscá-lo.(36)

E de Manoel, que afirmava ser forro. Também deve ter causado espécie o africano João, preto liberto, de nação Angola, de 44 anos. Até mesmo um capanga político foi colocado atrás das grades. Olavo Diogo de Brito, vulgo "Rato Molhado", morador na ladeira da Glória, cocheiro, que agia sob as ordens do deputado Duque-Estrada Teixeira na malta da "Flor da Gente".(37)

O único branco preso por capoeira em todo livro é um português de São Miguel, confirmando o padrão anterior de grande parte dos brancos serem de origem lusa. É preso numa malta de dois pretos e um pardo, onde ele era o mais novo.(38)

Os canais de solidariedade e proteção construídos pelos pretos livres e escravos no ambiente urbano da Corte, durante várias décadas, se mostravam sensivelmente eficientes para encobrir, proteger, evadir, constituindo uma rede de canais sociais que se decalcava com o labirinto físico da cidade. O ano de 1875,

por qualquer razão, foi especial neste caso.

O ano de 1877 nos reserva várias surpresas.(39) Em pouco mais de dois meses, de abril a junho, um record de 127 prisões, pelos mais variados motivos. As 42 prisões por capoeira representam um novo patamar desta forma de criminalidade urbana. O ano de 1877 se reservou rico de novas facetas para os capoeiras.

João Francisco Ribeiro, conhecido por Botafogo, catraieiro morador na rua da Misericórdia 52, além de capoeira, teve de provar isenção de recrutamento, e assinar termo de Bem Viver, que o obrigava a procurar uma ocupação. No dia 24 de maio, um mês depois, ele voltou para o "Palácio de Cristal", pelo mesmo motivo, e desta vez cumpriria pena longa - dois meses - na Casa de Correção.(40)

Francisco Ribeiro foi preso pela segunda vez na freguesia de São José, onde morava, e possivelmente participava da malta local. Dias antes da sua segunda prisão, a malta de São José, conhecida por "velho carpinteiro" havia feito sua aparição, nas pessoas dos brancos João Gonzaga Mesquita e do luso Manoel Antonio.

Mas o registro mais importante do ano de 1877 estava para acontecer longe das freguesias mais centrais, como Sacramento e Candelária. No dia 1 de junho foram presos capoeiras da malta da freguesia do Espírito Santo, zona periférica da área mais urbanizada, e que corresponde hoje aos bairros do Catumbi e parte de São Cristóvão. Eram dez indivíduos, a maioria nascidos no Rio, mas também incorporando forasteiros vindos de tão distante como Pernambuco e Rio Grande do Sul. A capoeira, com toda certeza, era

vista pelo nascido fora da Corte e recém-chegado como um canal possível de incorporação no ambiente complexo da Corte.

E essa presença de estranhos e estrangeiros, tão forte, como verificamos em todos os gráficos, só cresceu durante todo o período estudado.

Duas presenças são marcantes nessa malta. O preto Severino Antonio Gomes, vindo de Vassouras, grande região escravista da província fluminense, e que exercia a profissão predileta de pretos e escravos: cozinheiro. Podemos apenas suspeitar da origem escrava de Severino, mas pelo menos temos claro que ele trilhou o caminho que pretos e pardos já faziam por várias décadas: vir da serra para a cidade grande.

A presença mais importante da malta, porém, seria o último a deixar seu nome no longo livro de entradas: Zeferino José da Costa, africano de Moçambique, 45 anos, pedreiro, que ignora o nome dos pais. Mais um remanescente da tradição escrava-africana, e que simboliza, como todos os outros africanos, o elo fundamental que a tradição "Nagôa" representa. Zeferino tinha o dobro da idade de seus companheiros, quase todos entre 15 e 25 anos. Por certo ele, que tinha mais de trinta anos de vivência na Corte, não aceitaria ser chefiado por rapazolas. Por ironia, o indivíduo mais novo da malta era um branco, Pedro Augusto de Paiva, fluminense, 13 anos, o primeiro a ficar de frente com o escrivo da Casa.

Zeferino com certeza ostentava a posição de chefe não somente por sua idade, mas por seu saber da capoeira de rua que se fazia na cidade do Rio nos meados do século. Brancos, portugueses

ses, imigrantes de todas as origens, e brasileiros de todas as províncias, beberam nesta fonte, o que ajuda a entender a permanência da tradição "Nagôa" mesmo quando os africanos desapareceram dos registros, no limiar dos anos 1880.

Como ecoando a eterna guerra entre maltas, uma das gangues mais poderosas da Corte vai entrar na Detenção no exato dia da malta do Espírito Santo: sete participantes da célebre malta "Cadeira da Senhora", dona do Campo de Santana, vão cair nas garras da vigilância policial. Quase todos eram nascidos fora do Rio, num arco que vai de Niterói até Argentina. Como no grupo que o precedeu, a presença do branco é isolada, numa malta onde pretos e pardos eram hegemônicos. Mesmo com a imigração portuguesa em massa nos anos 1860, e sua presença considerável entre os presos por capoeira, (ver GRAFICO 6) na década anterior, a cultura da capoeira ainda retinha um traço étnico muito forte, como uma tradição dos negros e mestiços da Corte. O que não impedia o intercâmbio cada vez maior de indivíduos de todas as origens.

É difícil reconhecer se uma malta, presa em certa freguesia, era realmente o grupo dominante naquela área, ou representativo daquela região, ou um grupo adversário, que estivesse em uma incursão na área rival, pretexto comum para as sangrentas disputas entre navalhistas. Mas podemos perceber que aqueles presos por estarem em conflito com gangs adversárias eram geralmente presos por motivos diversos ao de "capoeira", motivo de prisão que foi nosso critério fundamental para compilarmos os nomes.

A proporção de capoeiras nascidos na Corte se manteve inalterado nas décadas de 1860 e 1870. Nos anos 60 cerca de 64%

dos presos como capoeiras eram oriundos do Rio, bastante próximo dos dados da década de 1870 (GRAFICO 7) que indicam 62% .

Acreditamos que a presença considerável de portugueses nos registros de prisão de capoeiras entre 1861 e 1868 (GRAFICO 6) esteja relacionado com o período anômalo da Guerra do Paraguai, quando muitos nacionais em idade para se iniciarem nos grupos de capoeira foram presos e levados para a frente de combate.

Nos anos 70, com o fim da guerra, e o retorno dos praças, mesmo com o êxodo de provincianos e escravos fugidos para a Corte, em busca de oportunidades e liberdade, se recompõe a presença dominante dos cariocas.

O GRAFICO 8 nos coloca a distribuição das maltas pelas mais importantes freguesias da cidade durante a década de 1870. Comparando com o GRAFICO 4 dois pontos devem ser realçados. Em primeiro lugar, a concentração dos conflitos envolvendo capoeiras no perímetro mais urbano da cidade, principalmente a freguesia de Santa Rita. Em segundo lugar, a concentração nestas áreas dos africanos, como dissemos, e dos crioulos nas áreas periféricas.

Por mais que se refiram a grupos de condição diversa, devemos ter claro que os dois contrastes são notáveis. No GRAFICO 8 as freguesias de São José e Santana passam a ser pontos privilegiados de ação, enquanto as freguesias de Santo Antonio e Santana, como explicamos no capítulo precedente, redutos dos "Nagôas", estavam em plena expansão.

Também é de se notar a forte presença de crioulos e capoeiras nascidos no Rio na área do Campo da Aclamação, ou Campo de Santana. Podemos pensar estes dois grupos como muito próximos, a

que a maioria dos crioulos em 1863 eram nascidos no Rio, e a maioria dos nascidos no Rio na década de 1870 eram pretos.

Mas, talvez, o contraponto mais importante entre os dois gráficos seja mesmo a posição dos africanos. Mesmo levando em conta que entre a população livre os africanos eram bem minoritários no Rio dos anos 1870, a sua disposição no GRAFICO 8 em áreas periféricas, no caso Glória, Espírito Santo, Santo Antonio, mesmo em quantidade bem reduzida, nos reafirmam um possível deslocamento geográfico da população africana na cidade, entre o início dos anos 1860 e o final dos anos 70.

A Glória, que em 1863 registrou a presença de capoeiras africanos, ainda demonstrava sinais, 15 anos depois, de ser um dos pontos prediletos de atuação dessa tradição. Devemos levar em conta, novamente, que a maioria das prisões de escravos em 1863 não deixou registro do local onde foi efetuado, o que dificulta sobremaneira conclusões mais seguras sobre a geografia da capoeiragem nesta época. O que não acontecia com os homens livres, cujos locais de suas aventuras eram cuidadosamente registrados.

Por último, a redução da presença, em termos proporcionais, de portugueses no GRAFICO 8, principalmente se compararmos com os registros de 1868 refletidos no GRAFICO 6. Pode ser que os registros fragmentários dos anos 60 refletissem mais a debilidade dos jovens imigrantes lusos perante o aparato repressivo do que sua real presença no interior das malhas. De qualquer maneira, nos anos 1870 eles batem numericamente todos os estrangeiros, e rivalizam palmo a palmo com aqueles vindos do interior e perdem por pouco para os oriundos da província do Rio, como pode ser

confirmado pelo GRAFICO 7.

O GRAFICO 12, referente aos padrões ocupacionais, permite lançar uma última luz nesta década, principalmente se compararmos com aquele referente a escravos (GRAFICO 5). As ocupações ligadas ao artesanato ou ao trabalho mais especializado (calceteiros, sapateiros, pedreiros, etc.), compondo uma ampla gama de ocupações as mais diversas, eram fortemente representadas por escravos nos anos 1860. Na década seguinte, os padrões ocupacionais dos livres repetem os dos escravos dez anos antes. Possivelmente o êxodo escravo para as regiões cafeeiras fez com que a lacuna aberta no universo do trabalho pelo tráfico interno de cativos fosse ocupada pelos homens livres.

De qualquer modo, a parcela apreciável dos capoeiras livres sem profissão definida indica a existência de grande número de pobres livres na cidade jogados nas profissões mais rebaixadas, como trabalhadores braçais, função antes exercida quase exclusivamente por escravos.

A presença gradual de escravos nas ocupações domésticas, como se percebe da comparação dos dados entre 1863 e 1881 (GRAFICO 5 e GRAFICO 11) é proporcional a ausência de homens livres realizando esses serviços (GRAFICOS 11 e 12). Aparentemente, a maciça entrada de imigrantes após 1850 no Rio acabou expulsando cativos de muitos ofícios, pela concorrência com homens livres. C talvez pelo menor custo em manter certas tarefas com livres, numa conjuntura em que o preço do escravo era cada vez mais elevado.

Na virada dos anos 1870-1880, os últimos registros de escravos por nós encontrados permitem análises ricas num momento

em que o número de escravos existentes na cidade era bem reduzido. 1879 é o primeiro ano em que podemos compilar diretamente livres e escravos presos exatamente na mesma época, e, mais importante, decodificar os padrões que informam a formação das maltas de livres e escravos.

Alexandrino, crioulo, de Dona Amélia Bugetto, vindo de Campos, Ireneu, sem profissão, nascido em Rio Bonito, e Bento, egresso de Itaguaí, compartilham a mesma experiência de escravos de zonas rurais transferidos para um grande centro urbano. Como marcando seu companheirismo, todos usam uma mesma indumentária: calça de brim, chapéu de lebre preto. Será uma coincidência? A tradição refere, como colocamos no capítulo anterior, à importância do vestuário na identidade do capoeira. Estes três cativos, com quase a mesma idade, possivelmente percebem a solidariedade como um poderoso instrumento para evitar os perigos de uma cidade violenta.

Junto com Raymundo, vindo do distante Maranhão, e José, bem mais à vontade na própria terra, esses escravos formam uma malta no coração da cidade, a freguesia da Candelária. Já fazia tempo que as grandes maltas de africanos não vagavam mais pela cidade. Mas o encontro com o grupo, nas horas furtivas do chafariz, e nas saídas clandestinas à noite, ainda fazem parte integrante do cotidiano dos escravos fora do trabalho.

Ocupações domésticas, como já dissemos, são majoritárias entre os escravos presos como capoeiras na década de 1880. O trabalho mais fechado dos lares não impede a continuação da tradição, e o intercâmbio com pretos livres e brancos pobres.

Nos interstícios das fichas, os pequenos comentários do escrivão revelam segredos das formas dissimuladas da escravaria urbana para redefinir seu espaço, e "negociar" novas posições no conflito social latente da vida citadina:

ELIZED DA ROCHA. 22 de agosto de 1879. Vindo do Q. G. da Armada por ter sido reclamado por Joaquina Marcolina da Câmara Nery, com o nome verdadeiro de Elizeu. Em 2 de outubro de 1879 foi remetido a polícia afim de ser enviado ao Ajudante Geral da Armada por ter sido alforriado por seu senhor.(40)

No ano de 1879 a massa escrava do Rio estava especialmente inquieta. Todos os recursos possíveis e imagináveis são válidos para pressionar seus senhores, negociar privilégios, conseguir concessões. Os Livros de Entrada da Casa de Detenção para escravos são testemunhas eloqüentes do drama vivido por cativos que não aceitavam mais sua condição, e tentavam interferir nas decisões tomadas sobre suas vidas.

Josephina, foi queixar-se ao Chefe de Polícia por estar abandonada.(41). Júlio "se recuza a prestar serviço por tempo de 2 anos, condição porque foi libertado por João Antonio Correia".(42) Delfino, do Capitão Bernardino, foi queixar-se ao Chefe de Polícia e foi liberto em 29 de maio de 1879 por sentença do Juiz de provedoria.(43) Fortunato foi preso por "não querer acompanhar seu senhor"(44)

Algumas vezes a resistência escrava chegava ao paroxismo, como no caso de Jerônima, que no dia 10 de fevereiro de 1880 foi presa por tentar incendiar a casa onde estava alugada.(45).

Junto com estes, os velhos "crimes" da escravaria ainda são

profusamente praticados, como João, que veio fugido da província do Rio(46), e Maria Conga e Roza Benguela, encontradas em zungû.(47)

Os capoeiras estão um pouco ofuscados, mas ainda dão trabalho às autoridades. Só foram encontradas duas maltas de escravos no segundo semestre de 1879. As duas na freguesia de Sacramento. A primeira nós já falamos. A segunda continha somente dois cativos. Um de São Paulo, outro de Pernambuco.

Mas acionar a policia não era um privilégio senhorial. Muitas vezes o escravo é o primeiro a recorrer às autoridades policiais para dirimir conflitos domésticos. Como no caso de Brígida, crioula de Pernambuco, que entrou na Chefia de Policia para reclamar do seu senhor, o jovem advogado João Batista Sampaio Ferraz. Dez anos depois Sampaio Ferraz iria provar o quanto era adversário de certas "liberdades" assumidas pela população negra na Corte.(48)

A Revolta do Vintém, em janeiro de 1880, rebelião popular contra mais um imposto sob o preço dos transportes contra a população, teve farta participação escrava. Por uma cartada de sorte sobreviveram os livros de entrada para escravos e livres referentes ao momento da Revolta, o que permite comparar o nível de envolvimento das duas populações nos acontecimentos. Refletindo a imensa superioridade numérica da população livre, um número espantoso de homens livres são levados para a Casa de Detenção. Na noite de 24 de dezembro deve ter havido sério conflito entre policiais e populares, com certeza marcando o descontentamento com

a nova taxa, pois uma quantidade incomum de prisões se registram nesse dia.

Quanto aos escravos, se destacam Leocádio, preso por "desordem e dano nos bondes de São Cristóvão"(46) e Jacintho, cujo motivo da prisão foi "provocar o povo sobre o imposto".

1879 também é o primeiro ano onde encontramos registros de mesma época entre escravos e livres. Infelizmente, somente para os finais de 1879 conseguimos registros de livres neste anos. De dezembro de 1879 a janeiro de 1880 conseguimos recuperar cerca de 27 livres presos por capoeira. Praticamente a mesma quantidade de escravos num período muito mais dilatado: julho de 1879 a maio de 1880. Reflexo da superioridade populacional tremenda de homens livres sobre escravos no Rio de Janeiro dos finais do século XIX.

De acordo com o censo de 1872, cerca de 82% da população da Corte era composta de livres, e somente 17% era de escravos. Mas os dados referentes aqueles presos como capoeiras são diferentes. Em 1881, 40% dos capoeiras presos eram escravos e 60% livres. Por estes dados, os escravos ainda tinham uma presença numérica e proporcional bastante acentuada nas maltas pelo início dos anos 1880. A tradição capoeira ainda era fortemente escrava.

Quanto aqueles livres nascidos no Brasil, a ampla maioria era de fluminenses (51%), e entre os escravos essa proporção era muito próxima (46%).

Quanto às ocupações, entre os livres a grande maioria estava ligada ao artesanato (44%) sendo que entre os cativos predominavam os trabalhadores domésticos, (46%). A mesma porcentagem de

livres e escravos estava ligada as ocupações de rua (3%).

O trabalho de rua, fosse vendendo mercadorias ou transportando coisas e objetos, de certo alinhava cativos e livres ou libertos em posições sociais muito próximas, facilitando a troca de experiências e a combinação cultural. O preto Roberto, escravo de Alexandrina Roza Ferreira, 19 anos, fluminense, cocheiro, preso por "desordem e capoeira"(47), deve ter se confundido várias vezes nas ruas com o pardo Diodato José Ribeiro, 21 anos, também fluminense, preso pelo mesmo motivo no natal de 1879.

Mas o dado mais importante nos registros de 1879 foi a prisão de uma grande malta nas cercanias da freguesia de Santo Antonio. Cinco pretos, a maioria nascidos no Rio, com idade entre 25 e 32 anos, e cinco brancos, sendo três portugueses, todos eles vindos da cidade do Porto. Entre eles o mais jovem, Manoel Francisco de Oliveira, de apenas 19 anos, possivelmente ainda na idade de aprendizado.

Mas o personagem mais importante desta malta era negro. Júlio José de Barros, carpinteiro, morador na rua dos Inválidos, de calça e camisa branca, paletó preto e chapéu preto, africano da Costa da Mina, 50 anos. Mais uma vez o padrão que se registrou em 1877: as maltas relativamente maiores sempre contam com a presença de pelo menos um africano, sempre o mais velho do grupo. Os dados permitem supor, pela lógica social, que este africano desempenhou o papel de chefe, ou era pelo menos o mais experiente do grupo, aquele portador da memória cultural, o que tem importante papel na reprodução simbólica do grupo.(48)

E curioso retratarmos não só a presença fragmentária

africanos entre os homens livres da década de 1870, mas, principalmente, sua ausência nos registros de escravos. Se africanos, bem ou mal, aparecem em 2 meses de registros de prisões para capoeiras livres, porque eles desaparecem para dez meses de prisão de escravos? Mesmo levando em conta que africanos com mais de cinquenta anos são escravos de baixa produtividade, e por isso fortes candidatos aos mecanismos de alforria, temos que ter claro que africanos escravos, mesmo esparsamente, são presos por outros crimes. O desaparecimento de africanos dos registros de escravos capoeiras é um mistério ainda não resolvido.

A aparente letargia da capoeira escrava em 1879 é desmentida em 1881, quando novos registros de escravos foram descobertos. É marcante como os livros de entrada para escravos são poucos, em comparação com os de livres. Pensamos, anteriormente, que deve ter havido uma destruição propositada, no estilo Rui Barbosa em 1890, e que os registros sobreviventes seriam naturalmente isolados.

Mas, nos anos 1880, a quantidade de prisões de livres era bem maior que a de cativos. Um ano de prisão de escravos podia ser levantado em pouco mais de um livro, enquanto para livres um ano de entradas necessitava de cinco ou mais livros.

O maior contraste nos dados entre escravos e livres capoeiras foi a disposição geográfica dos dois grupos no mapa da cidade. Enquanto os livres (GRAFICO 8) se concentravam nas áreas limites do centro da cidade (Freguesias de São José e Santana) os cativos (GRAFICO 18) tinham seu campo de atuação limitado ao perímetro central, a parte mais velha da cidade. Esta geografia,

por mais que se relacione com a distribuição dos cativos nos anos 1860 (GRAFICO 4) não corresponde ao que a documentação informa sobre a disposição da propriedade escrava. De acordo com o censo de 1872, nas áreas rurais deveriam se concentrar cerca de 57% dos escravos do município, enquanto a área urbana, mais povoada, mantinha apenas 43% do total de escravos. De qualquer maneira, este hiato entre escravos e livres pode ter relação com a formação das tradições "Nagôa" e "Guayamú". Não podemos esquecer que os escravos capoeiras são, em 1881, na totalidade crioulos, enquanto os africanos remanescentes são livres. A rivalidade inter-escrava deve ter influído na geografia das maltas.

Em 1881 tivemos acesso a um dos mais raros registros dessa coleção: a formação de maltas de capoeiras com livres e escravos. Somente nesse período os dados coincidentes puderam dar a certeza que determinados escravos e livres compartilhavam o mesmo grupo, e puderam corroborar com segurança conclusões sobre os fatores agregadores que levavam indivíduos de condição diferente a se juntarem nas mesmas maltas.

Aos poucos, levantando as datas e os locais de prisões, pude ter certeza que aqueles cativos pertenciam a um mesmo grupo que outros homens livres, de registros diversos, e comparando diligentemente um a um, pude confirmar inclusive que os registros eram feitos pelo mesmo escrivão. Assim pude reunir dados relativamente numerosos sobre os padrões de cor, ocupação e origem de uma mesma malta.

As três maltas de escravos e livres presas no final de 1881 tinham seu campo de atuação em três freguesias diferentes:

Sacramento, Santa Rita e São José. De acordo com a tradição, e com o que foi colocado no capítulo anterior, as duas malhas iniciais eram dos Guayamús, enquanto a última era da tradição Nagôa. O desaparecimento definitivo dos africanos do mundo da capoeira na década de 1880 aparentemente significou um rompimento com uma tradição do passado criando uma lacuna. Mas precisamos ter claro como os mecanismos de reinvenção cultural funcionam a partir da releitura do passado, e da legitimação de seus símbolos por meio de novas visões, vistas como tradicionais. (49)

Assim escravos, crioulos, imigrantes e pardos de todas as províncias assumiam as bandeiras dos Nagôas e Guayamús, a partir de uma nova identidade.

No GRAFICO 9 podemos perceber a similitude entre condições e origens. No primeiro podemos ter claro como havia uma divisão equilibrada entre escravos e livres. Numa população onde a proporção de homens livres no conjunto total é bem mais expressiva que a de escravos, esses dados confirmam que em períodos de tempo equivalentes o número de capoeiristas livres e escravos era semelhante. Isso informa a importância das malhas na cultura escrava urbana, mesmo em períodos tardios como 1881, quando a instituição escravista dava seus últimos passos.

No GRAFICO 9, se confirma a hegemonia dos nascidos no Rio, dado comum para todos os períodos analisados, mas coloca a forte presença dos oriundos da província do Rio, tanto entre livres como escravos.

Possivelmente este dado, no que concerne aos livres, possa estar relacionado ao grande número de escravos em fuga dentro

cidade, para os quais a participação nas maltas era importante instrumento de socialização no ambiente urbano.

De qualquer maneira, a presença de escravos vindos da província do Rio era numericamente a mais expressiva no que concerne aos cativos não nascidos na Corte. Em segundo lugar, entre aqueles vindos do interior, e no que concerne aos escravos, o nordeste era o maior fornecedor para a Corte.

A presença de portugueses, apesar de bem menor no que em décadas anteriores, realça o intercâmbio racial e cultural dentro das gangues de capoeiras do tempo.

No GRAFICO 10 vemos os diferentes padrões raciais dentro de um mesmo grupo. Quanto aos escravos, os pretos, utilizando a padronização racial da época, estavam claramente em franca maioria. Nos livres, o equilíbrio das cores desmente mais uma vez a capoeira como uma expressão "negra" da cultura carioca, e reafirma seu caráter de forma múltipla de intercâmbio social e cultural.

O GRAFICO 10 nos coloca frente aos padrões ocupacionais de livres e escravos pertencentes à mesma malta. Quanto aos escravos, a comparação com o GRAFICO 5 de padrões ocupacionais de 1863, em princípio, mostra o avanço das ocupações domésticas em relação ao artesanato. É também curioso a proporção de escravos sem ocupação definida, quase um terço da amostra. Como explicar que escravos não tenham ocupação certa, na medida que a mão de obra escrava era tão cara?

As ocupações de rua eram igualmente relevantes entre os escravos e livres, o que pode ser sinal de uma identidade comunitária.

servisse como ponto aglutinador. Esta era uma função comum na década de 1860 para escravos, que foi gradualmente perdendo importância, de acordo com os dados que temos agora em mãos. Pode ser que as profissões de rua, como vendedores de alimentos ou flores, tão comuns no Rio de final do século XIX, cumprissem papel de relevo na tecitura de solidariedade. Compartilhando as ruas de uma mesma freguesia, e talvez o mesmo mercado (como os dois algarreiros, um livre e um escravo) escravos e livres tinham mais necessidade de construir um *modus vivendi* que os protegesse de "invasores" e preservasse seus espaços ocupacionais.

A década de 1880 é a mais rica em registros sobre capangas. Existem livros inteiros para todos os anos, que registram com detalhes a multiplicidade de facetas possíveis para as "classes perigosas" na última década da monarquia e da escravidão. Escolhemos os anos de 1881 por um principal motivo. Este primeiro ano permitia comparar escravos e livres numa mesma malta, o que era uma possibilidade rara. O ano de 1884 surgiu por razão diversa. Foi uma época de grande repressão policial, o que podia significar quantidade apreciável de dados para serem levantados. Não se revelou uma surpresa. Como era o ano da abolição, esperávamos poder contar com uma visão mais global da totalidade dos capangas em ação na Corte, sem o risco de perdemos aqueles de condição escrava.

Realmente 1888 foi pródigo em prisões, mas um fato de acaso permitiu enriquecer ainda mais este acervo. A captura de toda uma malta, e uma das mais importantes da época. Compilando os jornais pudemos ter certeza de que o total de 33 indivíduos

capturada na noite de 12 de julho de 1888 era o grupo que dominava o Campo de Santana. Foi o maior grupo capturado em conjunto que temos em toda a nossa coleção.

Através do GRAFICO 13 podemos ter claro a distribuição dos diferentes grupos pelas freguesias da cidade. Comparando com o GRAFICOS 4 e 8 vemos as mudanças e permanências na geografia das maltas. As freguesias centrais da Cidade Velha (Candelária, Sacramento, Santa Rita), antes pontos nervosos da capoeiragem africana dos meados do século, agora perdem importância para as partes limítrofes da área urbana. Estas partes limítrofes coincidem com o que a tradição e a documentação registram como as áreas dos Nagôas.

De qualquer modo, na passagem do GRAFICO 8 para o GRAFICO 13, as zonas centrais, berço dos guayamús, readquirem relativa importância, pelo menos como centro dos embates principais entre maltas. Este ressurgir dos guayamús na década de 1880 em parte coincide com a queda dos conservadores, e a ascensão dos liberais, que serão de novo desalojados em 1885. Poderíamos supor, como foi colocado no capítulo precedente, que Guayamús e Nagôas estavam intrinsecamente ligados aos dois partidos principais, e isso explicaria sua oscilação entre as duas décadas?

A Freguesia de Santana mantém, em todos os gráficos arrolados, uma posição privilegiada. Esta grande freguesia, a maior da área central, compreendia extensas porções do litoral, e se limitava com grande número de bairros (ver MAPA 1, Cap. II). Esta grande proporção pode explicar o número considerável de capoeiras presos em seu interior. Mas não elimina o fato da composição da

queles presos em Santana era bem diversa da de outras áreas.

Neste particular, observemos que no GRAFICO 13 as áreas centrais são fortemente ocupadas por estrangeiros, portugueses ou de outras nacionalidades. A freguesia de Sacramento, particularmente, na década de 1880 é o grande reduto de imigrantes. Este dado não era tão patente nos anos 1870. Mas confirma que as áreas Guayamús são pólo importante de atração para capoeiras brancos de outra nacionalidade.

O predomínio dos fluminenses é, aparentemente, diminuído no ano de 1884. Este foi um ano magro de prisões. De abril a dezembro temos somente 66 prisões. E uma porcentagem muito alta de nascidos no interior do Brasil. Cerca de 30% do total tinha vindo das outras províncias do Império, fora a província do Rio. O primeiro exemplo é o pardo João Pedro da Silva, baiano, marceneiro de 29 anos, morador na rua Senhor dos Passos, freguesia do Sacramento, preso em 22 de abril.(50)

A porcentagem de presos nascidos na Corte (34%) equivalente aos vindos do interior do país (São Paulo, Bahia, etc.) reforça a visão de que os novos ou recém-chegados à cidade interpretavam as malhas como canais de socialização na cidade grande.

Outra peculiaridade do ano de 1884 foi a presença numerosa das profissões de rua, rivalizando com os artesãos principalmente cocheiros, como o pardo claro Joaquim Gonçalves Ribeiro da Costa, preso na freguesia de Santana.(51) Este padrão, em franca divergência com os registrados em 1881 e 1884, deve estar relacionado com os objetivos próprios da repressão neste ano.

Aliás, este ano foi escolhido por ser uma época de perso-

quifão aos capoeiras, por conta das crises políticas sucessivas que se alastram pelos gabinetes liberais. (ver capítulo V Da Flor da Gente e Guarda Negra)

As prisões em grupo raramente superam três indivíduos. Entendemos este padrão, que na verdade é corrente em todos os livros, pode ocorrer por diversos motivos: a fuga de grande parte do grupo, facilitada pelo conhecimento detalhada dos becos e vielas da área; a atuação de pequenos grupos, e raramente de malta na totalidade, por receio de represália; a tendência das patrulhas policiais de só atacarem indivíduos isolados, talvez por temor dos laços de camaradagem que uniam os diversos membros do grupo, o que poderia tornar simples prisões em grandes "rolos", como se dizia das confusões na época.(52)

Muitos escravos fugidos, provindos de todas as regiões do Império, tinham as maltas de capoeiras da Corte como fonte de proteção e ocultamento, no meio da massa livre e negra que percorria a cidade, como o pardo Antonio de Oliveira, 24 anos, vindo de Santo Antonio de Jacutinga, morador na rua do Conde, e que, a semelhança dos escravos, declarou desconhecer completamente seus pais.(53)

Ou Marcelo Rangel, cor preta, vindo de Iguassú, e cujos pais, Belizário e Margarida, com toda certeza eram escravos.(54) Marcelo, com seus 18 anos, estava galgando os primeiros passos da hierarquia da capoeiragem, pois foi preso no 2o Distrito da freguesia do Sacramento por "exercício de capoeiragem".

Aliás, este foi um dos grandes motivos de prisão naquele ano. Uma malta de quatro indivíduos, inclusive um espanhol, foi

presa no mesmo 2º Distrito de Sacramento, pelo mesmo delito do preto Marcelo. Aparentemente, uma nova geração de capoeiras estava prestes a sair em campo.(55)

A malta podia servir também como espaço de reforço de solidariedades raciais e de origem, em detrimento de sua leitura como canal de entrada do estranho no cotidiano segmentado da violência das ruas. Um exemplo são os pardos Estevão Felipe e Amancio Luiz da Silva, o primeiro vindo da distante província do Piauí, e o segundo do arraial mais próximo de Porto das Caixas, na Baía de Guanabara,(56) ou os brancos estrangeiros Miguel Ocuisse, de Cocencio, Itália, e João Batista Torres, de Corrientes, Uruguai.(57)

É muito difícil afirmar categoricamente que este ou outro padrão são os fatores fundamentais que determinam a formação de uma malta. Os padrões são por demais diversos. Mas pelo menos não podemos ignorar a existência de certo padrão ocupacional, que por variadas circunstâncias influem na formação de um grupo. Como no caso do cabelereiro Antonio Alves Figueira, ou o barbeiro Manoel José de Figueiredo, vizinhos da rua do Ouvidor e Gonçalves Dias, presos no Campo de Santana.(58)

Num tempo em que a agitação abolicionista já tomava as ruas, impelida pelo projeto de emancipação do Gabinete Dantas e pela abolição nas províncias, novas formas de delinquência são criadas, para usufruto "do alheio". Como no caso de Manoel Carlos Ventura, preso no dia 18 de junho por falsamente intitular-se abolicionista e assim ficar de posse de certo número de escravos, que possivelmente depois seriam vendidos para alguma fazenda.(59)

E o numero, cada vez maior de escravos fugidos circulando nas grandes cidades, como Romizão (60)

Nas tabernas e bodegas da Cidade Velha os capoeiras ainda encontravam abrigo para suas reuniões e demandas. A vida boêmia das betesgas do baixo meretricio era o ambiente predileto dos malandrins do tempo, principalmente nas sombras da noite, quando o olhar vigilante da policia estava mais adormecido. O caixeiro Germano Emilio Campos Vargas de Vasconcelos, branco de apenas 22 anos, nascido na Provincia do Rio, preso no 1º Distrito de Santa Rita, mas morador no Beco da Fidalga, aos pés do morro do Castelo, na freguesia de São José, decerto deve ter testemunhado diversas façanhas de rasteira e cabeçada na taverna onde trabalhava. Assim, aprendeu o riscado, o que lhe valeu cinco dias de prisão. (61)

Antes de passarmos para o próximo livro, devemos dar atenção a uma das possibilidades que esta rica documentação da Casa de Detenção permite. A construção das histórias de vida de alguns detentos que, por tantas entradas na Casa, deixaram dados que viabilizam seguir seus diversos empregos, moradias, locais de atuação, e mesmo seus destinos, dentro ou fora da cadeia.

Talvez um dos que mais deixaram registros na Casa seja o jovem José Eça da Cunha. De novembro de 1876 a julho de 1882 José Eça teve nada mais nada menos que quinze entradas na Casa de Detenção, a saber: quatro por capoeira, quatro por "vagabundo", quatro por desordem, duas por ofensa fisica em flagrante e uma por andar armado de faca. Crimes muito próximos. Possivelmente muitos dos presos por capoeira devam ter outras entradas por es-

tes motivos.(62)

Só de fevereiro de 1881 a abril de 1882 conseguimos reunir seis fichas de José Eça que podem dar uma vaga idéia da trajetória de um adolescente pobre no mundo da violência urbana do Rio daquele final de século.

No carnaval de 1881 o catraieiro José Eça, com seus 20 anos, morador no Largo da Batalha, branco, com seu cabelo à escovinha, e seu chapéu de lebre, ainda vadiava em busca de ocupação, o motivo talvez de sua prisão como "vagabundo".(63)

Dois meses depois, refletindo a alta rotatividade ocupacional da sociedade fluminense do final do século XIX, o criado José Eça da Cunha é preso por "ofensas físicas em flagrante" e enviado pelo 3º Delegado para a Casa de Detenção. Para complicar ainda mais a instabilidade dos padrões de cor vigentes na época, e também a insegurança de certos dados da Casa, o "branco" do dia 20 de fevereiro se tornou "pardo", e o que é pior, de cabelo "carapinho".(64)

No dia 20 de setembro o "moreno" José Eça da Cunha foi detido na freguesia da Candelária por "promover desordem armado de faca", um ato de delinquência bastante comum para capoeiras..(65)

Antes ele já tinha sido preso por "ser capoeira" na freguesia de São José, já desta vez morando na rua da Misericórdia 86, seu endereço definitivo. Em 27 de março de 1882 o catraieiro branco José Eça da Cunha volta a visitar as dependências da Detenção, vestindo calça preta, camisa branca, paletó escuro, chapéu de palha, uma vestimenta algo mais elaborada do que a calça de cazemira de cor, e a camisa de meia da sua última estadia, em

20 de setembro.

Frequentador assíduo do "Palácio de Cristal", que era como, ironicamente, os detentos se referiam à Detenção, José Eça não estava isolado no mundo da capoeira. Prova disso é a malta de sete indivíduos que com ele são presos na freguesia de São José em 30 de julho. O caixeiro João Joaquim Pinto Ferreira, branco de 15 anos, o cocheiro preto Firmo Monteiro de Souza, morador da rua do Conde, e seu vizinho quitandeiro Manoel Pereira de Miranda, pardo vindo dos longínquos sertões do Piauí.(66), decerto estavam sob a chefia de José Eça, já com longa ficha na polícia. Ele ainda vai ser réu num processo onde, agindo como um chefe de malta, agride policiais quando do desfile de um batalhão, e é protegido da prisão por um grupo de soldados, desembainhado espadas, e enfrentando policiais.(67)

O ano de 1888 foi de intensas movimentações. A vitória da idéia abolicionista, depois de uma árdua campanha, transforma a cidade num caldeirão político em ebulição. O grande volume de prisões na Casa, numa quantidade antes não vista, nos primeiros meses do ano, testemunham, de um lado, a efervescência política, e a presença cada vez maior de libertos vindos do interior, e de outro, a atividade frenética da polícia naqueles dias tão inquietos. Somente do final de abril ao início de julho entraram na Casa de Detenção 165 capoeiras. Mesmo levando em conta as várias prisões de um só indivíduo, é um número considerável para pouco mais de três meses.

Neste momento podemos ter uma visão mais nítida do que era a capoeira da Corte nos últimos dias da monarquia. Personagens

como que saídos das páginas da literatura tomam corpo nos registros de prisão. Como o capoeira Francisco Firme, morador na rua dos barbonos, 31 anos. Seria o Firme do romance de Aluizio Azevedo, *O Cortiço*, que faria furor nos anos seguintes, e que estava sendo escrito neste exato momento?(68)

Neste momento a composição das maltas de capoeiras se aproxima de uma torre de babel, visto a variedade de nacionalidades e origens unidos sobre um mesmo fenômeno cultural. Como o cocheiro Manoel Gamarano, 20 anos, nascido na longínqua Salerno, na Itália(69), preso com o paulista Antonio José Pinto Normandia, carregador, nascido na provincia de São Paulo(70).

O dia 13 de maio de 1888 não deixou marcas perenes somente na história do país. A abolição foi festejada no cárcere de estranha forma. No dia 14 de maio os ex-escravos Albino, Faustino, Paulo, Benedicto (este africano), Salustiano e Thomaz foram os pioneiros entre os ex-escravos libertos pela Princesa a entrarem nos Livros de Livres da Casa de Detenção. Aparentemente eles estavam festejando a libertação quando foram surpreendidos pela repressão. O mineiro Thomaz terá um destino que depois se tornará comum: será enviado para Fernando de Noronha.(71)

A onipresença da capoeira no palco das ruas da cidade do Rio estava refletida na quantidade espantosa de prisões neste momento chave, que vai da decretação da Lei Aurea ao nascimento da Guarda Negra, possivelmente o mais famoso agrupamento de capoeiras de toda a história da Corte. E com certeza essa onda de prisões não reprimiu a sanha das maltas, que durante os dois anos seguintes monopolizariam a violência urbana na cidade.

Momento também de êxodo de libertos, vindos principalmente das fazendas decadentes do Vale do Paraíba fluminense, como Izaías, que disse chamar-se Izaías dos Santos, preto, trabalhador, que viera de Barra do Pirai, que como outros ex-escravos vão encher os becos e vielas da cidade-capital.(72)

No dia 24 de maio um personagem célebre da capoeiragem do tempo fez mais uma aparição. Domingos Soares Calçada, o Domingui-nhos da Sé, velho conhecido da casa, fez sua aparição de novo, pelo mesmo motivo das vezes anteriores: ofensas físicas leves. Em 1881 ele tinha feito sua primeira entrada na Detenção depois de uma agressão a um padeiro na rua da Pedreira da Candelária.(73)

Desta vez ele foi agarrado e respondeu a processo, e de acordo com a ficha, foi à júri em 10 de setembro e condenado no grau médio do artigo 201 do Código Criminal. O que se sabe é que em 1890 ele estava livre, pois foi preso nas malhas da repressão armada por Sampaio Ferraz.(74)

Em 3 de julho um dos âses da capoeira na Corte deu o ar de sua graça nos cubículos da Casa de Detenção. Acácio José Ferreira, vulgo Trinca Espinha, um dos nomes mais citados pelos cronistas do século seguinte, deixa de ser lenda e aparece em carne e osso. Branco, 16 anos, caixeiro, nascido em Rezende, na província do Rio, morador na rua General Câmara, Trinca Espinha era um importante aliado dos políticos abolicionistas.(75)

No dia 12 de julho de 1888 uma descoberta rara nos registros da Casa de Detenção abriu novas possibilidades. A prisão de uma malta inteira, e uma das mais importantes da Corte. A malta do Campo de Santana, conhecida como "Cadeira da Senhora", com 33

indivíduos. Uma análise meticulosa desse grupo pode representar uma radiografia da composição de uma malta de capoeiras no Rio dos finais do século XIX.

Analisando os padrões de moradia podemos nos surpreender com os dados. Cerca da metade daqueles presos (49%) residia em freguesias outras que não aquela onde o grupo foi preso. Só na freguesia do Sacramento tinham moradia 21%. Freguesias tão distantes como Engenho Velho e Glória também eram bairros de moradia desses capoeiras. Assim deixa de ter sentido a malta como instrumento unicamente de defesa do "pedaço", ou da área de residência. Outros padrões, como ocupação e origem podem ajudar a explicar o que leva homens diferentes a formarem uma malta.

O padrão ocupacional mantém similitude com o dos homens livres presos por capoeira. A grande maioria (48%) exercem profissões ligadas a uma forma de artesanato, como pedreiro ou carpinteiro. Cerca de 27% tem ocupações domésticas, como cozinheiro ou servente. Os trabalhadores de rua, como cocheiros e vendedores de bala perfazem 9%.

Surpreendeu também a faixa etária dos membros do "Cadeia da Senhora". Uma grande quantidade (16%) tinha menos de 15 anos, e a ampla maioria (59,3%) está entre 15 e 20 anos, uma percentagem alta para faixa etária tão jovem. Alguns como o menino Elias Roza de Araújo, servente, cor parda, de 13 anos, e seu companheiro André Satyro da Silva, carpinteiro, de cor preta, com a mesma idade, estavam ainda na idade em que o menino de rua começava a aprender os golpes da capoeiragem, ensino ministrado por meio de um complexo conjunto de rituais (ver "Ritos de Aprendizado" em

Dos Nagôas e Guayamús: a Formação das Maltas cap.II).

Uma minoria (15,6%) estava entre 21 e 15 anos. Esta alta proporção de adolescentes explica o fato de o Campo de Santana ser espaço preferido de exercício dos capoeiras neófitos, que começavam na escala da hierarquia (ver nota 34, cap. II).

Quanto aos padrões raciais, a partir dos padrões da época, os pretos formavam a ampla maioria da malta do Campo de Santana (54,5%). Em seguida vinham os pardos (18%) e os brancos (12%). Estes dados contrastam com os dados gerais para capoeiras presos em 1890 (GRAFICO 17) onde os brancos perfazem cerca de 34%. Seria a malta de Santana um reduto de capoeiras negros, ex-escravos, libertos, crioulos, em detrimento das outras maltas, onde a presença de brancos seria mais representativa? De qualquer maneira a Cadeira da Senhora pertence a tradição Nagôa, como explicamos no capítulo anterior. A nossa hipótese, de uma tradição escrava e africana, representada pelos Nagôas, conflitar com uma tradição mestiça e nativa, recebe mais uma comprovação.

Um dado surpreendente corrobora esta leitura. Na malta de Santana não encontramos nenhum português. A presença de imigrantes lusos entre os capoeiras estava bastante difundida na cidade, como explicaremos no próximo capítulo. Esta ausência era no mínimo peculiar. Imigrantes de outros países também estão completamente ausentes.

Em compensação, uma grande proporção (27%) era oriunda da província do Rio. O que se explica pelo crescente número de libertos e fugidos que rumaram para a cidade no colapso da instituição escravista. Seria a freguesia de Santana um reduto de ex-

escravos vindos do interior, onde eles poderiam mais facilmente se misturar na massa de pardos e pretos livres da cidade?

Os dados do censo de 1890 são divergentes com aqueles da malta. Em Santana havia 7.968 pretos (11,7% do total), 13.158 pardos (19,52%) e 44.761 brancos (66,42%) Essa superioridade de brancos está em franca

No momento em que a Guarda Negra dava os primeiros sinais nas páginas da imprensa, uma malta só de pretos e pardos deveria ter significados políticos peculiares (ver Cap.V pg. 71 e 72).

A terceira área de origem dos participantes desse grupo (15%) era o interior do Brasil. O que corresponde com os registros gerais de 1888 (ver GRAFICO 15). Este Também pode estar relacionada ao êxodo de libertos e fugidos para uma cidade que desde muitos anos se tornou rota obrigatória para aventureiros, ideseempregados, fugitivos, ou todos aqueles que querem tentar a sorte na cidade grande.

Os gráficos da década de 1880 nos fornecem uma ^{boa} visão mais aproximada dos padrões sociais e culturais que informam as maltas do século, pela quantidade mais ampla de indivíduos registrados. Pelo GRAFICO 13 podemos perceber as diferentes áreas de atuação. A freguesia de Sacramento e Santa Rita, na área central, como já dissemos, perdem espaço para a periferia.

O GRAFICO 14 nos coloca os padrões ocupacionais da década de 1880. O predomínio dos artesãos ou trabalhadores especializados em ofícios guarda semelhança com os escravos de 1863 (GRAFICO 5) e contrasta com os padrões ocupacionais de livres para

1870-1879. O declínio, em números relativos e absolutos, da população escrava, onde as profissões domésticas eram ampla maioria (GRAFICO 11) pode explicar a presença maior de livres neste espaço. E também a maior quantidade de alforrias não necessariamente implicaria em trocas ocupacionais. Quer dizer, o capoeira ex-escravo deixa de ser registrado entre escravos e passa a circular nos registros de livres. Os dados de 1888 em diante seriam assim mais globalizantes da composição da capoeira como um todo.

Quanto à origem (GRAFICO 15) realça à primeira vista a alta presença de indivíduos oriundos das províncias, que não do Rio de Janeiro, que, o que como mencionamos, está relacionada à posição estratégica da cidade do Rio entre escravos fugidos e homens pobres do interior.

O ano de 1890 foi o mais marcante na repressão policial aos capoeiras em todo o século XIX. As peculiaridades políticas daquela época ajudam a explicar esta fato. Além de prender capoeiras às centenas, Sampaio Ferraz os deportou para a distante Ilha de Fernando de Noronha, para cortar pela raiz qualquer tentativa de rearticulação dentro da cidade. Os mais importantes chefes de malta, os mais velhos, guardiães da tradição, e os maiores ases da capoeiragem, foram afastados do ambiente citadino, rompendo o elo fundamental da reprodução cultural. Por mais que possamos comprovar que a capoeira não acabou com sampaio Ferraz, podemos ter claro que ela sofreu alterações profundas, de forma de ação e significado, com a repressão de 1890.

De novembro de 1889 à dezembro de 1890 a casa de Detenção registra no mínimo a prisão de 297 capoeiras. No mínimo porque os

registros de janeiro a março de 1890 desapareceram.

O primeiro capoeira a cair nas mãos de Sampaio Ferraz foi Joaquim da Trindade. 23 anos, trabalhador, cor fula, nascido em Santa Catarina, morador na r. da América, e preso na rua do Santo Cristo. Sampaio Ferraz ainda estava elaborando seu plano que faria a capoeiragem ser desmantelada após um ano de fúria, assim o fulo Joaquim foi libertado cinco dias depois. O preto Adolfo José Pereira, marceneiro, também trabalhador, pertencia a malta de Joaquim Trindade, e foi mandado para Fernando de Noronha.(77)

Para nosso azar, grande parte dos registros de 1890 não guardou o local da prisão, o que dificultou sobremodo localizar os principais locais de atuação visados pela repressão republicana. Aparentemente Sampaio Ferraz saiu a campo com a indicação dos endereços de moradia de todos eles. Assim municiado ele pode prender um a um, e deportá-los para a ilha do Atlântico. José Francisco Cardozo, cor fula, servente, 18 anos, Marcelino João de Moraes, 20 anos, carpinteiro, preto, Ludgero Pacheco de Rezendo, 19 anos, preto, Ponciano José Ignácio Silva, 40 anos, trabalhador, e por fim, Francisco Soares Calçada, açogueiro, cor parda, morador no Largo de São Domingos, 28 anos. Será este o Domingos Soares Calçada, com diversas entradas na Detenção, e que encontramos de 1881 até 1888? Só sabemos que o nome de Dominginhos da Sé aparece nos registros dos capoeiras presos em Fernando de Noronha.(78)

Esta malta, das últimas registradas no século XIX, fura presa na rua do Catete, um dia antes. Seu chefe possivelmente era o pardo Ponciano, que teve o mesmo destino de Calçada.

A partir do dia 10 dezembro as prisões de capoeiras aumentam estupidamente. O plano arquitetado pelo Cavanhaque de Aço, como ficou conhecido Sampaio Ferraz, estava funcionando como um relógio. O mês de dezembro de 1889 foi de intensa movimentação na casa de Detenção. Só por capoeira entraram 66 indivíduos, a maioria remetido para o Arsenal de Guerra na Ilha das Cobras, o que significava em linguagem cifrada Fernando de Noronha.

Em seu artigo sobre a repressão dos primeiros dias da República, Marcos Bretas(79), aliás o primeiro a compilar este material, fez uma análise meticulosa dessas primeiras vítimas de Sampaio Ferraz. Muitos dos presos neste mês atípico não tinham registrado o motivo da sua detenção, reflexo do autoritarismo reinante após 15 de novembro. Compilando registros de ocorrência do presídio de Fernando de Noronha pudemos nos certificar de quais foram efetivamente deportados, e quais capoeiras foram detidos sob total sigilo.

Branco, pretos, pardos, carrocheiros, serventes, negociantes, em 1890 ser capoeira era uma possibilidade aberta para um amplo anel de grupos sociais diferentes, de todas as classes, de quaisquer origens. O volume recorde de registros permite a visão mais nítida jamais feita sobre quem eram os capoeiras do Rio de final do século XIX.

A ausência de locais de prisão na maioria esmagadora dos registros indica não apenas um desleixo das autoridades, empenhadas somente em limpar, a qualquer custo, a capoeiragem da cidade. Reforça a hipótese, colocada por muitos contemporâneos, de que Sampaio Ferraz já tinha os endereços dos capoeiras mais perigosos.

quando iniciou sua campanha, sendo redundante registrar o local da prisão já que coincidia com o endereço. De qualquer maneira, os outros crimes não tem este padrão.

Alguns foram presos, possivelmente, no próprio local de trabalho, como o condutor de bondes Arthur Benigno de Carvalho, presos com "bonet, colete e paletó da firma"(80)

A primeira leva de capoeiras saiu da Corte nos primeiros dias de janeiro e desembarcou em Fernando de Noronha em 24 de janeiro. No porão do vapor Madeira estava encarcerada a nata da capoeiragem carioca, talvez os mais hábes e audazes capoeiras do século, como Catão José Lourenço, latoeiro, preto, preso junto com Domingos Soares Calçada, e Leocádio José Barbosa, copeiro, cor parda, residente no Largo da Sé.(81)

Nomes bizarros surgem em Fernando de Noronha, como Napoleão Faquista, ou Napoleão Zeferino da Silva, 38 anos, pardo, carpinteiro, enviado sem motivo de prisão, um dos mais velhos do grupo.(82), ou "Ferro Velho", cujo nome real era Joaquim de Meireiros, preso em Santana, morador na r. Carlos Gomes, que mesmo com o "Velho" tinha apenas 21 anos.(83)

Alguns velhos conhecidos reaparecem, como Francisco Rodrigues da Lapa, vulgo "Chico Vagabundo", português de Braga, 32 anos, implicado no atentado contra o jornal *A Gazeta da Tarde* em janeiro de 1885.(84)

A repressão de Sampaio Ferraz era implacável. Mesmo capoeiras de alta consideração, ou até mesmo próximos da lides republicanas foram encarcerados, como Alfredo Murat Pilar, filho de família ilustre de literatos, 24 anos. caixeiro, morador na rua

do Ipiranga, no Cosme Velho, e que no ato da prisão vestia sofisticado terno azul marinho, cartola de castor branco e polainas.(85)

Os registros de fevereiro e parte de janeiro ainda estão desaparecidos. Retomamos o fio da história em 2 de março de 1890. Nesse dia o carregador Theodoro Martins, pardo de 26 anos, teve o destino comum dos capoeiras presos pelo governo provisório: O Arsenal de Guerra.(86)

Zungús, batuques, feitiçaria, continuam entre as preocupações das autoridades "moralizadoras" do novo regime, e eles se confundem com os capoeiras nos corredores e celas da Detenção.(87)

José Portuguese, Trindade do Pharoux, Fita Branca, a relação interminável de apelidos da sarjeta se desenrola de forma quase monótona, como uma fila sem fim de exilados e deportados. As vezes, os nomes guardam inéditas proximidades com fatos do passado. O que dizer dos pretos Pedro Rio Branco, e seu companheiro Manoel Paranhos do Rio Branco, nascidos exatamente na época da Lei do Ventre Livre, um em Goiás outro em - Itaguaí, Estado do Rio, presos como capoeiras em 8 de abril? Seriam seus nomes uma espécie de dívida de gratidão por terem sido libertos pela célebre lei criada pelo Visconde de Rio Branco? Como veremos no Capítulo 5, o fio da história não foi rompido entre estes dois momentos.(88)

No dia 9 de abril de 1890 Sampaio Ferraz conseguiu, talvez, sua maior vitória individual. José Elycio dos Reis, o célebre Juca Reis, atravessa os longos portões de ferro da Casa de Detenção para sentir, provavelmente pela primeira vez, o ar de

uma cela, 36 anos, proprietário, morador no Largo do Catete, filho do Conde de São Salvador de Matosinho e da Condessa de S. Salvador de Matosinhos, ele era provavelmente o mais afamado capoeira da cidade.

Filho de uma das famílias mais abastadas da Corte, se envolveu em diversas arruaças, e brigas políticas, principalmente contra republicanos e liberais. Protegido por sua condição elevada, nunca foi punido.

A chegada do preso nº 1419 provocou uma crise política no ministério do Generalíssimo Deodoro da Fonseca, que quase redundou na demissão do próprio Chefe de Polícia. Na queda de braço com o encarregado da pasta das Relações Exteriores, Quintino Bocaiuva, protegido político do Conde, Sampaio levou a melhor, e no dia 1 de maio Juca Reis embarcava para Fernando de Noronha.(89)

Depois da prisão de Juca Reis, a maior presa que Sampaio Ferraz podia esperar, as coisas ficaram aparentemente mais calmas. O frenesi inicial cede lugar a uma rotina de detenções, onde até mesmo capoeiras tem agora a chance de serem soltos.

Alguns já fichados, voltam a atravessar os corredores da Casa, como João José da Silva, vulgo João Veado, que foi preso nas primeiras levadas, em 28 de novembro, e que volta a visitar o xadrez em 17 de abril.(90)

Em maio ainda se registram 30 prisões por capoeira, sendo que a grande maioria vai para Fernando de Noronha. Outro destino comum era o envio ao Ajudante General do Exército, onde ou eles asentavam praça, ou iriam para uma colônia militar na fronteira, trabalhar como galés anos a fio. Talvez tenha sido este o destino

de Benevenuto José Gonçalves, que, apesar do nome, era pardo de Niterói, padeiro, e que guardava as marcas das lutas do passado numa cicatriz na testa e outra no rosto. (91)

Depois de limpar o centro das principais malhas Sampaio deita olhares para a periferia, para não deixar pedra sobre pedra. E assim entram no xadrez Fortunato José Luiz Flores, e Antonio Manoel Joaquim, ambos moradores do distante e bucólico bairro de Copacabana. (92)

A miséria não era barreira para a fúria de Sampaio. O capoeira Raul Joaquim de Carvalho, e seu companheiro Bazilio José de Medeiros, moradores no adro da igreja de São Francisco e de Vila Rica foram enviados ao Arsenal para, provavelmente, fazerem a viagem Atlântica sem volta.

Fugas heróicas assombraram esta história de exílio e prisão, guardando proximidade com rocambolescas narrativas de cape-e-espada. Como interpretar o retorno ao Rio de Francisco Rodrigues da Lapa, ou melhor, de Chico Vagabundo, deportado dia 4 de janeiro com a "fina flor" da capoeiragem local? Em 24 de maio ele volta a conhecer as dependências sombrias da Casa de Detenção, e possivelmente seu castigo agora seria mais severo. A metrópole atrai como um lampião noturno.

A colônia baiana no Rio de Janeiro sofre perdas nesta nova safra de deportados. O quitandeiro Manoel dos Passos, preto, residente na rua do Núncio 35, 23 anos, entrou no Livro de matrícula junto com João Candido, negociante pardo, casado, que do alto de seus 49 anos representaria talvez o elo ancestral entre a capoeira da Corte e a jogada na Bahia. (93)

No dia 28 de maio a Detenção recebeu uma remessa incomum. Vinte e um deportados do Estado de São Paulo, todos com destino a Fernando de Noronha. Entre eles o ex-escravo Sebastião, lavrador, e o liberto Adão. A "limpeza" criminal feita por Sampaio Ferraz na capital se tornara repressão política nacional, e o presídio de Fernando de Noronha, coalhado de presos, recebia novas vítimas. (94)

Agora não só capoeiras são banidos. Manoel Justino dos Santos, gatuno, e Sebastião Francisco José Lopes, vagabundo e gatuno, tem ambos o mesmo destino no remoto arquipélago do Atlântico. (95) E entre estes o preto Joaquim Guimarães, que teria passado despercebido se não tivesse a marcante filiação de Manoel Congo e Thereza Benguela. Filhos crioulo de mãe africana. (96)

Após mandar para o banimento as maiores lideranças da capoeiragem, Sampaio começou a rastrear os "capoeiras amadores", como eram conhecidos aqueles que não participavam das maltas. Geralmente vinha de outras partes do país, conheciam os golpes, mas ficavam isolados. Assim do dia 23 de julho ao dia 7 de agosto foram capturados um português de Vizeu, um paulista, um maranhense, dois nascidos na província, um de Niterói e outro de Rio Bonito, um pernambucano, um baiano e um espanhol de Granada. Por volta de 1890 a capoeira era um ponto de encontro para imigrantes de todas as origens e nacionalidades. O tal "jogo nacional" era na verdade um "campo internacional" de lutas no chão da cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX, e também de troca e solidariedade.

Entre estes "amadores" com certeza se encontravam velhos mestres, antigos áses, que tinham se aposentado da violência do

ruas, mas ainda eram depositários da tradição. Quantas histórias sobre Nagóas e guayamús não poderiam ser contadas pelo velho pedreiro José Joaquim de Santana, viúvo, 64 anos, preto da Bahia, morador na Freguesia de São Cristóvão, filho de Nazário Martins e Felippa de Sant'anna? De camisa branca, calça preta, colete, paletó e chapéu de cor ele entrou na Casa em 10 de agosto e foi enviado à chefia de polícia em 13.(97)

O "Cavanhaque de Aço" não buscava somente eliminar os que estavam em ação. A raiz reprodutora da cultura capoeira era o mal que tinha de ser eliminado. Fosse, tivesse sido, ou mesmo pudesse ser capoeira, todos mereciam o destino comum do xadrez, onde a vontade pessoal do homem forte da nova polícia republicana ditava seu futuro.

A velha polícia secreta, reduto dos capoeiras nos tempos monárquicos, estava com seus dias contados, e não tinha mais serventia como recurso da impunidade. Assim dois indivíduos foram presos na freguesia da Glória por se dizerem agentes secretos.(98) A nova ordem fechava o cerco aos seus inimigos.

Uma maré de ex-escravos entram nos registros da Casa no mês de agosto. Muitos serão enviados para Fernando de Noronha, outros soltos como João, ex-escravo de José Manuel Queirós(99). Seriam ex-escravos as principais vítimas do golpe militar republicano, por conta de sua lealdade a "Monarquia Redentora"?

Nos finais de agosto as deportações arrefecem. Muitos capoeiras são soltos poucos dias depois de sua prisão. O braço repressor mostra os primeiros sinais de cansaço.

O mês de outubro de 1890 entrava e a Casa de Detenção ain-

da recebia capoeiras. Alguns se tornariam famosos décadas mais tarde, como Manoel Moreira, vulgo Gato, citado no início do século por Vieira Fazenda.(100)

No dia 31 de outubro de 1890 temos o último registro de capoeira preso na gestão Sampaio Ferraz. Francisco Custódio, 22 anos, padeiro, preto, morador na rua da América, preso pelo subdelegado de Santana. Seria solto em 11 de dezembro, quando Sampaio já tinha se demitido do seu cargo.

De janeiro de 1891, nossas últimas fichas, uma curiosidade: Moyses Corull, preto, de origem norte-americana, residente na rua da Saúde, preso por "estar em exercício de capoeiragem". O fio da cultura voltava a se enredar.

CONCLUSÃO

Os gráficos 16 e 17 nos remetem aos padrões que informam as maltas de capoeiras do final do século. Os padrões ocupacionais repetem aqueles dos gráficos das décadas de 70 e 80, apesar dos trabalhadores de rua como cocheiros, quitandeiros, condutores de bonde, estarem mais representados. De certo a repressão mais ampla movida neste último ano responde por esta diferença.

Infelizmente não temos muitos registros de locais de prisão neste ano, o que inviabiliza uma análise mais acurada das maltas e dos locais de ação, apesar de acharmos também que os padrões de 1881-88 (GRAFICO 13) se repetem.

O grande número de prisões num mesmo dia, sem o registro do local, impossibilita também certificar se os presos pertencem

a uma mesma malta.

De qualquer maneira esses dados são bastante ricos para concluirmos qual era a composição das maltas de capoeira do final do século. A alta porcentagem de brancos (GRAFICO 17) põe em relevo o forte potencial de intercâmbio que a cultura da capoeira retinha. Mais do que uma luta, ou uma arte marcial urbana, a capoeira era um ponto de identidade social, de construção da coletividade, de afirmação da solidariedade, de socialização e de encontro de homens das mais diversas origens.

Podemos agora concluir nossa análise com uma visão global desses trinta anos de registros. A capoeira expressa os valores de uma sociedade marcada pela tradição e pelo conflito. Os dados reforçam que ser capoeira no Rio Imperial era atributo dos jovens, cuja grande maioria tinha entre 20 e 30 anos. A afirmação, a valentia, a ousadia, valores comuns nos jovens do nosso tempo, já faziam parte do universo ideológico da juventude da época.

Assim, ser capoeira podia vista como atributo necessário ao mundo dos plenamente adultos, principalmente nas camadas mais pobres, onde a luta pela vida e a perspectiva da violência estavam sempre presentes.

De nascimento escravo, a capoeira se espalhou como um relâmpago no universo dos livres, de todas origens. Talvez sua potencialidade maior estivesse na característica de leitura peculiar da sociedade urbana, construída por décadas de vivência escrava e africana. Essa experiência moldou uma sociabilidade característica, preparada para enfrentar as tensões de uma sociedade marcada pela violência.

Os livres e imigrantes perceberam rapidamente este potencial, e "usurparam" a capoeira do seu berço escravo. Pagaram um tributo à esta raiz por meio da perpetuação das tradições Nagôas e Guayamús, vestígios de antigas disputas, que se mantiveram no ocaso da capoeira escrava.

As diversas distribuições das maltas pelo tecido urbano, como observamos nos vários gráficos a isso referentes (GRÁFICOS 4, 8, 13 E 18) não representam simples reflexos da distribuição populacional. São, isto sim, sintomas de uma política peculiar das ruas, onde o jogo do poder entre os diversos grupos se espelha na sua capacidade de concentrar adeptos e de repelir ataques. Em outras palavras, as maltas mais fortes não apenas tinham mais "combatentes", mas respondiam pelos centros nervosos da guerra particular travada entre os diversos grupos que loteavam a cidade.

Assim, a freguesia de Santa Rita, dominante nos anos 60, entra os anos 80 bem enfraquecida, por conta do surgimento de outros rivais, que desafiaram sua antiga hegemonia. Esse jogo de forças ainda está longe de ser entendido plenamente.

Algumas maltas, para tornar mais complexo o tabuleiro do conflito, não aparecem nos registros por conta do seu poder político, ou até de sua decadência. Assim, a malta da Glória, que domina a vida política na Corte nos anos 70, pouco aparece nos gráficos, em consequência da proteção sobre ela estendida, e depois desaparece no colapso do grupo político que a patrocinava.

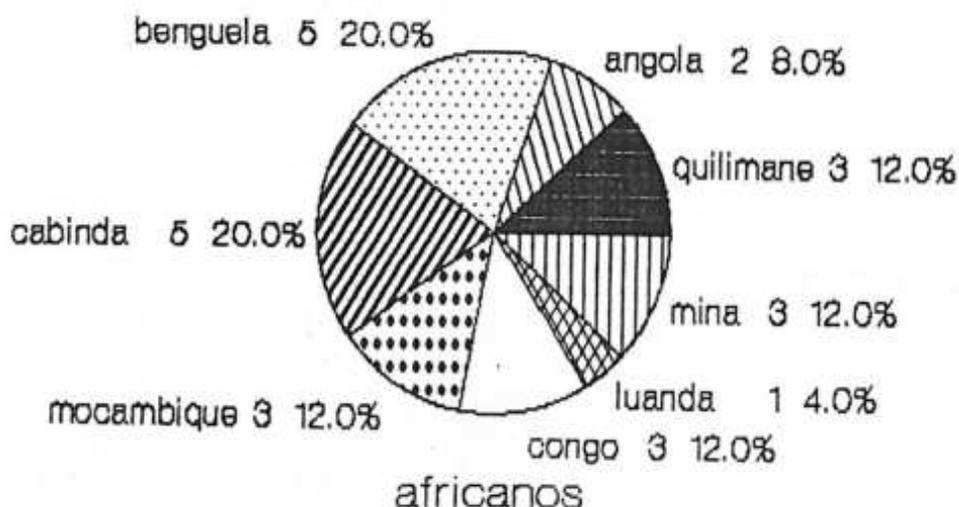
Em síntese, os dados da Casa de Detenção não resolvem todos os problemas, mas podem fornecer um subsídio quantitativo

muito importante para refutar ou confirmar o que a documentação qualitativa, vista no capítulo anterior, nos coloca.

GRAFICO 1

ESCRAVOS AFRICANOS CAPOEIRAS: CASA DE DETENCAO.1863

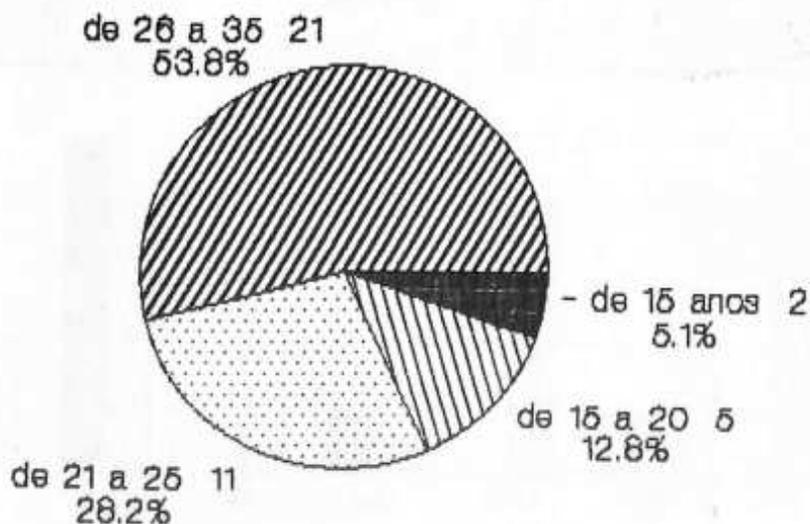
200



fonte: Livro de Entrada da Casa de Detencao

Grafico 2

ESCRAVOS CRIoulos CAPOEIRAS: FAIXA ETARIA. 1863



Fonte: Idem

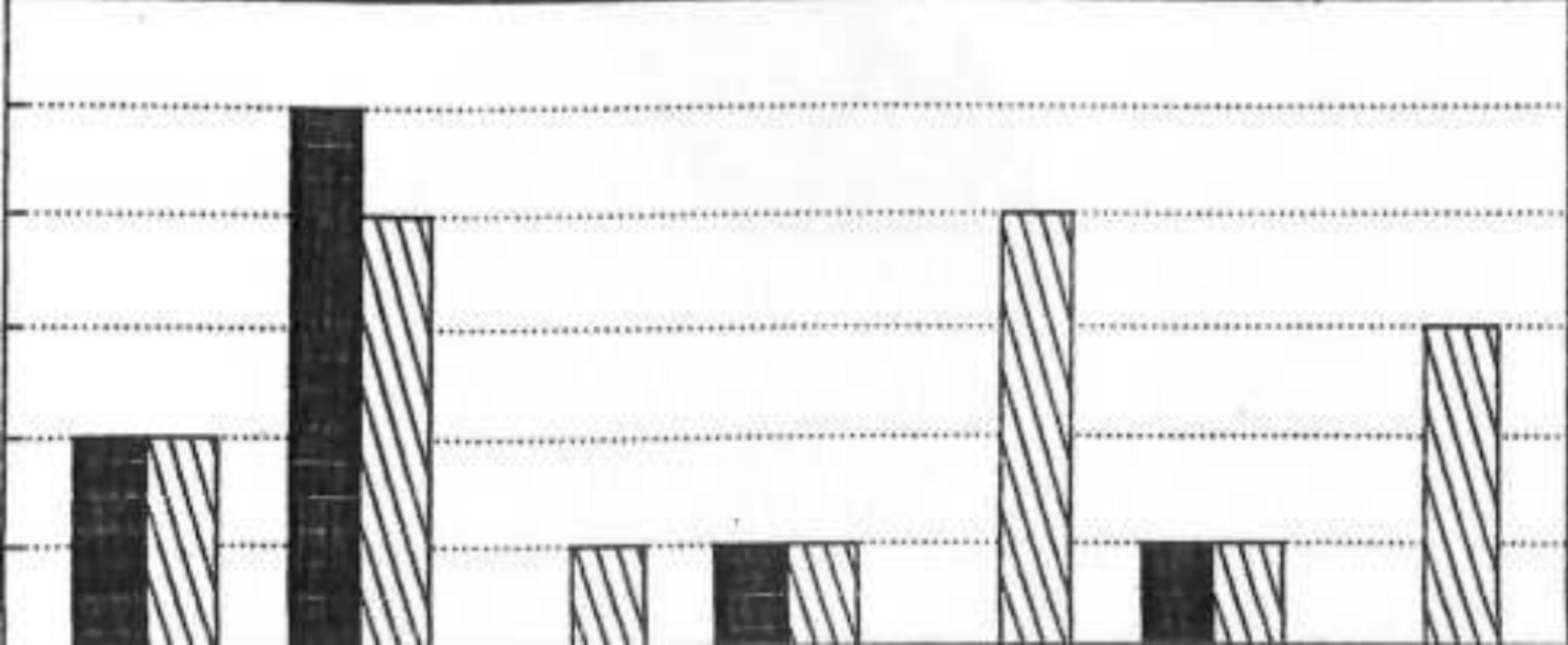
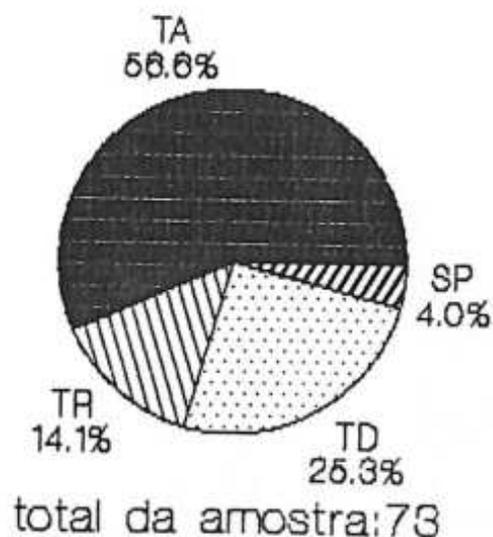


grafico 5

PROFISSOES DE CAPOEIRAS ESCRAVOS

1863

202



TA: trabalhador artesão
TR: trab. de rua
TD: Trab. doméstico

grafico 6

PORTUGUESES E BRASILEIROS

NA CAPOEIRA. 1861-1868

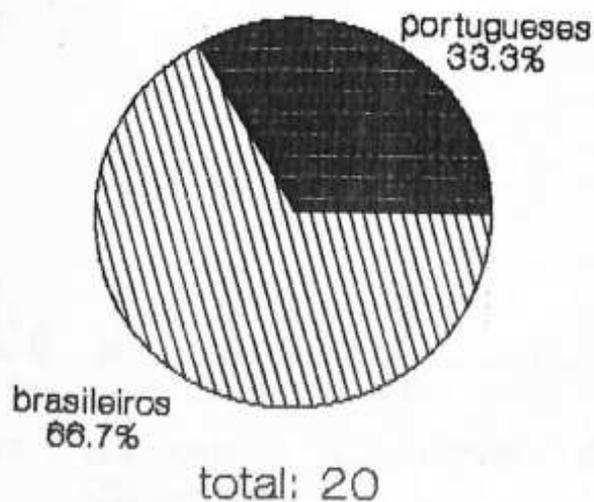


grafico 7
ORIGEM DE CAPOEIRAS LIVRES
1870-1875-1877

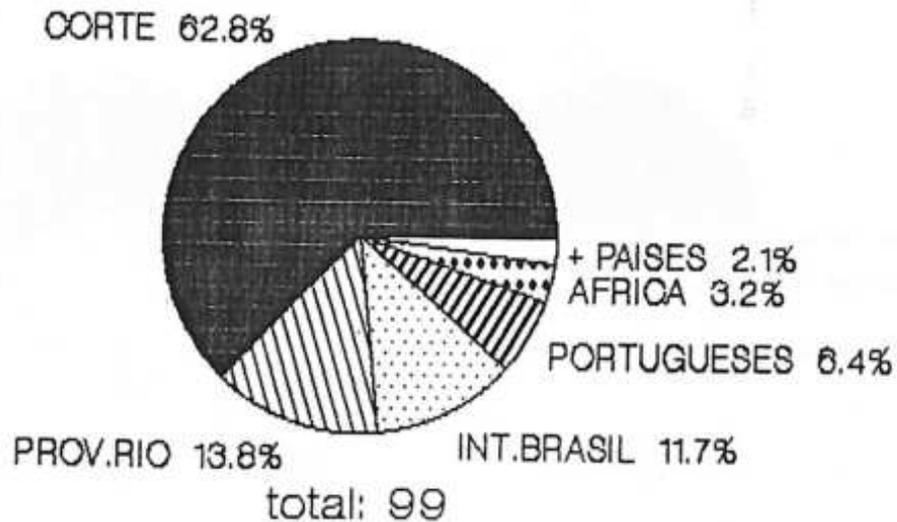
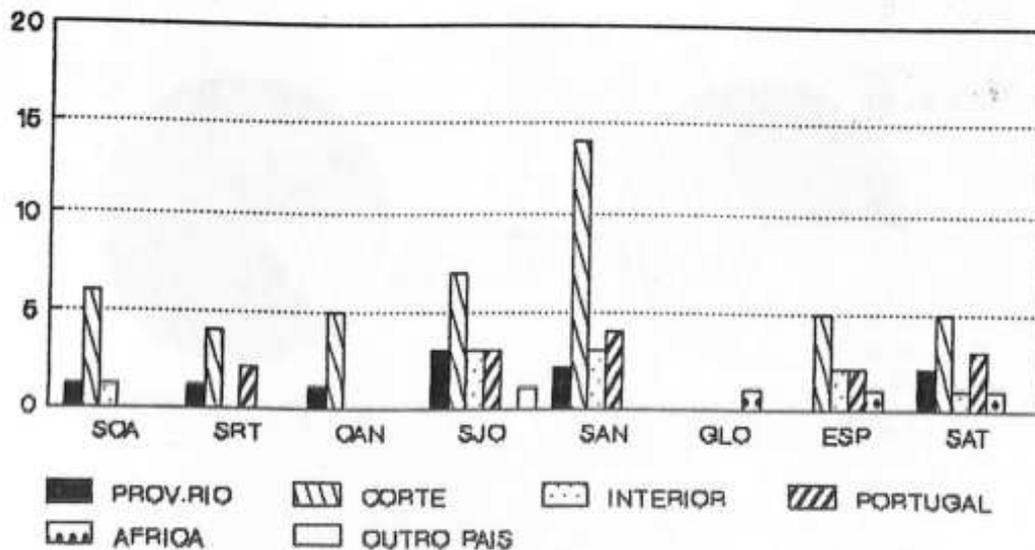
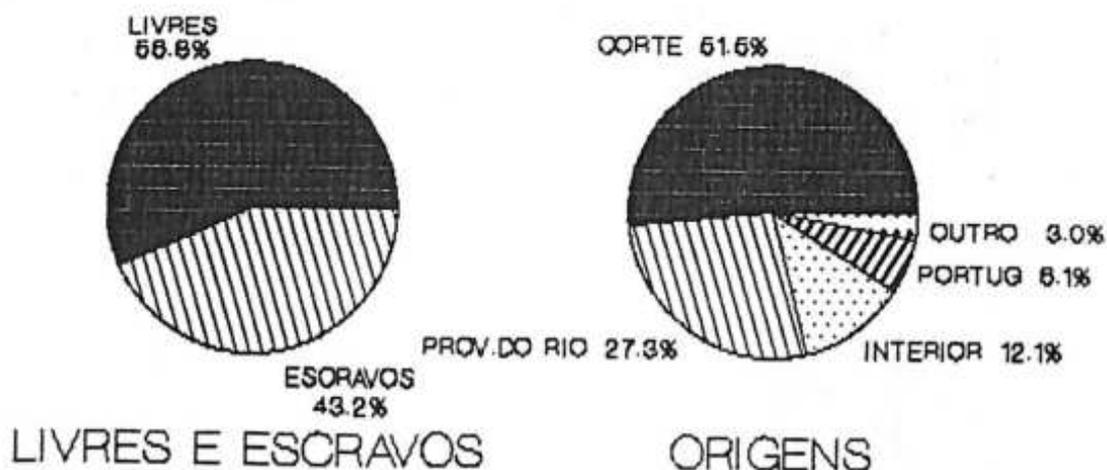


grafico 8
CAPOEIRAS LIVRES POR FREGUESIA
1870-1879



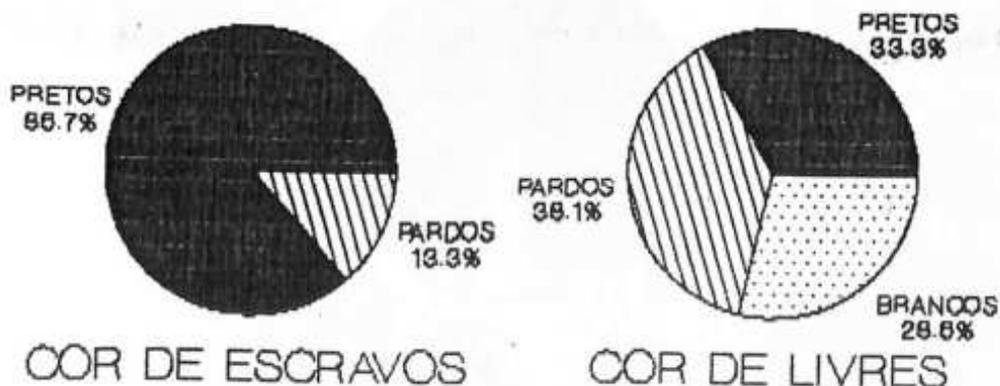
SQA: Sacramento SJO: S. Jose ESP: Esp. Santo
 SRT: Sta. Rita SAN: Santana SAT: S. Antonio
 QAN: Oandelaria GLO: Gloria

grafico 9
MALTAS DE ESCRAVOS E LIVRES.1881:
CONDICAO E ORIGENS



TOTAL DA AMOSTRA: 36

grafico 10
MALTAS DE ESCRAVOS E LIVRES.1881:
COR



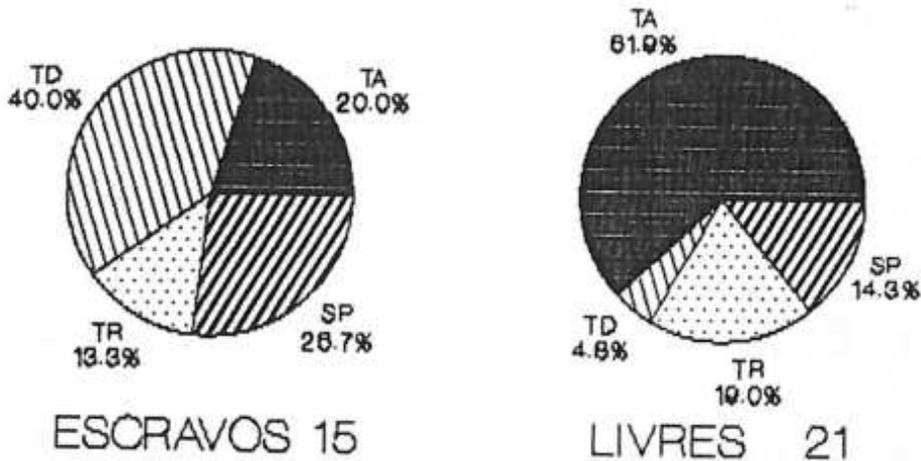
ESORAVOS:16
 LIVRES:21

grafico 11

MALTAS DE ESCRAVOS E LIVRES:1881

OCUPACAO

205

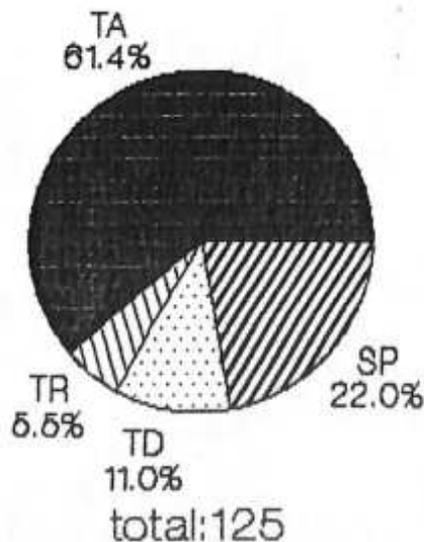


TA:trab. artesão SP:sem profissão
 TR:trab. de rua
 TD:trab. doméstico

grafico 12

CAPOEIRAS LIVRES POR OCUPACAO

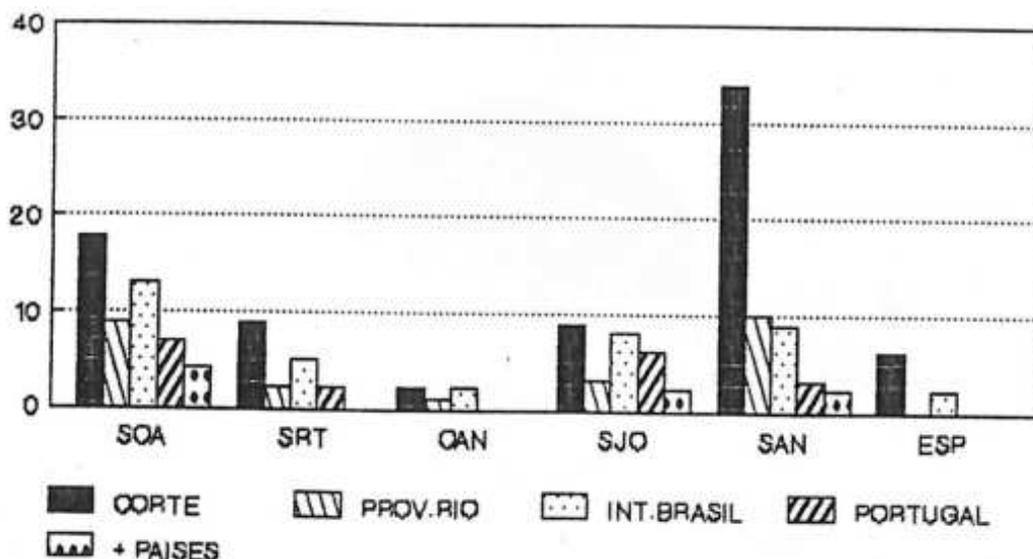
1870-1879



TA:TRAB. ARTESAO SP:SEM PROFISSAO
 TR:TRAB. DE RUA
 TD:TRAB. DOMESTICO

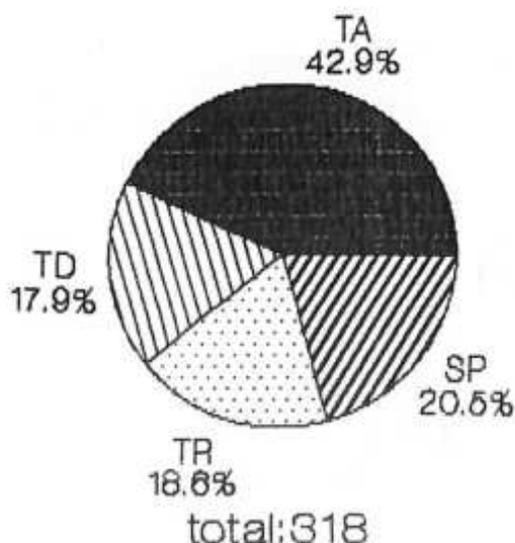
grafico 13
**CAPOEIRAS LIVRES POR FREGUESIA
 1881-1884-1888**

206



SOA: SAORAMENTO SJO: S. JOSE
 SRT: SANTA RITA SAN: SANTANA
 OAN: CANDELARIA ESP: ESPIRITO SANTO

grafico 14
**CAPOEIRAS LIVRES POR OCUPACAO
 1881-1884-1888**



TA: TRAB. ARTESAO SP: SEM PROFISSAO
 TD: TRAB. DOMESTICO
 TR: TRAB. DE RUA

grafico 15
CAPOEIRAS LIVRES POR ORIGEM
1881-1884-1888

207

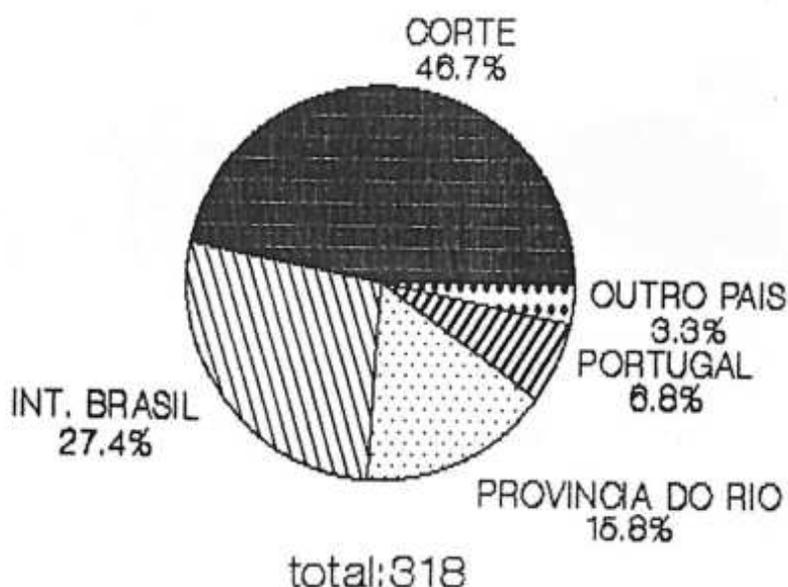
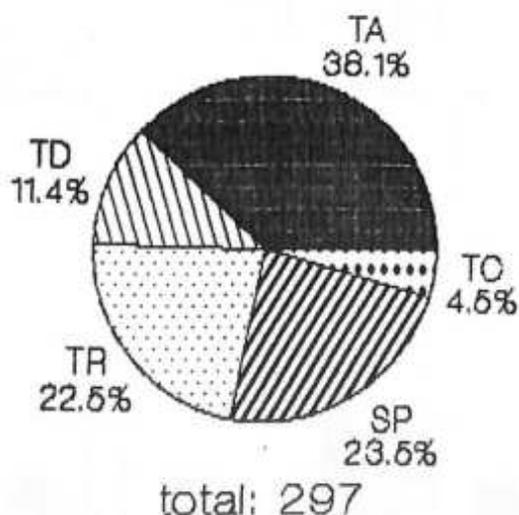


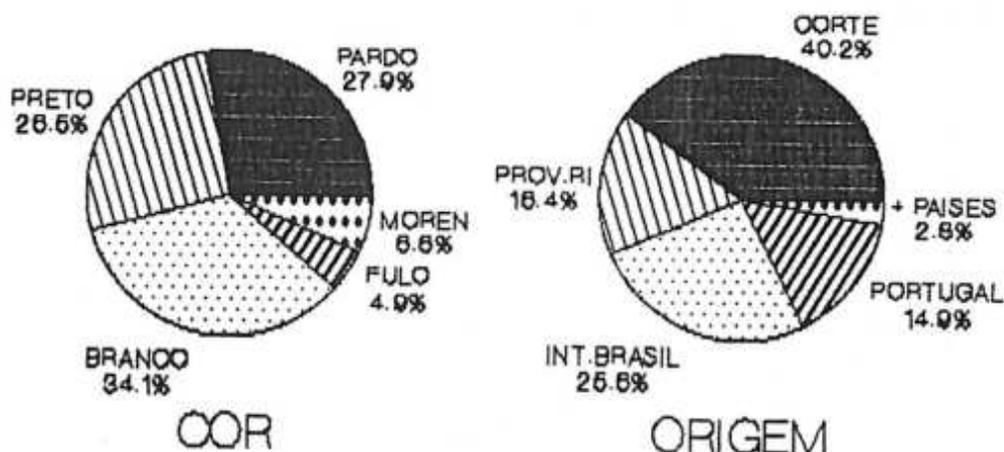
grafico 16
CAPOEIRAS POR OCUPACAO
1890



TA: TRAB. ARTESAO TO: TRAB. DO COMERCIO
 TR: TRAB. DE RUA SP: SEM PROFISSAO
 TD: TRAB. DOMESTICO

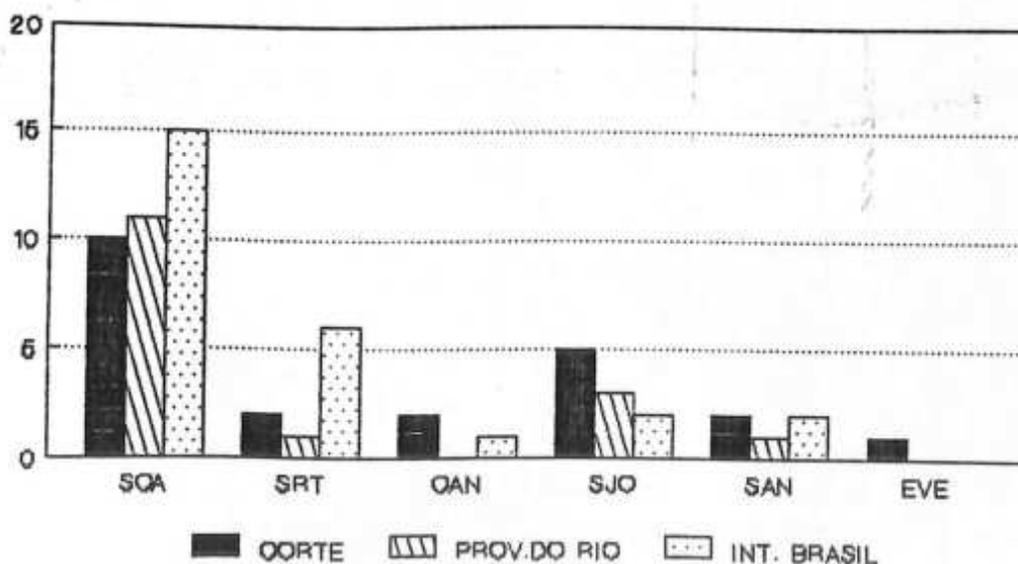
grafico 17 CAPOEIRAS POR COR E ORIGEM 1890

208



TOTAL: 297

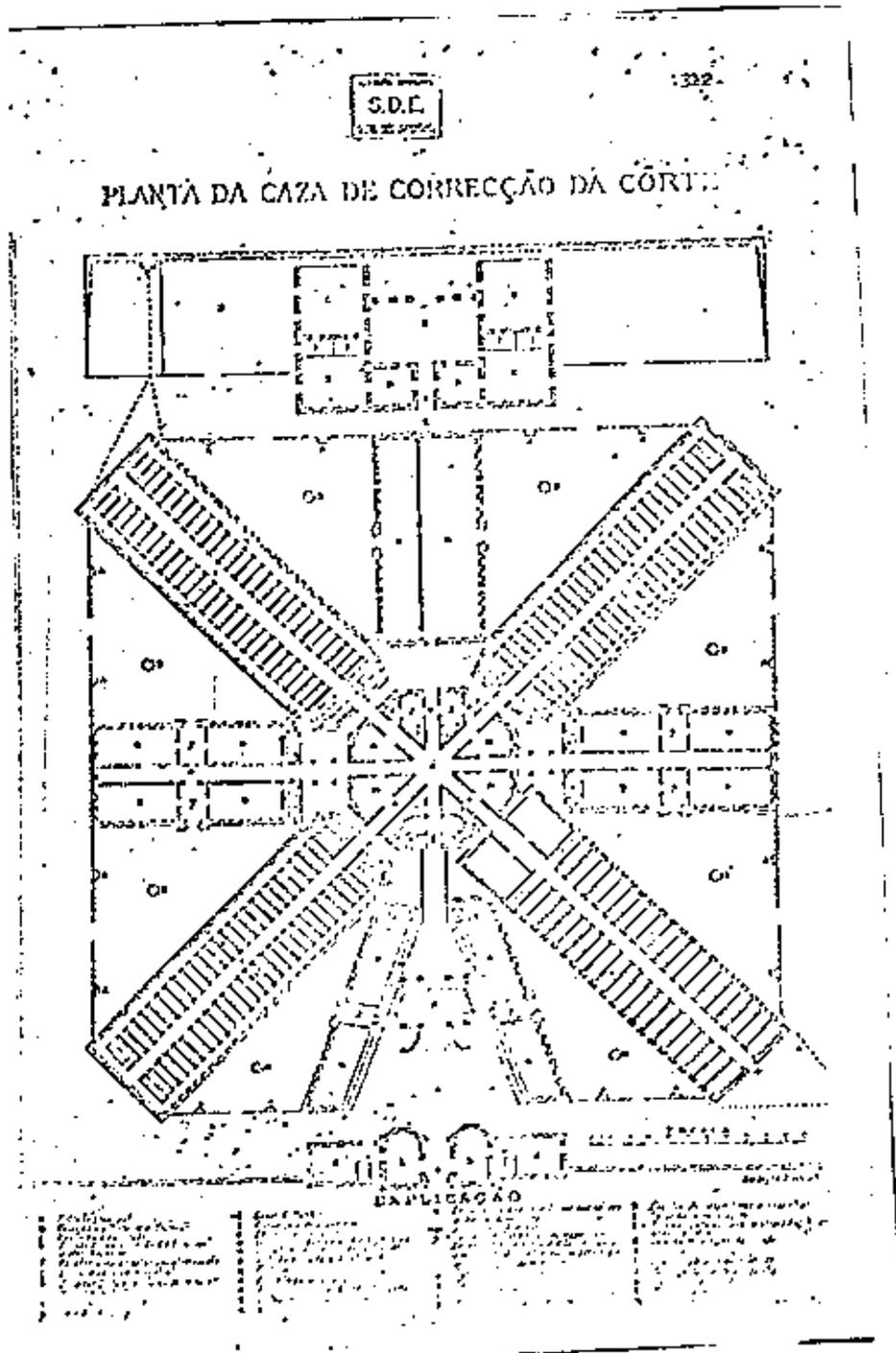
grafico 18 ESCRAVOS CAPOEIRAS POR FREGUESIA 1879-1881



SQA: SACRAMENTO SJO: S. JOSE
SRT: STA. RITA SAN: SANTANA
OAN: OANDELARIA EVE: ENGENHO VELHO

GRAVURA 1

fonte: AUFDERHEIDE, Patricia Ann. *Order And Violence: Social Deviance And Social Control in Brazil, 1780-1840*, Minnesota University, Ph.D., 1976, History, modern, Volume II p.312.



NOTAS DO CAPÍTULO 3

- 1 - *Gazeta de Notícias* 18/02/1878
- 2 - Para uma visão panorâmica das reformas prisionais da era moderna ver o clássico de Michel Foucault *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*, Petrópolis, Vozes, 1977
- 3 - Carta Régia de 08/07/1767 IN AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. *O Rio de Janeiro: História, Monumentos e Homens Célebres*. Rio de Janeiro, Garnier, 1877, p.400
- 4 - ALFDERHEIDE, Patricia Ann. *Order And Violence: Social Deviance And Social Control in Brazil, 1780-1840* Minnesota University Press, ph.D, 1976, History Modern, Volume II, p.311
- 5 - AZEVEDO, Manuel. *op. cit.* p.400
- 6 - FOCAULT, Michel. *op. cit.* p.207-228
- 7 - AZEVEDO, Manuel. *op. cit.* p.411
- 8 - Relatório do Chefe de Polícia da Corte, IN BRASIL - Ministério dos Negócios da Justiça. *Relatório Apresentado à Assembléia Geral Legislativa*. 1857
- 9 - Sobre estrutura policial na virada do século ver BRETAS, Marcos. *A Guerra das Ruas: Povo e Polícia na cidade do Rio de Janeiro*, IUPERJ, 1988
- 10 - AZEVEDO, Manuel. *op. cit.* p. 412
- 11 - A narrativa de João do Rio, feita quase vinte anos depois dos nossos registros, retratam com muita clareza o que era a Casa de Detenção do final do século XIX:

"A galeria é um enorme corredor, ladeado de cubículos engradados. A má disposição de luz, com claridade de frente e dos fundos e a claridade das prisões, dá ao corredor uma perpétua atmosfera de meia sombra. Através dos muros brancos ouve-se o susurro das conversas murmuradas."
- JOÃO DO RIO, *A Alma Encantadora das Ruas* Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1987, p.139
- 12 - Livro de Entrada da Casa de Detenção (L) 3987, Ficha (F) 462, 23/03/1863.
- 13 - KARASCH, Mary C. *Slave Life in Rio de Janeiro 1808-1850* Princeton, Princeton University Press, 1987, p.74

- 14 - L.3967, F.655, *Jornal do Commercio* 18/05/1863.
- 15 - *Diário do Rio de Janeiro* 26/05/1863
- 16 - L.3987, F.677.
- 17 - L.3967, F.668, 25/06/1863.
- 18 - *Ibidem*, Fs. 825, 826 e 827, 14/07/1863.
- 19 - *Ibidem*, Fs. 898 E 899, 14/08/1863.
- 20 - *Ibidem*, F.907, 16/08/1863 e *Diário do Rio de Janeiro* 17/08/1863.
- 21 - *Ibidem*, F.1104, e *Ibidem*, F.791.
- 22 - L.3987, F.4009, 12/03/1863.
- 23 - L.3967, F.857.
- 24 - *Ibidem*, Fs. 1231 e 1232, 23/11/1863.
- 25 - De acordo com KARASCH, Mary. *op. cit.* (Tabela 1.5) em 1832 6,6% dos africanos eram oriundos da África Ocidental (atual Nigéria e região limítrofe) 26% da África oriental (Moçambique) e 66% da África Centro-Ocidental (sul do Congo, Angola). A maior parte dos oriundos da África Ocidental tinham sido reexportados do Brasil, principalmente da Bahia.
- 26 - *Ibidem*, Fs.28, 29 e 30, 05/01/1864.
- 27 - L.3956, Fs. 191,192 e 193, 08/02/1864.
- 28 - L.3956, F.836, 04/07/1868
- 29 - *Ibidem*, F.724 e 726, 08/06/1868
- 30 - *Ibidem*, F.733. 10/06/1868. Existem outros americanos de cor preta, como os presos 1221, 16/10/1868. e 1223, 17/10/1868.
- 31 - *Ibidem*, F.943, 20/08/1868. e *Ibidem*, F.844, 06/07/1868.
- 32 - L.4052, F.1064, 22/11/1870.
- 33 - L.4042.
- 34 - Sobre imigrantes ver o artigo de Luis Felipe Alencastre "Proletários e Escravos: Imigrantes portugueses e cativos africanos no Rio de Janeiro, 1850-1872" IN *Novos Estudos: CEBRAP* No 20, julho de 1988
- 35 - *Ibidem*, F.481, 03/06/1975.

- 36 - Ibidem, F.769, 15/08/1875. Também há o caso de Alexandre (F. 834, 18/08/1875) "suspeito de fugido, jogatina e batuque".
- 37 - F.658, 12/07/1875.
- 38 - F.101 a F.104, 24/01/1875.
- 39 - L.4040, Fs.812 e 1026.
- 40 - L.4617, 04/08/1879.
- 41 - Ibidem, F.1539, 11/11/1879.
- 42 - Ibidem, F.1570, 19/11/1879.
- 43 - Ibidem, F.1739, 22/12/1879.
- 44 - Ibidem, F.610, 07/05/1880.
- 45 - Ibidem, F.215, 10/02/1880.
- 46 - Ibidem, F.135, 26/01/1880.
- 47 - Ibidem, Respectivamente F.316, 03/03/1880 e F.1269, 25/09/1879.
- 48 - L.3965, F.4390 e F.4403 ambas de 24/12/1879.
- 49 - HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. (orgs.) *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984."Introdução: A Invenção das Tradições".
- 50 - L.3959, F.1806, 22/04/1884.
- 51 - Ibidem, F.1922, 30/04/1884.
- 52 - Ibidem, F.1956, 01/05/1884.
- 53 - Ibidem, F.2315, 23/05/1884.
- 54 - L.3792, F.3333, 21/07/1884.
- 55 - Ibidem, F.3533 e F.3536, 06/08/1884.
- 56 - Ibidem, F.3696 e F.3697, 14/08/1884.
- 57 - Ibidem, F.3727 e F.3728, 16/08/1884.
- 58 - L.3979, F.5808 e F.5809, 29/11/1884.
- 59 - L.3992, F.2730, 18/06/1884.

- 60 - Ibidem, F.2924, 29/06/1884.
- 61 - Ibidem, F.5988, 15/12/1884.
- 62 - José Eça da Cunha, réu, Caixa 61, processo 8, Arquivo Judiciário.(AJ)
- 63 - L.4053, F.874, 20/02/1881.
- 64 - L.4046, F.2229, 21/04/1881.
- 65 - L.3974, F.4497, 20/09/1881.
- 66 - L.3704, F.3704, 30/07/1881.
- 67 - Ver nota 62.
- 68 - L.4057, F.2573, 28/04/1888.
- 69 - Ibidem, F.2681, 10/05/1888.
- 70 - Ibidem, F.2689, 11/05/1888.
- 71 - Ibidem, F.2670 a F.2675, 14/05/1888. Curioso que Paulo tenha sido preso por tentativa de estelionato.
- 72 - Ibidem, F.3000, 16/06/1888.
- 73 - Domingos Soares Calçado, réu, caixa 23, processo 17, ms. AJ.
- 74 - L.4057, F.2778, 24/05/1888.
- 75 - Ibidem, F.3205, 03/07/1888.
- 76 - Ibidem, F.3304 a 3336, 12/07/1888.
- 77 - L.4321, F.4147, 27/11/1889.
- 78 - Ibidem, F.4277, 10/12/1889.
- 79 - BRETAS, Marcos. *A queda do Império da Navalha e da Rastrelas: A República e os Capoeiras* ms. Casa de Rui Barbosa, 1989.
- 80 - L.4321, F.4640, 31/12/1889
- 81 - Ibidem, F.4278 e F.4284, 10/12/1889
- 82 - Ibidem, F.4410, 13/12/1889.
- 83 - Ibidem, F.9, 02/01/1890.
- 84 - Ibidem, F.36, 04/01/1890 (Capítulo II, nota 33)

- 85 - Ibidem, F.104, 10/01/1890.
- 86 - L.4322, F.923, 02/03/1890.
- 87 - Ibidem, F.915, 02/03/1890.
- 88 - Ibidem, F.1398 e F.1399, 08/04/1890.
- 89 - Ibidem, F.1419, 09/04/1890.
- 90 - Ibidem, F.1530, 17/04/1890.
- 91 - L.3760, F.1712, 05/05/1890.
- 92 - Ibidem, F.1774 e F.1775, 10/05/1890.
- 93 - Ibidem, F.1952 e F.1981, 26/05/1890.
- 94 - Ibidem, F.2004 a F.2023, 28/05/1890.
- 95 - Ibidem, F.2021, 11/06/1890. e F.2007, 17/06/1890.
- 96 - Ibidem, F.2257, 17/06/1890.
- 97 - L.3982, F.2860, 10/08/1890.
- 98 - Ibidem, F.2887 e F.2888.
- 99 - Ibidem, F.3028 e F.3041, 25/08/1881.
- 100 - Ibidem, F.3426, 02/10/1890, ver nota 3, Capitulo 5.

CAPITULO IV

**DOS FADISTAS E GALEGOS:
OS PORTUGUESES NA CAPOEIRA**

*O fadista que é fadista
A jeito o ferro manobra
Metendo a mão aos arames
Dá facada como cobra.(1)*

No dia 26 de novembro de 1860 um jovem imigrante português atravessou o grande portão de ferro da Casa de Detenção da Corte sobre o qual, naqueles tempos idos, se lia o dístico - *REGNANTE PETRO II* .(2) Gregório da Rocha Moreira, 17 anos, sapateiro, natural do Porto, filho de Manoel da Rocha Moreira e de Ana Maria de Jesus, morador na rua de São Diogo, fora enviado à Casa de Detenção pelo próprio Chefe de Polícia da Corte. Seu crime: capoeira. Gregório ficaria um longo tempo experimentando a "hospedagem" da Casa. Somente em 20 de abril de 1861, quase cinco meses depois de seu encarceramento, ele poderia reaver sua liberdade.(3)

Nove de agosto de 1890. Chega ao Ministério das Relações Exteriores uma correspondência remetida pela Embaixada Portuguesa no Brasil. Era uma reclamação consular, assinada pelo próprio representante do governo luso. Anexada a ela havia um petição-com a assinatura dos mais importantes negociantes portugueses da cida-

de. Encabeçando a lista de nomes ilustres estava a assinatura do que seria, provavelmente, o comerciante de mais "grossa fortuna" da cidade do Rio: Joaquim José Reis.(4)

O protesto diplomático e a mobilização dos mais importantes negociantes "a retalho" da cidade do Rio tinha um só objetivo: denunciar a prisão e tentar barrar a provável deportação do súdito português Antonio Joaquim Pereira Martins, preso como capoeira e gatuno no dia 12 de julho.

Antonio Joaquim, 29 anos, nascido em Braga, negociante, morador na rua São Leopoldo 99,(5) estava incluído numa relação de 48 portugueses que também seriam banidos do território nacional, segundo determinações do Chefe de Polícia.(6). O protesto visava também barrar a expulsão desses compatriotas.

Em seu ofício o Cônsul português afirma não acreditar que Antonio Joaquim fosse gatuno. O representante de Lisboa pede a opinião do Chefe de Polícia do Distrito Federal e sua presença no caso.

Em sua resposta Sampaio Ferraz afirma que Antonio Joaquim fora preso no 2º Distrito da freguesia de Sacramento. Além da acusação de capoeira ele fora reconhecido por quatro agentes da polícia como gatuno e "explorador do conto do vigário" (segundo o mesmo documento "meio de furtar"). De acordo com Sampaio Ferraz ele já recebera ordem para deixar o território nacional.

Apesar das alegações de agentes da polícia de que ele já fora envolvido em casos de roubo, na freguesia de Sacramento ou em São Cristóvão, para o Cônsul aquela prisão tinha uma clara natureza política. No dia 12 de julho Joaquim Antonio estava num

botequim na rua Senhor dos Passos quando um policial passou pela porta no momento em que o acusado "censurava os atos da policia". Este teria sido o motivo da prisão, apesar da acusação de que ele fora preso na rua do Rezende por furto, tendo sido obrigado a assinar, na ocasião, Termo de Bem Viver, documento que obriga o individuo a conseguir ocupação, sob pena de prisão.

A petição dos comerciantes lusos e o protesto do representante de Lisboa no Brasil condenavam a deportação como medida extrema, especialmente contra alguém com comércio e família estabelecida. Aos poucos os poderosos negociantes conseguem aliados.

O objetivo da ação conjunta dos negociantes e do consulado de Portugal era convencer o Ministro das Relações Exteriores a pressionar o Chefe de Polícia que, em sua campanha para banir a capoeira do Rio de Janeiro, iniciada nos primeiros dias do novo regime republicano, vinha dedicando especial atenção aos imigrantes portugueses envolvidos com maltas de capoeiras.

Poucos meses antes já tinha havido um confronto entre o Ministro das Relações Exteriores, Quintino Bocaiuva, e o Chefe de Polícia, por conta da prisão de um afamado capoeira, filho de um dos mais ricos representantes da colônia lusa no Rio, o Conde de São Salvador de Matosinhos. Esse capoeira, José Elycio dos Reis, conhecido como Juca Reis, fora enviado à Fernando de Noronha em 1º de maio, no rastro de uma crise que quase causa a primeira renúncia ministerial do Governo provisório do General Deodoro da Fonseca.

O Ministro da Justiça, Manuel Ferraz de Campos Sales, entrou na questão e ordenou ao Chefe de Polícia que libertasse o

português mas que o mantenha sob vigilância. O Ministro das Relações Exteriores voltou a pressionar seu companheiro da pasta da Justiça pela liberdade do imigrante luso. O Cônsul português enviou outro ofício à Quintino Bocaiúva, reiterando seu protesto.

Nada adiantava. Sampaio Ferraz não arredava pé de pôr fora do território da República o negociante. Em resposta enviou ao titular da pasta da justiça os testemunhos de diversos agentes dando conta da "vida pregressa" do imigrante: o alferes Leopoldo Magalhães confirma a acusação de ladrão e "passador do conto do vigário". O sargento do 2º Batalhão do Regimento Policial, João Alves Rodrigues de Moura, afirma ter conhecido Antonio Joaquim como "capoeira e gatuno".

A correspondência confidencial entre os ministros das Relações Exteriores e o da Justiça confirma que as pressões para libertar o negociante luso ainda corriam no final de agosto.

O 3º Delegado, provavelmente obedecendo ordens de Sampaio Ferraz, devolveu requerimento do próprio Ministro da Justiça no qual este pede pela liberdade de Antonio Joaquim, alegando que ele era "honesto e trabalhador", além de proprietário de um botequim. O delegado confirmou a expulsão a culpa do acusado.

Mas os negociantes não desistiram. Joaquim José dos Reis enviou ofício ao Cônsul pedindo a intervenção até de Sua Majestade, o rei de Portugal, em favor de um súdito preso "ilegalmente" na Casa de Detenção do Rio de Janeiro e intimado a sair do país. Sua versão difere dos policiais em pouca coisa: na noite de 12 para 13 de junho, embriagado, Joaquim Antonio criticara a polícia em voz alta, e por isso fora levado à estação policial do Largo

de São Domingos, onde, alguns policiais, velhos inimigos, criaram a história de que ele era "gatuno". Remetido à Casa de Detenção por ordens expressas de Sampaio Ferraz, ali o lusitano ainda pode articular os mecanismos do compadrio e da solidariedade pátria que ligavam os imigrantes portugueses no Brasil.

Esses negociantes ainda confirmaram por escrito a honestidade do compatriota encarcerado. Renovaram o pedido de intervenção do Rei. Agora a falta de provas era o alibi dos companheiros de Joaquim Antonio. As pressões se avolumavam, de dentro e do exterior, contra o responsável pelo policiamento da capital. Acautando ordem direta do Ministro da Justiça, Sampaio Ferraz manda libertar Antonio Joaquim Pereira Martins em 27 de setembro de 1890.

Um dos detalhes mais significativos dessa longa novela é que a acusação inicial do Chefe de Polícia, a de que Antonio Joaquim era capoeira, jamais foi contestada.

Estas duas histórias, separadas por quase trinta anos, e muito diferentes entre si, relatam fragmentos de uma história muito maior, e que teve papel importante na história social e cultural do Rio de Janeiro no século XIX: a presença de imigrantes portugueses nas malhas de capoeiras.

A história da imigração portuguesa no Rio de Janeiro, e do seu papel na vida cultural da cidade no século XIX, tem sido enfocada quase sempre do ponto de vista do conflito e da diferença. Vistos como representantes da dominação colonial que perdurou por trezentos anos, os imigrantes portugueses tem carregado este fardo por muitos anos, dentro e fora dos livros.

Os portugueses eram identificados como colonizadores, exploradores, que abusavam dos preços e estavam sempre ligados ao ódio racial.(7) Detentores de privilégios antigos, eram beneficiados pelo discurso racista em voga no final do século que desprezava o nacional "preguiçoso e indolente" em troca do imigrante "trabalhador e operoso".

Este imaginário teria contribuído para manter a grande maioria dos negros, egressos da escravidão no pós 13 de maio, numa condição de anomia social, fato que explicaria a manutenção de amplas maiorias da população negra na marginalidade.(8)

Nossas hipóteses partem de outro modelo. Para nós a participação maciça de portugueses nas maltas de capoeiras é sinal de um forte processo de intercâmbio cultural entre a população mais pobre da cidade (na esmagadora maioria negra e mestiça nos meados do século) e os imigrantes lusos, que começam a desembarcar em grandes números no país no período pós-1850.

Para nós a chave desse intercâmbio cultural entre a população negra-escrava e os imigrantes portugueses no Rio da segunda metade do século XIX estava no compartilhar de condições de vida e trabalho extremamente próximas. Imigrantes portugueses e a população negra da Corte dividiam um mesmo nicho ocupacional, e por vezes moravam no mesmo cortiço, assistiam as mesmas festas, usavam as mesmas roupas, e morriam das mesmas epidemias.

Mas, além dessa proximidade social e econômica uma insólita ligação cultural contribuiria para entendermos a adaptação rápida do elemento português recém chegado ao jogo da violência urbana, onde o capoeira tinha presença destacada. Ai entramos na

figura sincrética do fadista.

I

O FADISTA

O primeiro estudioso a demonstrar a proximidade cultural entre os portugueses de classe baixa e os capoeiras cariocas da metade do século foi Marcos Bretas em seu artigo sobre a representação de 1890. Em rápida passagem ele descreve esse fenómeno:

A forte presença portuguesa no meio da capoeiragem chama atenção para a forte semelhança com a boemia popular de Lisboa do século XIX: os fadistas. Um cronista português da virada do século chega a afirmar que os capoeiras são os fadistas do Rio de Janeiro. Unidos na tradição de brigas e conflitos, fadistas e capoeiras compartilham a arena de predileção, a navalha.(9)

Mergulhando nessa pista pudemos perceber com maior nitidez a forte proximidade que une indivíduos separados por tantos quilómetros de mar. O primeiro espanto fica na visualização dos dois tipos sociais em seus trajes típicos: calças de boca-de-sino, cabalós em bandós (soltos, desalinhados), chapéu desabado, sapatos de salto de prateleira para o fadista lusitano, equivalem às calças largas, paletó saco desabotoado, camisa de cor e chapéu de feltro do capoeira carioca descritos na narrativa clássica de Alexandre Mello Moraes Filho.(10)

Quem era o fadista? Personagem destacado da marginalidade lisboeta do século XIX ele fazia parte, junto com as prostitutas, marinheiros, vagabundos e nameiras, do universo do 'Bas Fond' lusitano. Realça aí a primeira similitude entre os dois tipos culturais alegados: tanto o capoeira como o fadista eram produtos de

uma incipiente sociedade urbana do século XIX, e também filhos da marginalidade citadina.

Assim, fadista e capoeiras compartilhavam uma mesma origem: subprodutos de uma sociedade urbana desigual e violentamente excludente, eles simbolizavam um universo cultural singular e único.

O fadista era personagem inevitável da crônica policial lisboeta, e se destacava não somente pelo canto do fado, hoje símbolo maior da cultura portuguesa, mas pela forma singular de luta, caracterizada pelo uso da navalha e pelos golpes de agilidade paralelos aos por nós já conhecidos:

A navalha era o instrumento predileto da expansão do gênio e o argumento decisivo nas disputas e rixas. Um inglês fleumático mas assustado, de passagem por Portugal, escrevia a propósito: "A maioria dos portugueses venera a navalha com a ternura de uma arma nacional. Ela o é de fato e os registros policiais dão enloqu岸tes provas de sua ação. Segui com atenção os movimentos de um desordeiro e vereis que as mãos procuram instintivamente os bolsos onde a navalha espera o momento de intervir"...Certos locais a polícia não ia com receio de andar em bolandas diante do bico dos sapatos e do bico das facas da frandulagem.(11)

O cronista Tinop, como era conhecido o jornalista João Pinto Ribeiro de Carvalho em sua coletânea sobre a história do fado estabeleceu o paralelo entre os capoeiras e os fadistas, como também notaria Bretas mais tarde:

Como os *mâitres en fait d'armes* do século XVIII falavam de papo em esgrimaduras de espadas, também ele [o fadista] fala de cadeira no tocante a esgrima da navalha, que maneja com virtuosidade, pinchando baileiros, pulando com ginásticas felinas de tigre, fazendo "escovinhas", riscando a preceito.

Os fadistas do Rio de Janeiro são os capoeiras. Tem ha-

vido alguns notabilíssimos pelas proezas.(12)

O duelo entre Manduca da Praia e Sant'Anna e Vasconcelos selou o encontro entre o Fadista da Mouraria e o Capoeira Nagôa.(13) Agora eles caminhariam juntos, tendo como palco as ruas movimentadas da capital do Império Brasileiro.

A gíria do fadista, para completar a união (ANEXO 2), guarda extraordinárias semelhanças com o jargão das camadas populares da sociedade fluminense, como poderemos no vocabulário dos capoeiras, registrado no Capítulo II (ANEXO 1)

"Sardinha", "Rasteira", "Ginga", são alguns dos extraordinários paralelos entre a fala do fadista e a gíria da capoeiragem carioca. Essa proximidade reforça a idéia de um fundo cultural comum unindo navalhistas de ambos os lados do Atlântico.

Outro personagem da fauna das ruas lisboetas que guarda parentesco na Corte era o marialva. Burguês acostumado a frequentar o submundo, ou filho de famílias aristocráticas que percorre a sarjeta, ele era um ponto de união entre os salões da camada dominante e a vigorosa cultura de rua dos bairros boêmios de Lisboa. A cíclica repressão policial que se abatia sobre a vida noturna lisboeta era motivada pela reiterada presença desse personagem, como bem afirmou um contemporâneo:

O que tem a ver a policia com o desleixo paterno que permite que a sociedade dourada de Lisboa prefira, muito a seu talante, a tarina da esquadra ao fofo colchão do lar doméstico? Em vez das aulas preferem os bilhares; em vez da vida passada na família preferem os prostíbulos; as batotas ao curso superior; a vadiagem aos empregos honestos...Marialva era quase-sinônimo de estroina. Os vadios de estirpe - aristocratas de meia tijela - para estes marialvas tanto fazia jogar num sa-

lão ricamente mobiliado à luz de cem velas de spermacetti como apontar numa baiúca iluminada por velas de sebo e com um vigia à porta para dar sinal quando se (aproximava) a polícia...(14)

O mais famoso Marialva da Corte do Rio foi José Elysió dos Reis, mais conhecido por Juca Reis, filho de importante família lusitana, e do qual falaremos mais tarde.

II

O ENGAJADO

Façamos a travessia. O fim do tráfico atlântico de africanos, e a enorme demanda de cativos para as fazendas próximas do Vale do Paraíba fluminense, então vivendo o apogeu do café, levou as autoridades e homens de negócio da Corte a pensarem urgentemente a substituição da mão de obra urbana.

A imigração lusitana, oriunda principalmente das ilhas dos Açores, foi o recurso mais perto para trazer braços para a cidade. De acordo com o artigo de Luiz Felipe Alencastro sobre a imigração portuguesa no Rio de Janeiro de meados do século(15), os primeiros imigrantes portugueses chegados por volta de 1850 vieram com o objetivo de ocupar os espaços antes tomados pelos escravos urbana.

O desembarque em massa de açorianos no Rio de Janeiro teve início quando o tráfico africano clandestino ainda era vigoroso. Denúncias surgiram de que navios empregados no tráfico africano eram também usados no transporte de imigrantes portugueses, e em idênticas condições.(16)

Aqui desembarcados os imigrantes lusos não deixavam de so-

frer as iniqüidades de uma sociedade formada pelo trabalho escravo. De 1850 a 1872 o principal termo que designava um imigrante português pobre era *engajado*.(17) Ao embarcar num "negreiro" um jovem açoriano, geralmente com idade entre 13 e 17 anos (a mesma idade em média de um africano importado), "assinava" um contrato com o capitão do navio pelo qual, em troca da passagem, este teria de trabalhar na nova terra com um senhor escolhido pelo capitão.

A imensa maioria de analfabetos nesse momento testemunha os sinais da fraude, que muitas vezes acontecia. No novo mundo o capitão entregava o passe do *engajado* para um proprietário ou negociante que precisava de trabalhadores, e por meio da compra do passe, que significava o preço da viagem, este adquiria o trabalhador.

As semelhanças com a escravidão não terminam por aí. O *engajado* teria que pagar a soma da sua viagem com trabalho gratuito, cuja duração, logicamente, era estipulado pelo senhor. Em grande parte dos contratos este tempo chegava a três ou cinco anos. O imigrante que se evadisse do trabalho antes de terminado o "contrato" entrava na categoria de fugitivo, um aparente exclusivo da escravidão negra.

Os registros da Casa de Detenção guardam episodicamente fichas de imigrantes portugueses presos por "fugido", um aparente paradoxo explicado pelas peculiaridades do trabalho "livre" numa sociedade marcada pelo cativo.

A grande maioria dos portugueses adolescentes que desembarcaram na cidade entre 1850 e 1872 morriam após três anos de

chegados ao Brasil, vítimas da febre amarela, as péssimas condições das moradias, as jornadas extenuantes de trabalho. Para os imigrantes chegados neste período a experiência da imigração se aproximava de muitas formas do regime das senzalas. As constantes denúncias de "Escravidão Branca" veiculadas pelo "Jornal" do Comércio são candente testemunho desse drama.(18)

Os imigrantes mudam a vida da cidade. O êxodo português em massa para o Rio coincide com o nascimento do cortiço, a moradia precária que se tornou típica da miséria urbana da segunda metade do século XIX(19). A primeira menção policial ao cortiço é de 1856, e os relatórios do Chefe de Polícia da Corte desde essa data reforçavam ano a ano a necessidade de legislar sobre a matéria ou coibir os abusos de proprietários desinteressados da saúde pública da cidade. O cortiço era visto pelas autoridades do tempo como o lugar primordial do imigrantes portugueses:

Na falta de posturas municipais que providenciem a respeito das casas denominadas - Cortiços - que existem em quase todas as ruas da cidade, e onde reside a grande maioria de estrangeiros, principalmente Portuguezes, e de artistas naturaes do paiz, tam-se esforçando a policia em adoptar medidas convergentes não só a manter a ordem nesses lugares habitados por pessoas de educação e costumes *menos ajustados* (grifo nosso), e por isso propensas a praticar atos reprovados mas também garantir a salubridade.(20)

Um censo realizado em 1856 (21) mapeou a população portuguesa habitante dos cortiços naquele ano (ver TABELA 1). Cerca da metade da população moradora em cortiços (51,9%) era de origem portuguesa, onde os nacionais estavam em clara minoria (35%). A freguesia com maior quantidade de imigrantes era Santa Rita

(31,7%) seguido por Santo Antonio (24,7%). Infelizmente não havia dados para Santana.

De qualquer maneira podemos perceber como os lusitanos se concentravam nos pontos mais centrais da cidade. Essa distribuição vai ter implicações profundas na geografia da capoeira.

Os portugueses imigrantes tinham também lugar cativo nas estatísticas criminais. Todos os relatórios do Chefe de Polícia da década de 1860 foram concordes em registrar maior número de crimes cometidos por estrangeiros do que nacionais, estrangeiros esses em esmagadora maioria provenientes de Portugal.(22)

Quem era esse português imigrante? A tradição deixou uma imagem que se solidificou na memória: largos bigodes, tamancos, um emprego de caixeiro arranjado no além-mar, aversão pelos nacionais apesar de apetite pelas mulatas, uma tenacidade de trabalho a toda prova, laborioso mas mesquinho no trato, sóbrio e econômico, que enviava todo mês suas economias para a terra natal, e desonesto na relação com fregueses nacionais, além de só prestar favores para compatriotas.

Essa visão, marcada no imaginário popular, alimentou durante muitos anos o anti-lusitanismo xenófobo que vez por outra explodia pela cidade.(23)

As fontes coletadas sobre as duas primeiras décadas da imigração em massa retrata um imigrante português muito diferente desse descrito pela tradição.

O relatório do Diretor da Casa de Correção da Corte enviado em 1872 é um exemplo magnífico dessa leitura. Revelando que os portugueses representavam muito mais de 50% dos estrangeiros de-

tidos na Casa, e em número superior aos próprios brasileiros, e que em grande parte eles eram condenados por crimes "contra a propriedade" (roubos, assaltos, arrombamentos, etc.) ele desfia sua preocupação com o destino desses jovens estrangeiros, que engrossavam as estatísticas criminais:

Como sabemos moços até imberbes avultão na massa de emigrantes (sic) dessa nação, e que aqui chegados não tem, por via de regra, quem os guie, quem lhes reprimas as paixões próprias dessas idades, quem finalmente os sustenha no plano inclinado do vício e do crime. (24)

A visão tradicional do português morigerado, e que pode contar com a proteção de conterrâneos enriquecidos, decantada pelos cronistas de época, como no romance de Aluizio Azevedo *O Cortiço*, é rompida, nas palavras de uma autoridade incumbida de conviver diariamente com a marginalidade, em troca de um imigrante turbulento e potencialmente perigoso para a ordem social.

Muito cedo independentes, com dificuldade, sujeitão-se ao que delles razoavelmente exigem seus patrões; em pouco tempo as casas commerciaes, concededoras dos desregramentos delles, os repellem, e eil-os com a miseria em perspectiva; ora, se o homem já feito, e mesmo de espirito tanto ou quanto cultivado, algumas vezes claudica, o que será desses, a quem tudo falta na terra estrangeira. [grifo nosso], desses que eu poderia chamar verdadeiros orphãos!

Tenho observado que o amigo ou conhecido de outr'ora poucas vezes, ou quasi nunca visita o condenado; este facto tem-se dado mesmo com homens que fora deixarão relações firmadas em sólidas bases, como o seja o dever de gratidão. Dos parentes só a mãe faz excepção constante a esta quasi regra; depois della a mulher e os filhos. (25)

Se mesmo adultos tinham dificuldade em acionarem os mecanismos de solidariedade na "colônia", quanto mais jovens na puberdade-

de ou na adolescência, oriundos de zonas rurais, completamente despreparados para enfrentar uma metrópole como a cidade do Rio de Janeiro, e desassistidos dos mecanismos do patriarcalismo e proteção, apanágio de uns poucos vindos dos grandes centros e do circuito do comércio.

Soltos da Detenção ou da Correção buscavam os canais nativos de socialização, na medida que aqueles ligados aos seus compatriotas eram fechados pela mácula do crime e da delinqüência:

Cumprida a pena, depois de ficar por maior ou menor espaço de tempo segregado do resto do mundo, sahe o condenado com algumas dezenas de mil réis provenientes do saldo do seu pecúlio. O desar e a ausência tem produzido a indiferença, senão o desprezo dos antigos conhecidos. Sigamol-o. Vê-se atirado de chofre no meio desta grande cidade, ebrio das sensações tão naturaes a quem sahio á pouco do cativeiro; vitima dos gatunos e jogadores, provocado pela torpe cobiça das mulheres perdidas, attrahido pelos espectáculos públicos ao alcance da bolsa d'elle, pelos cafes cantantes, casas de pasto e de bebidas, fabricas de cerveja, onde á luz profusa do gás tocão bandas de música. (26)

A imagem que nos vem á mente é a do débil camponês, de pés descalços, camisa de meia e chapéu roto, jogado numa cidade de pretos e pardos, vulnerável as mais simplórias propostas de crime e ganho, e disposto a fazer parte do primeiro grupo que lhe abrir espaço. A "Cidade Negra" estava pronta para tragar o perdido açoriano, no quadro desenhado pelo Diretor da Correção:

Em poucos dias exhaurem-se os pequenos recursos que levara, ninguém o guiou, e menos agora alguém o guia. Pelo contrário, o cardume de vadios e ratoneiros, que infestão a cidade, o attrahe como que por força centrípetta, realizando-se que muitas vezes acontece, serem applicáveis ao mundo moral as leis que regem o mundo fisico.

Esta seria a trajetória do simplório camponês açoriano antes de entrar nas maltas. De "galego", português tíbio e despreparado, ele estava pronto a se tornar "fadista".(27). É bem verdade que muitos fadistas já vinham "formados" da terra, e pela experiência adquirida nos grandes centros, como Lisboa e Porto estavam mais tarimbados para enfrentar as vicissitudes da grande metrópole. Mas tanto um como o outro convergiam para as maltas em busca da solidariedade e da socialização que lhes era negada pelos compatriotas abastados e o Estado repressor.

O português capoeira não só se adaptou ao novo mundo que surgia à sua frente. Ele também influenciou esse mundo. talvez o maior sinal da presença lusa na capoeira esteja na generalização da navalha como símbolo desta nas últimas décadas do século.

« Enquanto a capoeira era limitada pela condição escrava, na primeira metade do século XIX, o uso de navalha era tão comum como estoques, pedras, ou qualquer outro instrumento de agressão. O símbolo da capoeira, e que funcionava como sinal da habilidade típica era a cabeçada, descrita por algumas autoridades como a "principal arma do capoeira".(28)

A navalha, que por volta de 1890 era o esteriótipo da capoeira, tanto que seu simples porte já atribuía ao seu portador o estigma de "capoeira", tinha sido na Portugal dos fadistas também um símbolo. Como podemos ver na profusão de gírias para nomear a navalha (ANEXO 2), esta era em Portugal do século XIX quase um fetiche, um simbólico da "Mouraria lisboeta".

Pensamos que a generalização simbólica da navalha foi um

resultado da presença maciça de portugueses nas maltas, que já traziam da terra natal a "sardinha" guardada no bolso.(29)

Outra proximidade que haveria entre africanos, crioulos e portugueses era a predileção pela vida urbana. Deslocados de sua terra muitas vezes para alimentar de braços as fazendas de café do sudeste, os lusitanos demonstravam todo o tempo seu desapego à vida rural, e sua pretensão de fazerem fortuna ou criarem raízes nos centros urbanos, entre os quais a Corte despontava. A sua experiência no campo muitas vezes dava a tônica da sua insatisfação, que vez por outra resultava em rebeliões, brigas e fugas. Como os africanos, os portugueses percebiam a cidade como espaço privilegiado da troca e da sociabilidade, que permitia colocar em prática planos e projetos inviáveis no estreito ambiente das fazendas.(30)

Luis Edmundo, com sua linguagem peculiar, sintetizou a atração que a urbs despertava na alma lusitana:

No campo não há peste. Sabem todos disso! Mas a cidade os fascina. Preferem ficar. E morrer, sonhando as riquezas dos que voltam com as algibeiras pejudas de libras, obesos e comendadores. O balcão, promissor, os embriaga, os seduz. Que importa, por isso, a peste da cidade imunda que apodrece ao sol?...

Há senhores de fazendas, de sítios e de chácaras distantes que vão a bordo [dos navios de imigrantes] oferecer a essa gente trabalho, garantia de um viver tranquilo, ao abrigo da peste, dinheiro. E a lavoura próspera, entre árvores copadas e arroios cantantes. Ar sadio.

Campo? Dão-lhe as costas. Era o que faltava!

Do campo vêm eles e de campo estão fartos, o campo que só lhes dá suor, fome aflição.

-Não queremos.

-E a peste?

-Que importa a peste! Não queremos!

Não querem. Não são mais lavradores. Não querem mais a função prosaica de cavoucar a terra. Não dá gló-

ria e fortuna o enxó e o arado. Pois não foi sempre assim?... (31)

A "peste" era a febre amarela, que começava a dizimar na Corte no exato instante que se iniciava a imigração em larga escala. A grande maioria das vítimas eram os jovens portugueses. E Luís Edmundo ainda quem fala:

São cartas para lá e sempre escritas por mãos estranhas, porque eles, os pobrezinhos, não as sabem escrever. Somos nós aqui, que a maldita "amarela" de preferencia escolhe, deixando os da terra. Por quê? Outra: O Mano Manuel apanhou-a e de tal sorte que lá se foi, coitado. Morreu como um passarinho! E ainda mais outra: Do nosso conselho vieram 30, só restam dois - eu e o Augustinho. O resto foi-se... (32)

As relações entre os imigrantes portugueses e a população negra na cidade do Rio de Janeiro eram marcadas pela ambigüidade. Ao mesmo tempo que havia a troca simbólica e cultural, testemunhada pela participação maciça nos registros de prisão de capoeiristas (ver GRAFICO 6, cap. III), havia o conflito pelo mercado de trabalho, onde lusitanos e escravos disputavam as mesmas áreas e as mesmas ocupações. E o que fica claro numa greve de escravos carregadores, de nação Mina, em 1872, que, lutando por melhores preços para seus serviços com os proprietários, acabam se engalfinhando com trabalhadores livres brancos da estiva, com toda certeza portugueses:

ATAQUE DE BARBAROS. Os pretos carregadores também fizeram sua "parede", mas à moda da Costa da Mina, isto é, ao som do cacete e de gritarias quasi selvagens. A causa foi terem exigido mais 20 réis pelo carrato de carne seca aos negociantes do género, e terem estes deliberado substituí-los por homens livres. Hontem à tarde, de-